

Eduardo Alves Covas ✓

O OLHAR FOTOGRÁFICO DE FRANCISCO BRANDÃO ✓

Este exemplar é a redação final da
Dissertação defendida pelo Sr. **Eduardo
Alves Covas** e aprovada pela Comissão
Julgadora em **28/02/2005**

Prof. Dr. Fernando Cury de Tacca ✓
- Orientador -

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Multimeios do Instituto de
Artes, da Universidade Estadual de
Campinas, para obtenção do título de Mestre
em Multimeios. ✓

Orientador: Prof. Dr. Fernando Cury de
Tacca. ✓

Campinas

2005

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO I.A. – UNICAMP

C837o Covas, Eduardo Alves.
O olhar fotográfico de Francisco Brandão. / Eduardo Alves
Covas. – Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador: Fernando Cury de Tacca.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Artes.

1. Francisco Brandão 2. Portugal-História. 3. Memória.
4. Fotografia. I. Tacca, Fernando Cury de. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Photography – Memory

Área de concentração: Fotografia

Titulação: Mestre em Multimeios

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fernando Cury de Tacca

Prof.^a Dr.^a Iara Lis Schiavinatto

Prof.^a Dr.^a Maria Eliana F. Paiva

Prof. Dr. Adilson José Ruiz

Prof. Dr. Luiz Eduardo Robinson Achutti

Agradecimentos:

Agradeço especialmente ao meu professor orientador, Dr. Fernando Cury de Tacca. Um grande mestre, um grande amigo.

Minha vida em Campinas permitiu o encontro com três grandes mulheres: Marina Leal, que com suas filhas Gabriela e Maria me receberam em sua casa; Marli Marcondes, responsável pela área de conservação de fotografias do Centro de Memória da Unicamp, que me deu a oportunidade de me tornar conservador de fotografias; e Patrícia Rodolpho, companheira de mestrado e grande amiga.

Muito tenho que agradecer a todos do Centro de Memória da Unicamp, meu local de trabalho e de formação por um bom período, e que me permitiu encontrar e trabalhar com meu objeto de estudo, as fotografias de Francisco Brandão. Denise Camargo, Maria Helena, Ricardo, André, Professora Doutora Olga Von Simson e tantos outros.

Agradeço aos professores integrantes de minha banca de qualificação, Adilson Ruiz e Iara Liz e a todos os demais professores do Departamento de Multimeios com os quais tive contato durante o mestrado. Agradecimentos também à professora Clementina, docente da Pós-graduação em História, pelo exemplo de como deve ser uma boa aula.

A todos do Museu da Imagem e do Som de Campinas e em especial a Eliana Mota, dona de um grande coração, minha fiel companheira de trabalho junto às fotos do MIS.

Agradecimento especial a minha família, tia Rita e irmãos.

Meus especiais agradecimentos também a todos de Piracaia, principalmente a Ailton Brandão, que me acolheu com toda a simpatia, paciência e boa vontade do mundo. A sua irmã, Maria Eugênia Brandão Leo, e a Dona Julieta, agradeço as preciosas informações resultantes de nossas conversas.

Finalmente, agradeço a todos que de alguma maneira participaram de minha vida nesses cinco anos de Campinas.

Resumo:

Francisco Brandão, português emigrado para o Brasil no final do século XIX, foi farmacêutico e teve a fotografia como segunda atividade. A pesquisa intitulada “O olhar fotográfico de Francisco Brandão” tem por objetivo identificar a formação desse olhar e de como ele se manifesta na produção e na recepção das imagens produzidas por Brandão. Para isso, analisa-se a história de Portugal e de Piracaia, cidade para onde se mudou ao vir para o Brasil, e estuda-se o conjunto de sua obra fotográfica, formal e tematicamente. No último capítulo discute-se a memória relacionada com a fotografia, tomando-se como ponto de partida a Coleção Brandão e seu tratamento arquivístico.

Palavras-chave: Fotografia amadora, Fotografia e memória, Francisco Brandão, Piracaia.

Abstract:

The Portuguese Francisco Brandao , migrated to Brazil at the end of the XIX century. Although he was a druggist, he had Photography as a secondary activity. The research entitled “The Photographic eye of Francisco Brandao” aims to help us identify this “eye” and how it is reflected in the production and capture of the images made by him. For such, a historical analysis of Portugal and Piracaia (his landing city when he arrived in Brazil,) becomes necessary along with the gathering of his work, formal and theme based. In the last chapter a discussion is raised of his memory related photographic work as a starting point to Brandao’s collection and his archivist treatment.

Key words: Amateur Photography, Photography and Memory, Francisco Brandão, Piracaia

Lista de figuras:

Figura 01	Rio Cachoeira. 1902 - AB 303 ¹	30
Figura 02	Legenda não atribuída, sem data – AB 052.	43
Figura 03	Francisco Brandão, cerca de 1910 - AB 121.	43
Figura 04	Legenda não atribuída, sem data - AB 143.	44
Figura 05	Praça do Rosário, com Igreja do Rosário à esquerda e mercado à direita ao fundo, sem data - AB 268.	45
Figura 06	Rua Antônio Vito da Luz - FB 396*.	45
Figura 07	Rua Marechal Deodoro, 1928 - AB 190.	46
Figura 08	Hotel Piracaia; Rua Cel. Thomaz Cunha - FB 466.	46
Figura 09	Legenda não atribuída, sem data - AB 069.	47
Figura 10	Legenda não atribuída, sem data - AB 239.	48
Figura 11	Legenda não atribuída, sem data - AB 252.	48
Figura 12	Padre Antonio Gonçalves FB 110.	49
Figura 13	Legenda não atribuída, sem data - AB 049.	51
Figura 14	Ao centro, Dr. Joaquim Barbosa, juiz de direito - FB 073.	52
Figura 15	Esposa e filho de Francisco - AB 135.	53
Figura 16	Em pé, Joaquim Brandão; à esq., Francisco Brandão, com Maria Antonia Brandão ao colo; à dir., Caetano Brandão, com Vidinha Brandão ao colo, 191_ - AB 099.	53
Figura 17	Esposa e filhos de Francisco Brandão - AB 133.	54
Figura 18	Filhos mais velhos de Francisco Brandão - AB 269.	54
Figura 19	Francisco Brandão, 26/02/1894 - FB 906.	55
Figura 20	Francisco Brandão, sem data - FB 071.	55
Figura 21	Rua Dr. Alípio Cândido Ferreira, sentido bairro-cidade, sem data - FB 387.	56

¹ Sendo a sigla AB referente às fotos que estão sob a guarda do Sr. Ailton Brandão em Piracaia, e FB à “Coleção Família Brandão”, sob a guarda do Centro de Memória da Unicamp.

Figura 22	Rua Marechal Deodoro, com a Farmácia Brandão à direita, sem data - FB 370.	56
Figura 23	Rua Silvino Guimarães, sem data - AB 204.	57
Figura 24	À direita, Rua Bragança; à esquerda, Rua Leonor Franco; casa do Dr. Heitor ao fundo, sem data - AB 210.	57
Figura 25	Alfaiate Pedrinho - FB 112.	58
Figura 26	Interior da Farmácia Popular; à esq. Francisco Brandão; à dir. Caetano de Carvalho - FB 788.	59
Figura 27	Farmácia Popular, sem data - FB 761.	59
Figura 28	Grupo reunido em frente à Farmácia Brandão - FB 907.	60
Figura 29	Grupo reunido na Praça do Rosário, sem data - AB 180.	60
Figura 30	Legenda não atribuída, sem data - AB 251.	62
Figura 31	Família Brandão, 190_ - AB 095.	63
Figura 32	Legenda não atribuída, sem data - AB 158.	64
Figura 33	Legenda não atribuída, sem data - AB 233.	64
Figura 34	Legenda não atribuída, sem data - AB 181.	65
Figura 35	Francisco Brandão e família em seu quintal, 190_ - FB 254. ...	65
Figura 36	À esquerda, Caetano de Carvalho, sem data - AB 283.	67
Figura 37	Reunião campestre, sem data - AB 240.	67
Figura 38	Legenda não atribuída, sem data - AB 235.	68
Figura 39	Legenda não atribuída, sem data - AB 142.	68
Figura 40	Cavallhada, 1896 - FB 784.	69
Figura 41	Legenda não atribuída, sem data - AB 281.	70
Figura 42	Congada, sem data - FB 365.	70
Figura 43	Procissão, Rua José dos Santos, sem data - AB 223.	71
Figura 44	A chegada do circo, sem data - AB 218.	71
Figura 45	Fórum, sem data - AB 231.	72
Figura 46	Legenda não atribuída, sem data - AB 080.	72
Figura 47	Cemitério, sem data - FB 304.	73

Figura 48	Segundo sentado à direita, Tomás Cunha; quarto, Joaquim Barbosa; na porta, padre da cidade; criança, Caetano Brandão - FB 095.	73
Figura 49	Legenda não atribuída, sem data - AB 215.	74
Figura 50	Francisco Brandão com seus filhos em frente à farmácia - FB 791.	75
Figura 51	Reunião em frente à farmácia, sem data - AB 006.	75
Figura 52	Francisco Brandão, sem data - AB 120.	76
Figura 53	Legenda não atribuída, sem data - AB 243.	76
Figura 54	Francisco Brandão, sem data - AB 128.	77
Figura 55	Carnaval do Grupo Cachoeirense, 1901 - AB 273.	77
Figura 56	À esquerda, Francisco Brandão; à direita, Caetano de Carvalho, com dedicatória, 05/08/1900 - AB 290.	78
Figura 57	Maria Eugênia Peçanha Brandão, sem data - FB 009.	96
Figura 58	Filhos de Caetano Brandão, sem data - FB 643.	96
Figura 59	Filhos de Caetano Brandão, sem data - FB 203.	97
Figura 60	Sogro de Maria Eugênia Brandão, sem data - FB 259.	97
Figura 61	Legenda não atribuída, sem data - FB 367.	97
Figura 62	Julia Godoy, sem data - FB 422.	98
Figura 63	Legenda não atribuída, sem data - FB 246.	98
Figura 64	Piracaia, vista Parcial, sem data - FB 428.	99
Figura 65	Filhos de Francisco Brandão com a avó materna, sem data - AB 157.	138
Figura 66	Ailton, José, Otaviano, Lourdes, Maria Eugênia Brandão, sem data - FB 451.	138
Figura 67	Caetano Brandão, esposa e filhos, sem data - FB 486.	138
Figura 68	Francisco Brandão e netos Maria Eugênia, José Brandão, José Carlos, sem data - FB 504.	138
Figura 69	Maria Eugênia com filha ao colo, Ailton, Lourdes, Francisco Brandão com Francis entre as pernas, sem data - FB 532.	139

Figura 70	Francisco Brandão rodeado pela Família Caetano Brandão e Cândido de Almeida Franco, sem data - FB 663.	139
Figura 71	Francisco Brandão com filhos sem data - FB 697.	139
Figura 72	Francisco Brandão e netos, sem data - FB 703.	139
Figura 73	Natal da família Caetano Brandão, 25/12/1937 - FB 885.	140
Figura 74	Francisco Brandão, amigos e filhos em frente à farmácia, sem data - AB 005.	141
Figura 75	Francisco Brandão e amigos em frente à farmácia, sem data - AB 008.	141
Figura 76	Legenda não atribuída, sem data - AB 024.	141
Figura 77	Legenda não atribuída, sem data - AB 027.	141
Figura 78	Chegada do circo, sem data - AB 220.	142
Figura 79	Marujada, sem data - AB 222.	142
Figura 80	Legenda não atribuída, sem data - AB 251.	142
Figura 81	Rua Coronel Tomás Cunha, sem data - FB 103.	142

Entrevista com o Sr. Ailton Flávio Peçanha Brandão.....	103
Entrevista com Julieta Mendes Amaral.....	116
Entrevista com Maria Eugênia Peçanha Brandão Leo.....	125
Imagens referentes às entrevistas de Ailton e Maria Eugênia Brandão..	138
Imagens referentes à entrevista de Julieta Amaral.....	141

INTRODUÇÃO:

A pesquisa que agora se apresenta tem como objetivo discutir o olhar fotográfico de Francisco Brandão.

Este estudo começou na verdade há alguns anos, quando eu trabalhava no Arquivo Iconográfico do Centro de Memória da Unicamp. Lá fui apresentado a uma coleção que não correspondia muito ao perfil do arquivo, um grande conjunto de negativos e alguns positivos originais provenientes de Piracaia, datados do final do século XIX a meados do século XX. A questão que primeiro se impôs foi: o que estaria fazendo um acervo fotográfico referente a Piracaia num centro que tem como objetivo primeiro a guarda e o estudo da história de Campinas?

Ao percorrer a coleção, outras várias perguntas se apresentaram. Quem teria sido o fotógrafo, ou os fotógrafos que produziram tantas fotografias, e isto num lugar que até hoje conserva seus ares de cidade pequena? Como se poderia entender aquele corpo de imagens, com temas os mais variados, que abrangem um intervalo de tempo de pelo menos três gerações?

Essas e outras questões fizeram com que eu me lançasse nesta pesquisa. Mas as respostas que comecei a obter foram muito além de minhas perguntas iniciais. E aqui cabe dizer que, se houve algo de extremamente prazeroso nesta primeira parte do trabalho, foi acompanhar diversos testemunhos/ documentos voltando, por assim dizer, à vida; foi a sensação de ser agente e observador de documentos/ fragmentos, tanto imagéticos quanto literários ou orais, que por minhas mãos e com um pequeno esforço começaram a ter sua potencialidade histórica avivada e, agrupando-se, começaram a formar um fragmento maior, uma panorâmica de um tempo, de um personagem principal e de outros vários personagens que com ele compartilharam suas imagens, sua época, suas vidas.

Para entender a produção fotográfica de Francisco Brandão, o tema central dessa pesquisa, iniciamos então o estudo de seu tempo e de seu meio. Fomos atrás primeiramente das origens de Brandão procurando entender o que se passava em Portugal em fins do XIX, e o que aconteceu para que ele fosse incentivado a emigrar para o Brasil.

No primeiro capítulo, contextualizamos o período histórico em que viveu, trabalhando com a história de Portugal, sua terra natal, a história de Piracaia, cidade em que passa a

viver no Brasil, e sua técnica fotográfica, analisando-a frente aos avanços técnicos e à discussão de estilo, apresentando assim sua biografia.

No segundo capítulo indicamos o caminho que a pesquisa irá prosseguir, analisando e categorizando a produção fotográfica de Brandão. Discorre-se uma análise formal das imagens, atendo-se a sua particularização temática enquanto fotografia amadora.

No terceiro capítulo inicia-se uma discussão sobre a memória e o papel que a fotografia desempenha frente a ela, procurando explicitar o conceito de olhar fotográfico e analisando-se a fotografia enquanto parte da memória individual e coletiva.

No anexo 01 apresentamos a produção fotográfica de Caetano Brandão, filho de Francisco, que também irá se caracterizar como um grande produtor de imagens fotográficas amadoras. No anexo 02 transcrevemos o conjunto das entrevistas realizadas em Piracaia.

CAPÍTULO I

FRANCISCO BRANDÃO E SEU TEMPO

“...A imagem fotográfica é o que resta do acontecimento, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos.”
(KOSSOY)

1 - Portugal, sua cultura, e a formação de Francisco Brandão.

Francisco Ferreira Simões Brandão, cuja produção fotográfica será o tema principal do trabalho que aqui se inicia, nasceu a três de junho de 1873, em Mealhada, Portugal. Brandão nasce num Portugal liberalista, regido por uma monarquia constitucional parlamentarista, que vive um momento de estabilidade política.

1.1 – A monarquia liberal.

Até chegar a esse ponto, a história de Portugal mostrou-se conturbada. Primeiramente temos a formação e consolidação do Liberalismo Monárquico², que irá percorrer um tortuoso caminho, iniciado em 1820, até se afirmar definitivamente em 1834, após uma guerra civil no país.

Tem-se então um período de instabilidade política até que, em 1851, com o golpe militar de Saldanha, instaura-se o clima propenso para garantir a estabilidade do regime. A

² REIS, Antônio do Carmo. *Nova história de Portugal*. Lisboa: Notícias, 1984. p 126 – 144.

SÁ, Vitor de. *Liberais e republicanos*. Lisboa: Horizonte, 1986. p 99 – 100.

CABRAL, Manuel Villaverde. *Portugal na alvorada do século XX – forças sociais, poder político e crescimento econômico de 1890 a 1914*. Lisboa: Regra do Jogo, 1979. p 34 – 40.

TENGARRINHA, José. *História de Portugal*. Bauru: EDUSC, 2000.

estabilidade política corresponde à época da Regeneração, que se caracteriza pelo entendimento entre os dois partidos com real poder em Portugal no momento, o Regenerador e o Progressista, no sentido de uma alternância pacífica no Poder, de acordo com a conjuntura, o que ficou conhecido como Rotativismo. Este novo período irá se manter até o advento da República, no começo do século XX.

A política regeneradora que cobre os reinados de D. Pedro V e D. Luís, conhecida pelo nome de Fontismo graças à marcante figura de Fontes Pereira de Melo, adotou o modelo econômico do liberalismo, ou livre comércio. No campo cultural, Portugal presenciou um grande progresso proporcionado pelas condições políticas e econômicas do liberalismo monárquico. Instaura-se a liberdade de expressão, triunfa o espírito de tolerância e o humanitarismo, florescem as letras, as artes e as ciências, numa mentalidade burguesa de mérito pessoal. Nas universidades mantêm-se em funcionamento as estruturas pombalinas, sendo, contudo, alargados os programas de estudo e criados novos cursos e escolas; o desenvolvimento do ensino superior produz e acompanha um surto científico notável³.

1.2 – A imprensa, os escritores e o poder da pena.

A total liberdade de expressão aparece como a grande conquista do período da Monarquia liberal, e manifesta-se com todo o poder principalmente na imprensa. Vivia-se um novo momento, não só em Portugal, mas no mundo. Nesse novo momento, um novo fator devia ser considerado, a opinião pública. “A percepção social das realidades não é espontânea. Depende dos quadros de referência existentes”, e na sociedade contemporânea, esses quadros “são consistentemente criados e ajustados pelos meios de comunicação e pelas classes de letrados que neles trabalham”⁴. A década de 1870, na qual nasceu Brandão, vê nascer uma nova geração de escritores inseridos nos meios de comunicação, dos quais a imprensa era a grande representante do período, ganhando os dois, imprensa e escritores, um grande destaque.

³ REIS, op.cit., pp 137-138.

⁴ RAMOS, Rui (coord.). MATTOSO, José (dir.) *História de Portugal: A segunda fundação (1890-1926)* v.6. Sem local: Estampa, 1993. p. 31.
A obra de Rui Ramos será a referência maior para o panorama da história e da vida cultural de Portugal no período estudado.

A imprensa era:

“... o principal mecanismo de um universo em que os negócios públicos tinham saído do segredo das cortes para a praça pública por onde passava o povo soberano. A imprensa era a ‘democracia’, a nova medida de todas as coisas. Não só vulgarizava informações até aí reservadas... como produzia noticiários com o que acontecia ao povo”.⁵

O principal veículo da imprensa no momento era o jornal, que se apresentava como único meio de comunicação acima da conversa pessoal. Os jornais passaram a ser cada vez mais uma referência quotidiana, tendo a tecnologia facilitado sua expansão, enquanto o preço se tornava mais acessível e a quantidade de informações crescia regularmente.

Os jornais eram abundantes em Portugal. A predominância era do jornal semanal, de pequena tiragem, e em sua maior parte alinhada politicamente. Jornais diários existiam nas grandes cidades, Lisboa e Porto, sendo esses os de maior tiragem no país. Os jornais viviam com as notícias da política, de um bom editorial e do acompanhamento do Parlamento e da Legislação. Apareciam e sumiam rapidamente, mas dentro dessa inconstância os ‘escritores públicos’ tiravam seu sustento. A imprensa representava para seus escritores a possibilidade de sobreviver da escrita, sendo o mundo da editoração de livros praticamente um anexo ao da própria imprensa.

Mas, mais do que um meio de vida, a imprensa dava ao escritor influência política. Em fins do século XIX, ser autor representava um bom caminho para a obtenção de proteção e cargos, além de as letras serem um requisito para o sucesso político. A organização dos partidos políticos era baseada no jornal, ressaltando a importância de se saber escrever, um preceito válido não só para os escritores, mas para todos que queriam ascender a um melhor status social. A escrita era um “... uma espécie de qualificação de todo cavalheiro prendado...”.⁶

A geração de escritores que desponta na década de 70 do século XIX chegará ao fim deste, nos anos noventa, tendo obtido os maiores triunfos sociais e políticos. Levava-se a sério, e era levada a sério, representava a fonte do que todos repetiam. Os ‘dissidentes’, que se sentiam assim não em relação ao povo, mas ao sistema liberal que impedia a unidade

⁵ Ibid., p.52.

⁶ Ibid., p.43.

desse povo, “... constituíam uma classe política cujo instrumento era a imprensa e a literatura...”.⁷

A imprensa e a literatura se concebiam como um elemento de organização da sociedade, e assim foram utilizadas; eis o porque do destaque dado aos escritores e à imprensa na segunda metade do século XIX. A imprensa “... não queria apenas noticiar fatos ou opiniões individuais, mas sobretudo estabelecer a boa opinião, aquela que correspondesse ao ‘espírito do século’. A isso se chamava o ‘apostolado’ da imprensa”.⁸ Graças à ideologia que agora abraçavam os autores, as classes de letrados, entendiam-se como possuidores de uma missão: guiar o povo para um novo mundo.

A ‘Geração Nova’ de escritores junto aos cientistas daquele período tenderam a atuar como um grupo que se definisse não pela profissão de escritor, pela educação ou por uma posição sócio-econômica, mas definido justamente por aquela missão. Entenderam que a revolução liberal e o progresso econômico apresentado até a década de 1870 haviam destituído do povo a tradição católica e monárquica, instituições que até então teriam dado sentido à vida coletiva. Sem esses alicerces, pairava sobre todos a incerteza e a estagnação espiritual, e era preciso substituí-los, guiando a Nação por novos e corretos caminhos.

1.3 – O Positivismo, o Ultimato inglês e o sentimento nacionalista.

Esse posicionamento se deve à leitura de Comte, Proudhon, Spencer, e a adesão à linha de pensamento professada por esses autores, o Positivismo. Em 1880, Positivismo era o nome de muitas coisas diferentes, mas resumia-se numa atitude comum que se popularizava na Europa “...: a idéia de que das técnicas de observação física do século XVII se poderia deduzir um método que permitisse a reorganização da sociedade segundo princípios que, uma vez provados pelos cientistas fossem declarados indiscutíveis”.⁹

O que substituiria a fé perdida nas instituições tradicionais seria, pelo positivismo, a ciência experimental moderna. A fé poderia se tornar então uma disposição natural para crer nos dogmas proclamados por uma autoridade competente, sendo a autoridade representada pelos sábios, que governariam a humanidade seguindo as leis da ‘física

⁷ Ibid., p. 60.

⁸ Ibid., p. 53.

⁹ Ibid., p. 57.

social'. A pátria, ganhando enorme destaque, era o meio próprio para se chegar ao coletivo, "... primeira etapa em direção à concepção da humanidade".¹⁰

O pensamento positivista foi divulgado ao mesmo tempo em Portugal e no restante da Europa, junto ao darwinismo, no final da década de 1860. Entre diversos partidários, encontramos 'dissidentes', republicanos, professores, quando não os três juntos, como no caso de Manuel Emídio Garcia, professor em Coimbra, a escola na qual Francisco Brandão se forma em farmácia quase três décadas depois. Os intelectuais portugueses, escritores, cientistas e sábios de idéias avançadas se beneficiaram da falta de censura, com a imprensa publicando-os largamente, e com a possibilidade de trabalhar nas instituições públicas, inclusive com cargos no governo, ou ensinando nas escolas superiores de Coimbra e de Lisboa, praticamente dominando o espírito dos jovens.

O certo é que "... entre os intelectuais portugueses, o positivismo tinha assumido a preponderância de um molde de pensamento que orientava os letrados na criação de um estado de espírito coletivo".¹¹ Seu precursor em Portugal foi Teófilo Braga, que se inspira mais do que segue Comte para traçar os rumos do positivismo português. O objetivo primeiro era a Nação, e para tanto era necessário desenvolver uma identidade coletiva. Para que esse sentimento coletivo surgisse, era necessário um arrebatamento do povo, era preciso criar uma comoção cívica. O principal meio de se chegar a ela foi o culto às figuras ilustres, a comemoração da memória dos homens que tinham contribuído para a 'evolução mental' da sociedade, o que em Portugal significava o culto aos grandes homens das Letras. Em 1880, com as comemorações do centenário de Camões, começaram a por em prática os métodos que, acreditavam os positivistas, levariam à formação de uma nação portuguesa.

Mas o acontecimento que se esperava, que se acreditava capaz de causar a comoção pública e transformá-la em comoção cívica, necessária para que o povo se unisse num sentimento coletivo, acontece em 1890, ano marcado pelo *Ultimatum* inglês. Em relação a suas colônias, Portugal passa a enfrentar o interesse colonialista que outras nações passam a ter em relação a suas possessões na África, lembrando que os portugueses já haviam perdido as terras brasileiras com suas riquezas e seu mercado. Acaba perdendo, no

¹⁰ Ibid., p. 63.

¹¹ Ibid., p. 64.

Ultimato, o território compreendido entre as fronteiras interiores de Angola e Moçambique para a Inglaterra, o que atrairia o vexame sobre o governo monárquico.¹² “Frente às pressões do imperialismo britânico, o governo de Lisboa foi intimidado a ordenar a retirada das guarnições portuguesas em África no território compreendido entre as fronteiras interiores de Angola e Moçambique. Foi isso o Ultimato”.¹³

A instituição que até então concentrava a devoção cívica, a Monarquia, mostrou-se incapaz de representar esse novo nacionalismo. A arte de governar começava a requerer, objetivamente, a existência de uma nação.

As várias manifestações contra o Ultimato inglês já se caracterizaram como manifestação patriótica. Em 1890, “... a exaltação patriótica era já uma instituição no País, era uma instituição moderna, que escapava aos quadros tradicionais da monarquia e da Igreja, que durante séculos tinham identificado os habitantes do reino de Portugal.”¹⁴ Com o acontecimento do Ultimato em 1890 e com a crise financeira que o seguiu, mostrou-se a oportunidade para alguns jovens líderes políticos, positivistas, de colocarem em prática a idéia de uma ‘vida nova’, contra 40 anos de ‘vida velha’ dos transformistas. A paz e progresso daquele período eram interpretados agora como conformismo e ruína.¹⁵ A Vida Nova pregava um Estado orgânico, sendo ele o mais poderoso agente de civilidade e de progresso e devendo ganhar importância frente ao aumento de ambos.

A cultura burguesa, profundamente urbana, e dentro da qual foi criado Francisco Brandão, havia ganhado contornos cientificista e materialista, afastando-se da espiritualidade – influenciada também por um forte anticlericalismo – e caminhando para o Laicismo, modo de ver e analisar as questões e o mundo sem interferência de explicações sobrenaturais ou do magistério da Igreja católica. Depois de 40 anos de “... propaganda socialista no romance e no teatro, a maior parte dos homens ricos...” tinha a compreensão que “... só lhes respeitariam as fortunas se se esmerassem em passar por membros úteis da sociedade, e assim o demonstram as filantrópicas filiações e os serviços cívicos da maioria

¹² REIS, op.cit., p. 136.

¹³ Ibid., p. 137.

¹⁴ RAMOS, op cit., p. 123.

¹⁵ Ibid., p. 123.

deles...”.¹⁶ Para a aristocracia e para a população abastada ou importante, a manifestação patriótica era o prolongamento dos compromissos sociais e cívicos aos quais já se sentia obrigada. Para os patriotas, a questão foi sempre canalizar a agressividade da população em favor da comunidade maior, a da pátria definida pelo Estado.

1.4 – A Revolução do Porto e o movimento republicano em Portugal.

Teófilo Braga propagava a idéia de que a revolução democrática e a refutação do catolicismo eram necessárias como meio de revitalizar a nação, “... e por isso foi republicano, convencido de que era o que Comte teria sido em Portugal...”.¹⁷ Eis que, em 31 de janeiro de 1891, dá-se a Revolta Militar do Porto, uma tentativa de golpe militar republicano. Porém, diferentemente do que havia acontecido no Brasil poucos anos antes, os militares revoltosos portugueses não eram de altas patentes, mas sargentos e soldados, para quem a república era o “... nome mais fácil e mais nobre para a insubordinação”. Para o Partido Republicano, foi a sua maior ousadia antes da proclamação da república em Portugal, a 5 de outubro de 1910.

Na verdade, a revolta foi feita por gente que proclamou a república e até por alguns republicanos, mas o Partido Republicano português pouco teve a ver com a revolta, era um partido sem chefes nem povo. Ao contrário do restante da Europa, onde despontavam líderes republicanos carismáticos, em Portugal os chefes republicanos só estavam dispostos a lutar pela república dentro da lei, respeitando a monarquia. O Partido Republicano nunca tivera uma real autonomia política, servia de ‘muleta’ para a oposição à Monarquia, e não tinha homens tão populares como nos outros partidos. Prospera entre 1880 e 1885, mas vê seu apelo político entrar em declínio após esse período.

Ao mesmo tempo a imprensa republicana em Portugal já havia se afirmado com grande êxito, proporcionado não pelos posicionamentos republicanos, mas por ter sido ela a fundar em Portugal a imprensa marrom, que ganhava leitores em toda a Europa. O selo republicano a autorizava a explorar o noticiário sensacionalista e irresponsável, sempre com a liberdade de expressão característica da época. Primeiramente o jornal ‘O Século’ e

¹⁶ Ibid., p. 72.

¹⁷ Ibid., p. 64.

depois de 1900, ‘O Mundo’, foram jornais republicanos que estavam entre os de maior circulação em Lisboa. Essa imprensa popular, mais do que informar, pretendia entreter.

‘O Século’ merece destaque entre essas publicações, quebrando tradições editoriais e adotando para a sua primeira página o aspecto que tinham os cartazes de publicidade e as proclamações, destacando a principal ocorrência com o título em letras grandes, levando assim a modernidade visual para a imprensa portuguesa de fim de século. Por seu lado, jornais com real ideário republicano, doutrinários, tinham pouca leitura. Depois de 1890 surge uma legislação visando um controle maior da imprensa, com proibições a determinadas referências e alusões, mas mesmo essa legislação não foi aplicada com rigor, não afetando realmente a liberdade de imprimir e escrever.

Com a reação ao Ultimato surgem, de fato, muitos republicanos, mas republicanos desprezavam o partido e os seus líderes. Em fins de 1890 a revolta contra os líderes do Partido Republicano chegava mesmo a ser quase tão grande como a revolta contra a Monarquia. Nas manifestações de rua, puseram-se à frente os estudantes das escolas superiores de Lisboa, Porto e Coimbra, e “... em breve se sentiam mais republicanos do que os republicanos...”.¹⁸ O Partido Republicano demonstrava, por sua vez, uma “absoluta impotência subversiva”. Foi à revelia da direção republicana de Lisboa que se fundou em Coimbra o Clube Republicano Acadêmico, em dezembro de 1890, e que se organizaram carbonárias¹⁹ para preparar uma revolução.

As fontes nos informam que Francisco Brandão deixa Portugal no início de 1896, logo após a conclusão de seu curso de farmácia, o que provavelmente aconteceu em fins de 1895. Podemos ver, num retrato oferecido aos pais, uma dedicatória em que Brandão, então com quase vinte e um anos, declara um pedido de perdão “... de todos os dissabores que vos tem feito passar”, e assina “Seu filho amado obediente e respeitoso – Francisco – Lisboa 25/2/94”²⁰. Podemos inferir que, se não fez parte diretamente da fundação do Clube Republicano em Coimbra, ao menos Brandão teve a oportunidade de tomar contato com esse grupo logo no início de sua vida acadêmica. Talvez possa até ter participado da prisão

¹⁸ Ibid., p. 190.

¹⁹ Sociedades secretas e revolucionárias.

²⁰ “Offerece a seus queridos e bondosos Paes a quem pede perdão de todos os dissabores que vos tem feito passar seu filho am^o. obediente e respeitoso. Lisboa, 26/2/94, Francisco”. Fotografia FB 906, verso.

do emissário mandado por Alves da Veiga, líder da revolução do Porto de 1891, aos estudantes de Coimbra, pedindo-lhes ajuda para a dita revolução que se iniciava. Por total falta de organização e informação por parte dos revolucionários, o agente foi recebido como um espião provocador, e preso pelos acadêmicos²¹.

A revolução do Porto, o primeiro grande ato republicano em terras lusitanas, durou aproximadamente seis horas e se extinguiu. Os militares revoltosos foram derrotados por forças numericamente inferiores, por sua desorganização e por falta de objetivos e estratégias concretos. O acontecimento não teve desdobramentos, a reação oficial foi muito burocrática e seus participantes não sofreram grandes repressões, como era de se esperar, e a Revolta do Porto foi reduzida pela imprensa a “... uma manobra de irresponsáveis”. As organizações republicanas não foram afetadas, nem os próprios jornais.²²

Mas então, se nem mesmo os personagens da Revolução do Porto sofreram graves sanções pela tentativa de golpe contra a Monarquia Portuguesa, por que então Brandão teve que deixar Portugal às pressas cinco anos mais tarde?

Em 1893 o governo perdia seus liberais, e parecia ele próprio perdido. Quem sobe ao poder no momento são os políticos que haviam bebido nas fontes positivistas. Mas o positivismo que tentam instaurar não acredita na república como meio de conciliar e unir a nação em torno de uma causa comum. A revolução levada a cabo pelos novos comandantes da nação seria uma revolução ‘de cima para baixo’. Em novembro de 1894 as Cortes foram encerradas, e o país vive então uma ditadura, isto é, “... com um governo que se arroga os poderes legislativos que competiam à representação popular...”. Seu principal personagem foi João Franco. Em dezembro do mesmo ano o governo esclarece seu objetivo: “Não era seu intuito ‘prescindir do sistema parlamentar’...”, mas “... aperfeiçoá-lo, fazendo que o Parlamento passasse a ser uma assembléia das ‘classes produtoras’”²³. O sonho cívico de João Franco, maior que o sonho de ordem e grandeza, foi o de tirar de cena os velhos chefes partidários e chamar a nação para participar da vida política. Os ditadores mudaram o sistema eleitoral, a administração local, a organização do Exército e a Constituição. As eleições de novembro de 1895 não contaram com a participação do Partido Progressista, e o

²¹ RAMOS, op cit., p. 193.

²² Ibid., p. 195.

²³ Ibid., p. 214.

governo elegeu uma câmara de deputados situacionistas que a partir de janeiro de 1896 se dispôs a legalizar a revolução.²⁴

Ao mesmo tempo, o pensamento anarquista manifestava-se pela Europa, principalmente através de violentos atentados. Em fevereiro de 1896, depois de algumas tentativas de atentados anarquistas em Portugal, o governo resolve “... fazer figura de valente na defesa da segurança dos cidadãos”. Quem quer que defendesse, aplaudisse, aconselhasse ou provocasse “atos subversivos quer da existência da ordem social quer da segurança das pessoas ou da propriedade” e quem quer que professasse “doutrinas de anarquismo conducentes à prática desses atos” estaria passível de receber uma punição de três a seis meses de prisão e a estar sujeito à deportação. Nos casos de anarquismo, a polícia podia prender suspeitos sem culpa formada, não se admitindo fiança e com os julgamentos sem júri. A imprensa ficava proibida de publicar qualquer fato relativo aos anarquistas, como seus atentados, suas prisões ou os seus julgamentos²⁵. Essa ficou sendo a mais conhecida das leis impostas pela ditadura franquista. Pela coincidência de datas, muito provavelmente deve-se a ela a fuga de Brandão de Portugal para o Brasil, caso se tenha julgado como um ato subversivo também a sua atitude republicana.

2 – Francisco Brandão no Brasil.

A emigração de Brandão para terras brasileiras diferencia-se da praticada pelo grande número de portugueses que deixava Portugal em fins do século XIX. Só na década de 1890, calcula-se entre 150 mil a 200 mil o número de portugueses emigrantes que vieram para o Brasil, em sua maioria população da zona rural portuguesa.

Em contrapartida à sua vida cultural que se desenvolveu dentro da doutrina do liberalismo e que posteriormente passa a rezar o credo positivista, Portugal era um país pobre. A economia não acompanhou o longo período de uma geral estabilidade política. O regime de livre comércio suplantara as medidas de protecionismo que foram levadas a cabo. A população aumentava, sobrando mão-de-obra e, afetando a lavoura, o setor vinícola

²⁴ Ibid., p. 217.

²⁵ Ibid., p. 220.

é atacado pela filoxera²⁶ e pela abertura do mercado britânico, principal consumidor dos vinhos portugueses, ao vinho francês. Depois de 1860 o setor agrícola sofre ainda com a quebra do valor de seus produtos, mostrando-se incapaz de competir com as novas tecnologias. O meio que restava a muitos para tentar sobreviver era emigrar. As divisas econômicas trazidas pela população de portugueses que passa a viver fora de seu país ganham assim grande importância na vida econômica de Portugal.

Ao lado da emigração por motivos econômicos havia também uma emigração cultural. A maior parte dos escritores portugueses colaborava em periódicos brasileiros, além de vender aqui também suas obras literárias.

Francisco Ferreira Simões Brandão, republicano, vê-se então obrigado a emigrar para o Brasil em 1896. Sua não vinda para o Brasil implicaria em sua deportação para a África, o que não se deu por ação de seu pai, que consegue embarcá-lo em direção ao Rio de Janeiro, de onde seguiria para Bragança, hoje Bragança Paulista, para trabalhar como farmacêutico. Deixa Portugal com a pecha de subversivo, como nos diz sua neta, Maria Amélia Brandão Leo²⁷.

Em Bragança foi trabalhar com o Sr. Antônio Candido Fontoura, que o convida a ir para São Paulo para montarem um laboratório, o qual será responsável pela fabricação do famoso biotônico. Sua negativa deve-se ao fato de ele já ter respondido a um anúncio para trabalhar como farmacêutico na cidade de Santo Antônio da Cachoeira, hoje Piracaia. O anúncio fora colocado em jornal por Caetano José de Carvalho, pai de uma única filha, Maria Eugênia de Carvalho, ou Dona Mariquita como ficou conhecida, que se tornaria a esposa de Brandão em 01 de outubro de 1898, mesmo ano de sua chegada a Piracaia, e com a qual teve cinco filhos e duas filhas.

Proveniente de família de posses, bem criado, tendo chegado à instrução de nível superior, Francisco Brandão tinha mais dois irmãos, Augusto, que possuía uma alfaiataria na cidade do Porto, em Portugal, e uma irmã, que se casou com um dono de vinícola, produtora do vinho espumante Castro. Maria Amélia Brandão nos informa ainda que, muito

²⁶ Doença que ataca as videiras.

²⁷ Ver entrevista com Maria Amélia Brandão Leo, Anexo 02.
Para as informações biográficas, ver Anexo 02.

provavelmente pelos problemas que seu posicionamento político possa ter lhe causado e à sua família, sua mãe demonstrava especial apreço por seu outro irmão.

2.1 – Piracaia.

Piracaia, ou Santo Antônio da Cachoeira como era chamada até 1906, encontrava-se no caminho da expansão cafeeira paulista no século XIX. Mas não deve sua fundação ou evolução apenas ao café. Situa-se na região denominada Central pelo estudioso do ciclo do café Sergio Milliet²⁸. Esta região abrange toda a área incluída dentro do polígono Capital (São Paulo), Piracaia, Bragança, Campinas, Piracicaba, Itapetininga, Piedade, Una, Capital. Na ordem cronológica da expansão cafeeira, foi a segunda realmente a ser cultivada, pouco antes de iniciar-se o avanço pela Mogiana.

A zona Central pode ser comparada à zona Norte, o Vale do Paraíba. A produção do café se desenvolve por volta de 1836 e alcança seu máximo em fins do século XIX; as plantações localizam-se inicialmente em torno dos núcleos existentes, ocupando-se das poucas vias de comunicação; as duas são zonas históricas, semeadas de pousos de bandeiras, já povoadas. “... De todo o Estado, são, com o litoral, as únicas zonas em que as unidades estatísticas comparáveis já se podem delinear de acordo com o recenseamento de 1836... A Mogiana e a Paulista só em 1886 apresentam informes ponderáveis e as zonas novas só em 1920”.²⁹

Mas a zona Central levava vantagens em relação à Norte, primeiro por suas terras de melhor qualidade, e depois por estar mais bem preparada para a abolição da escravatura, graças à imigração que já se fazia fortemente presente quando de seu apogeu (1886-1890).

“Que a zona já era povoada e cultivada quando o café a invadiu é o que podemos verificar pelos dados de 1836. Temos então 102.733 habitantes e uma produção de mais de 350.000 arrobas de açúcar...”³⁰, dados válidos para a região Central como um todo.

É justamente no ano de 1836 que a Assembléia Provincial de São Paulo eleva à categoria de freguesia o curato de Santo Antônio, no município da vila de São João de Atibaia.

²⁸ MILLIET, Sergio. *Roteiro do café e outros ensaios*. São Paulo: s. ed., 1939. p 11 e sgs.

²⁹ Ibid., p 45.

³⁰ Ibid., p 46.

Como grande fonte consultada para a história de Santo Antonio da Cachoeira, posteriormente chamada Piracaia, o livro intitulado *História do Município e Comarca de Piracaia (antes S. Antonio da Cachoeira)*, editado em 1912³¹, se fez muito útil. Seguindo um modelo de história positivista, este livro pontua em suas páginas, cronologicamente, as leis relativas ao município, seus problemas de divisa a cada mudança de estatuto jurídico (freguesia para vila, vila para cidade, etc.), acontecimentos eclesiásticos, posses de cargos públicos (juiz de paz, escrivão, etc.), contratação de professores, melhorias públicas (construção de escolas, implantação de luz elétrica, término da construção ou reforma de igrejas, etc.). Pelo que se entende, um dos principais informantes para a escrita do livro foi justamente Caetano José de Carvalho, futuro sogro de Francisco Brandão, e que é citado constantemente ao longo do livro.

O livro é dividido em duas partes, a primeira indo até o ano de 1902 e outra partindo deste e chegando a 1911. Na segunda parte encontra-se um texto diferenciado do restante do livro por não se ater à pontuação de dados, mas por ser um texto em prosa, coerente, saudosista, escrito pelo irmão de Caetano Carvalho, Affonso de Carvalho, intitulado *Santo Antonio em 1870*³², em que podemos ter uma idéia de como era a vida em Piracaia antes da chegada de Brandão.

É esse livro que irá nos acompanhar durante a pesquisa sobre Piracaia. Primeiramente gostaria de exemplificar a forma de sua escrita, citando um curioso exemplo; trata-se de uma nota de falecimento, uma entre as várias contidas no livro, mas poderia ser considerada mesmo como uma proto-reportagem policial:

“1896

Na noite de 14 para 15 de Junho, foi assassinado, em companhia de um seu filho, o valentão Paulino Marques, no momento em que tentava assaltar a casa de um visinho situada nas divisas de Atibaia.

Paulino Rodrigues Chaves Marques (era o seu nome) prestava-se como capanga de outros e estava adquirindo a fama de valentão.

³¹ ALMEIDA, Antonio Ferreira de. *História do município e comarca de Piracaia (antes S. Antonio da Cachoeira) desde a sua fundação, em 1817, até o anno de 1911, contendo os factos mais notáveis que se Referem á politica e ao desenvolvimento da localidade, os fallecimentos das pessoas gradas, com as Respectivas biographias, e a descripção do estado actual do município, acompanhada de minuciosas estatisticas*. Bragança: Papelaria Almeida, 1912.

³² Ibid. p 105.

Em S. Antonio da Cachoeira deu elle muito que fazer ao delegado Braga e ultimamente estava condemnado a um anno de prisão pelo jury de S. Antonio, por ter forçado ao official de justiça Miranda a beber café com pimenta e applicado no mesmo uma sóva de chicote com salmora, por occasião de uma intimação que o official lhe foi fazer para pagamento de uma divida.

O julgamento realisou-se á revelia do réo”³³.

Esta e outras curiosidades, úteis para entendermos a época, permeiam o livro entre os fatos officiais relacionados ao município de Piracaia, a “Povoação fundada a N.N.E. da capital, na margem esquerda do rio Cachoeira, em território pertencente á então freguesia de Nazareth, do municipio de Atibaia e comarca de S. Paulo”³⁴.

O texto nos indica que já em 1817 o bairro Cachoeira destacava-se em Atibaia por sua população e pela fertilidade de suas terras. Em 1830 a fundadora, Dona Leonor, confirma a doação de um terreno em que seu filho já havia construído uma ermida sob a invocação de Santo Antonio. Em 1836, como já dito, a capela curada é elevada à categoria de freguesia. Em 1839 a freguesia de Nazaré é elevada à categoria de vila, com Santo Antonio compondo seu município. Vinte anos mais tarde é a vez de Santo Antonio ser elevado a vila, juntamente com a criação da comarca de Bragança. Em 1864, Atibaia ganha o estatuto de cidade. Em 1865 nos informa sobre o desenvolvimento da plantação do algodão. As citações ao cultivo de café são raras.

Para o ano de 1869, o autor nos apresenta um trecho de uma história resumida escrita na data pelo professor Antonio Ferreira dos Santos. Com esse texto podemos ter uma idéia de qual nível de desenvolvimento Piracaia já possuía em meados do XIX:

“... Os habitantes deste municipio empregam-se em geral na plantação do algodão, do café, da cana, do milho, do feijão, do arroz, na criação de gado, porcos, carneiros, abelhas, etc. sendo actualmente a plantação do algodão em grande escala, de 1865 para cá... Existem 12 lojas de fazendas, a maior parte bem sortida, 30 taberneiros, uma sellaria, 2 boticas, um açougue, 2 ferreiros, etc. e igualmente uma boa corporação musical.”³⁵

Podemos apreender pela análise desse trecho que a população, apesar de predominantemente rural, já possuía o seu núcleo social urbano.

³³ Ibid. p 77

³⁴ Ibid. p 06

³⁵ Ibid. p 39.

Dando continuidade ao relato dos acontecimentos legais referentes à cidade, em 1877 somos informados que Santo Antonio da Cachoeira foi desanexado do termo de Atibaia para pertencer ao termo e comarca de Bragança. A população é calculada em 6.660 almas para o ano de 1879. Em 1885, a 21 de março, Santo Antonio é elevado à categoria de cidade. E finalmente, em 1906, Santo Antonio da Cachoeira é rebatizado com o nome de Piracaia.

Entre brigas de fronteira e idas e vindas de juizes, esta é a história oficial de Piracaia, contada por Almeida. Mas, como um bom livro escrito sob os auspícios do positivismo, nele podemos ler as pequenas histórias particulares da vida, e até da morte, das figuras ilustres de Piracaia, dos personagens que ganharam o direito de ser citados, que deram sua contribuição para a comunidade, para a cidade e para a nação. Acompanharemos as aparições de Caetano Carvalho, e assim poderemos entender melhor aonde irá se incluir Brandão quando de sua decisão de se casar e morar em Piracaia.

A primeira aparição da família Carvalho nos é apontada com a notícia da transferência de moradia, de São Bento do Sapucaí para Santo Antonio, do farmacêutico Saturnino de Carvalho, no ano de 1869. No mesmo ano, seu filho, Caetano José de Carvalho, é designado como ajudante no recém inaugurado correio. No ano seguinte, em 1870, aparece como participante de uma sociedade dramática familiar, fundada pelo professor Antonio de Almeida. Dois anos mais tarde a sociedade ganha caráter público e novos integrantes, entre eles Gabriela Freire, irmã de Caetano.

Para o ano de 1874 temos a triste nota fúnebre de Saturnino José de Carvalho, que faleceu com 45 anos de idade. “A noticia do fallecimento de tão distinto cavalheiro repercutiu pela localidade com pezar para todos, não só pela consideração que o finado grangeára, como pelos serviços medicos que prestava aos desprovidos da sorte.”³⁶

Com a transferência do agente do correio, no ano de 1875, Caetano é nomeado para o cargo. Em 1882 vem a falecer seu cunhado, Reginaldo Ferreira da Costa, com 26 anos de idade. Em 1885 muda-se para Atibaia o farmacêutico Valentim Pereira. No mesmo ano Caetano pede exoneração do cargo de agente do correio, para no ano seguinte abrir uma farmácia própria. Em 1888, Caetano participa da fundação de uma sociedade para recreios,

³⁶ Ibid., p 42.

numa ilha do rio Cachoeira. Com a nota de falecimento do maestro e conseqüente extinção da primeira banda de Piracaia, são arrolados no livro todos os seus antigos integrantes, onde podemos verificar que Caetano Carvalho, além de sua participação na sociedade dramática, também havia participado da banda onde tocava trombone de chaves, piston e tenor.

A 17 de novembro de 1889, Piracaia recebe a notícia da proclamação da República.

“Nesse dia, por uma coincidência, achava-se na cidade o sr. Anselmo Gonçalves Caparica, o primeiro republicano do municipio, o qual, com o seu correligionario e amigo sr. Caetano José de Carvalho, assumiu a chefia do partido e a direcção local, com grandes festas.”³⁷. Caetano Carvalho participa como membro do diretório republicano então organizado. Mas no ano seguinte, por questões políticas relacionadas ao aparecimento do Partido Católico, Anselmo Caparica une-se aos antigos integrantes do Partido Liberal e desliga-se de seu antigo correligionário, Caetano.

Subindo ao poder os florianistas³⁸, Carvalho aparece compondo um novo diretório reconhecido pela comissão central, sendo nomeado como delegado, para logo no ano seguinte, 1892, ser substituído por outra pessoa. Em 1899 Carvalho assume provisoriamente o cargo de tesoureiro da Caixa de Beneficência.

Affonso de Carvalho, irmão de Caetano, escreve em 1907 suas *Reminiscências de Santo Antonio em 1870*, longo texto saudosista, onde o autor relembra personagens e passagens, do qual transcrevo apenas o final: “A cultura era de algodão e cereaes. O commercio possuía uma animação relativa. A civilização local era pouca, a liberdade muita, a alegria constante e comunicativa...”³⁹.

No mesmo ano, e do mesmo autor, nos é apresentada uma cançoneta onde aparece pela primeira vez uma citação ao nome de Francisco Brandão:

“Festa de Piracaia em 1907.

“... Apeando do trolly,
Vejo o Tatá, Mariquita e Brandão,⁴⁰
Nha Liça, também,

³⁷ Ibid., p 59.

³⁸ Ligados a Floriano Peixoto, segundo presidente da República brasileira, que assume a presidência com a renúncia de Deodoro da Fonseca em 1891, governando até 1894.

³⁹ ALMEIDA, op. cit., p 112.

⁴⁰ Provavelmente Caetano Carvalho, sua filha Maria Eugenia e seu genro Francisco Brandão.

Oh, céos, que alegrão!
Com rico appetite
Sentam-se á mesa este déga e o povão;
No lauto banquete
Entrei como um leão!...

...No tal convescote
Muita garrafa vazia ficou.
Mas, tamanho fogo
Mal no chamuscou...
Brandão nossas caras
Em dez mil chapas immortalizou.
Até uma negrinha
O tal retratou...⁴¹.

Em 1908 tanto Brandão quanto Caetano aparecem nomeados para a guarda nacional da comarca de Piracaia, o primeiro para o 32^o. regimento de cavalaria e o segundo para a 55^a. brigada de infantaria, ambos como capitão – cirurgião.

Na parte final do livro, que se intitula “*Descrição, estatísticas e estado actual da localidade*”⁴², Brandão é indicado como um dos fundadores da Conferência de São Vicente de Paulo, enquanto Carvalho ainda consta como tesoureiro da Caixa de Beneficência. Brandão e o sogro aparecerão ainda na lista de eleitores e na de jurados do Tribunal do Júri.

Nesta parte final são listadas algumas atividades da cidade como ferreiros, barbeiros, etc. Na categoria “*Photographia*” aparece a casa “*Paraizo*”, de Lydio Herdade, demonstrando que havia já na cidade um fotógrafo com seu estúdio. Na categoria “*Pharmacias*”, temos listadas três, a “*Popular*”, de Caetano Carvalho, a “*Brandão*”, de Francisco Brandão, e a “*Santo Antonio*”, do major João Pinheiro de Almeida.

Por ultimo, e finalizando o livro, o autor nos apresenta o subtítulo “*Em Tempo*”, onde discorre sobre as tradicionais congadas, usuais entre 1875 e 1900 e que faziam parte do programa das festas de Natal, de Nossa Senhora e de São Benedito, indicando que o grupo que as sustentava era composto dos escravos dos capitães Francisco de Assis e José Joaquim Campos e de Antonio Baptista, de quem obtinham eles a necessária licença. Cita

⁴¹ Ibid., p 113.

⁴² Ibid., p.130 em diante.

também a existência das cavalhadas. E faz menção à abertura da farmácia Brandão, do farmacêutico Francisco Brandão, em 1900.

Percebemos no livro a proposta fundadora de uma identidade para a cidade de Piracaia. Essa identidade é construída com a apresentação da história oficial e dos habitantes ilustres do local, colocados como personagens a serem cultuados, como no caso da fundadora Dona Leonor.

Frente à falta de maiores informações sobre o casamento de Brandão com Maria Eugenia, casamento, aliás, que foi interrompido com a morte prematura dela aos 33 anos, as informações a respeito de Caetano José de Carvalho que nos foram transmitidas pelo texto nos permite vislumbrar como foi a relação de Francisco com seu sogro. Ambos farmacêuticos, ambos republicanos participativos, e com um grande apreço pelas artes. Caetano como ator, interpretando peças como *Quem casa quer casa*, *Caipira Logrado*, *Manda quem pode*, ou ainda como músico, tocando na banda. Francisco, como fotógrafo.

Francisco Brandão fez da fotografia sua segunda ocupação. Seu sogro, aliás, irá aparecer constantemente em suas fotografias, ao contrário de sua sogra, de raras aparições. Dedicou-se ao foto amadorismo num período intermediário entre as grandes dificuldades técnicas dos primeiros processos fotográficos e a praticidade das películas em rolo, mais especificamente, entre o colódio úmido e o Kodak.

Pelo ideário positivista de fins do XIX, “... a arte deixaria de ser um mero objeto de exercícios curiosos, para passar a ser um poderoso instrumento de observação da vida moderna e reorganização social.”⁴³ Em Portugal, pátria do culto cívico aos escritores, “... os que não poetavam, pintavam...” ; o estudo das letras e das artes instituía-se como a base do sistema de ensino público, que acabava por separar a elite do resto da população.⁴⁴ As artes, dentro do contexto da modernidade, eram capazes de trazer prestígio ao artista tanto quanto a ciência ou a política. E a elite, tanto em Portugal quanto no Brasil, espelhava-se na imagem das classes dominantes das grandes nações européias, mais particularmente, a francesa. Em Portugal, “... era impossível pertencer à classe média, ou querer pertencer-lhe,

⁴³ RAMOS, op. cit., p. 57.

⁴⁴ Ibid., p. 43.

como toda gente queria, sem comer, usar ou ler qualquer coisa importada dos outros países europeus.”⁴⁵ No Brasil, referindo-se aos padrões visuais adotados durante o século XIX, “... independentemente da modalidade do registro, foi o olhar do estrangeiro que nos enquadrou, ao mesmo tempo que educava o nosso olhar, para que nós pudéssemos nos mirar nos espelhos da cultura importada de seus países de origem”.⁴⁶

2.2 – A modernidade.

Enfim, Brandão chega a um país e a uma cidade onde já se respiravam os ares modernos. Os códigos de comportamento que pretendiam igualar “... o habitante do Rio ao morador de Paris...”⁴⁷ eram os mesmos para França, Portugal e Piracaia. A modernidade se apresentava não só no ideário político ou no pensamento positivista, encontrado tanto no Brasil quanto em Portugal, mas justamente naquele conjunto de códigos de comportamento, que se formaram ao longo do século XIX e que trouxeram grandes mudanças na forma de agir e de pensar da população do período. A principal característica dessas mudanças é a tendência à individualização do ser humano. Frente aos avanços técnico e social do XIX, o homem moderno passa a sofrer da necessidade de uma identidade individual, tendo este desejo de individuação se acentuado e se difundido amplamente ao longo do século.⁴⁸

Essa necessidade de individualização gera uma acumulação de símbolos do eu e de sinais de posse individual. O indivíduo começa a imprimir sua marca, acompanhando e gerando novos avanços técnicos e padrões comportamentais.⁴⁹ Muda-se a relação entre o que é público e o que é privado, o que socialmente se reflete numa nova relação entre a casa - agora um local de habitação e convívio e não mais um simples dormitório, integrando novos padrões de higiene e de serviços - e a rua, que se desvincula do papel de continuação da casa enquanto aparato urbano. Dentro das próprias residências traçam-se novas fronteiras entre o que é privado e o que é dado a conhecer da intimidade do ‘lar’ –

“...é no seio do espaço privado que o indivíduo se prepara para afrontar o olhar dos outros, ali configura-se sua apresentação, em função das imagens sociais do

⁴⁵ Ibid., p. 19.

⁴⁶ MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado. IN: NOVAIS, Fernando A. (coord.). *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. p. 184.

⁴⁷ Ibid., p. 199.

⁴⁸ CORBIN, Alain. Bastidores: o segredo do indivíduo. IN: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada*. V. 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p. 419.

⁴⁹ Ibid., p. 419.

corpo... O século XIX elabora e em seguida impõe uma estratégia da aparência, um sistema de convenções e ritos preciosos que não visam senão a esfera privada.”⁵⁰

É exigido do indivíduo agora um porte modesto, que se impõe frente ao temor de que o segredo íntimo do corpo enquanto um ‘outro’ não cultural, mas animal, seja violado pela indiscrição, o que acaba gerando uma proliferação de ‘regulamentos de vida’ que lhe ensinam a comportar-se dentro dessa nova sociedade. “O temor da violação do eu e seu segredo leva ao fantástico desejo de decifrar a personalidade que se oculta e de se intrometer na intimidade dos outros...”,⁵¹ refletindo uma noção de inconsciente, alojado não no nível mental, mas no orgânico. A alma, cujo valor frente ao corpo impera até o século XIX, perde lugar para este corpo, que torna-se “... uma obsessão no seio da vida privada. O auscultar dos (...) sinais da sinestesia, a vigilante espreita da tentação, a permanente ameaça que se acredita pesar sobre o pudor...⁵²”, o fascínio da transgressão, levam o indivíduo a um constante exame de consciência.

Vincula-se a vida orgânica com a vida social e atividade mental, construindo-se um sistema grosseiro de imagens da saúde física e psíquica que permitiria a criação de comportamentos individuais e de estratégias com relação aos outros. O controle do outro se reflete na administração pública com o início de procedimentos de reconhecimento da população, buscando a identificação individual, procurando para isso marcar as singularidades individuais de cada cidadão.

A importância que ganha o corpo nessa sociedade que passa a dar valor ao individual deve-se em grande parte à nova possibilidade de se poder contemplar a própria imagem, ato que deixa de ser privilégio de poucos. Primeiramente, a visualização de si torna-se mais acessível com a difusão e barateamento dos espelhos, e em seguida, e com maior força, com a democratização do retrato, que influirá também na maneira em como se vê o outro e, por conseguinte, na maneira como o outro o vê.

2.2.1 – A fotografia.

O retrato aparece como uma “... função direta do esforço da personalidade para afirmar-se e tomar consciência de si mesmo”. Ele “... desarma a angústia, demonstra sua

⁵⁰ Ibid., p. 446.

⁵¹ Ibid., p. 435.

⁵² Ibid., p. 454.

existência, registra sua lembrança; se bem encenado, atesta o sucesso de si mesmo⁵³”. Para o burguês, ajuda a criar uma linhagem, demonstrando seu prestígio por meio de seu êxito pessoal. A fotografia surge para suprir a nova moda retratista. “... O ato fotográfico, correspondendo às lembranças cotidianas e à construção da memória familiar, tais como férias no exterior ou lua-de-mel em Paris, estava ligado ao estúdio, à pose e à auto-representação...⁵⁴” da sociedade do período.

A representação e a posse de sua própria imagem trabalham com a auto-estima do indivíduo, democratizando o desejo do atestado social. Em meados do século XIX “... a *mise-en-scène* do retrato adquiria novos atributos ligados ao fundo e aos adereços de acompanhamento... nessa encenação evidenciava-se o papel do cliente como ator na performance, e do fotógrafo como aquele que dirige a ação...”⁵⁵. O fotógrafo termina por transformar seu estúdio em um teatro, acompanhando a teatralização das atitudes, dos gestos e das expressões faciais, e instituindo a pose como regra no retrato fotográfico. “... O retrato fotográfico contribui para esta propedêutica da postura objetivada pela escola, ao mesmo tempo em que difunde um novo código perceptivo...”⁵⁶

A pose aparece como o ponto alto da *mise-en-scène* fotográfica do XIX:

“... nela combinam-se a competência do fotógrafo em controlar a tecnologia fotográfica, a idéia de performance, ligada ao fato de o cliente assumir uma máscara social, e a possibilidade de uma forma de expressão adequada aos tempos do telégrafo e do trem a vapor.”⁵⁷

Annateresa Fabris se arrisca a afirmar que a fotografia é a invenção ‘mais burguesa’ idealizada pela burguesia refletindo uma tentativa de construir o mundo à sua própria imagem e semelhança. “...E a imagem da burguesia do século XIX não podia deixar de ser mecânica, de obedecer às leis de uma difusão capilar, de moldar-se num tipo de desenvolvimento racional, inerente à lógica capitalista, pela qual homens e objetos se equivalem”⁵⁸. “... O objetivo da fotografia era também a circulação entre os pares de uma

⁵³ Ibid., p. 423.

⁵⁴ MAUAD, op.cit., p. 223.

⁵⁵ Ibid., p. 193.

⁵⁶ CORBIN, op.cit., p. 426.

⁵⁷ MAUAD, op cit., p. 191.

⁵⁸ FABRIS, Annateresa (org.). *Fotografia – usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1998. p 56.

imagem considerada ideal, consubstanciando-se nesse circuito o comportamento necessário à sedimentação da classe senhorial enquanto fração social dominante.”⁵⁹

2.3 – A fotografia amadora e as imagens de Brandão.

“Após 1880, a foto de amador suprime o intermediário profissional, alivia o ritual da pose, abre de par em par a vida privada para a objetiva, a partir de então ávida de imagens íntimas.”⁶⁰ Brandão, como já dito, era um fotógrafo amador. Faz-se necessário analisarmos mais profundamente o que significa esse conceito de amadorismo para que se possa prosseguir a análise de sua obra.

Nos diversos textos de história da fotografia consultados, a fotografia amadora aparece normalmente como um elemento na evolução da técnica fotográfica, causador da decadência dos estúdios fotográficos, quando não da própria fotografia enquanto expressão figurativa do mundo. Como exemplo podemos citar duas obras sempre utilizadas por pesquisadores da área quando o tema é a história da fotografia, *A fotografia como documento social*, de Gisele Freund, e *Pequena história da fotografia*, de Walter Benjamin⁶¹. Freund se detém rapidamente na fotografia amadora, relatando que, com o desenvolvimento técnico do processo fotográfico, vê-se o surgimento do foto-amadorismo, quando a fotografia finalmente torna-se acessível ao grande público através da Kodak, condenando a profissão de fotógrafo ao fim⁶². Benjamin, por sua vez, afirma:

“... o amador que retorna para casa com inúmeras fotografias feitas por ele não está, de fato, menos satisfeito do que um caçador que volta de uma caçada com um monte de animais abatidos e que só serão de valor para o comerciante...”⁶³, ou ainda que “...tudo parece indicar que Bernard von Brentano tinha razão ao supor ‘que um fotógrafo de 1850 estava à altura do seu instrumento’ – pela primeira vez e, por muito tempo, pela última vez.”⁶⁴

Em seu texto *Fotografia – usos e funções no século XIX* Fabris acaba também por emitir um juízo de valor quando nos diz:

⁵⁹ MAUAD, op.cit., p. 216.

⁶⁰ CORBIN, op.cit., p. 426.

⁶¹ FREUND, Gisele. *La fotografia como documentacion social*. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.

BENJAMIN, Walter. *Testos de Walter Benjamin*. Flávio R. Kothe (org., sel., trad.). São Paulo: Ática, 1991.

⁶² FREUND, op.cit., p. 76.

⁶³ BENJAMIN, op. cit., p 237.

⁶⁴ Ibid., p 224.

“...a transformação da fotografia em fenômeno de massa altera radicalmente as concepções vigentes. A ‘grande fotografia’ e seus esquemas pictóricos são rapidamente marginalizados diante de um novo conceito de ‘qualidade’, indissolivelmente ligado à ‘quantidade’. Cada vez mais a fotografia se distancia da esfera do ‘unicum’, de preocupações estéticas alheias a seu código, apesar da persistência da vertente pictórica...”⁶⁵.

O fenômeno da massificação criaria então novas categorias de fotógrafos: artistas fotógrafos, fotógrafos propriamente ditos; artífices fotógrafos, profissionais de baixo nível; e amadores, situados ainda abaixo dos artífices⁶⁶.

Quando a fotografia amadora recebe a atenção dos pesquisadores e estudiosos, ela está incluída em dois movimentos inter-relacionados, o fotoclubismo e o pictorialismo. Estes movimentos foram fortes na Europa em fins do século XIX e início do XX, mas no Brasil sua força só se fará sentir a partir da década de 20 do século XX⁶⁷. Não há informações se Brandão mantinha algum tipo de correspondência com clubes de fotografia. Ele mantém uma técnica fotográfica única em todo o período em que esteve envolvido com essa atividade, e sabemos que os foto-clubes primavam justamente pela troca de informações de aperfeiçoamentos técnicos entre seus componentes; basta lembrar que ele utilizará negativos de vidro até meados da década de 30 do Século XX. E seja pela técnica ou pela temática, ele não pode ser classificado como um pictorialista.

Um recente estudo na área de fotografia trabalha mais diretamente com o tema, como podemos ver pelo próprio título, *Percursos do olhar na fotografia profissional e amadora: Campinas 1900- 1915*, de autoria de Suzana Ribeiro ⁶⁸. Nele, a autora traça um panorama sobre as visões institucionalizadas pelos fotógrafos profissionais e uma visão mais livre, adotada pelos fotógrafos amadores, na produção de imagens sobre a cidade de Campinas. Para exemplificar qual o posicionamento do fotógrafo amador diante da cidade, Ribeiro utilizou-se das fotografias de Austero Penteado, cuja coleção de positivos encontra-se no MIS Campinas. Austero Penteado é um amador, que fotografa no mesmo período que

⁶⁵ FABRIS, op.cit., p 22.

⁶⁶ Ibid., p 23.

⁶⁷ COSTA, Helouise. Pictorialismo e imprensa: o caso da revista O Cruzeiro (1928-1932) In: FABRIS, *Op. Cit.* p 263-5.

⁶⁸ RIBEIRO, Suzana Barretto. *Percursos do olhar na fotografia profissional e amadora: Campinas 1900-1915*. Tese doutorado, Unicamp, 2002.

Brandão. Estes são os únicos pontos em comum entre os dois. Tanto temática como tecnicamente os dois fotógrafos se distanciam, sendo o principal ponto de distanciamento justamente o ambiente onde as fotos de um e de outro são realizadas. Austero, homem do campo, se aproxima da cidade assim como Brandão, sujeito urbano, se aproxima do campo: eles registram os limites, as fronteiras entre um e outro. Enquanto Brandão tem como tema ou como principal cenário a cidade e sua movimentação social característica, Austero tem sua produção fotográfica centrada na natureza, no campo, na fazenda, no mato.

Ribeiro analisa Austero enquanto um fotógrafo pictorialista, classificação que não cabe a Brandão, e em suas análises do foto-amadorismo utiliza-se justamente de uma bibliografia que se refere ao pictorialismo, especificamente relativa à produção fotográfica europeia de fins do século XIX e início do século XX.

Uma citação de Cedric de Veigy, contudo, chama atenção no texto; trata diretamente de uma categoria de amadorismo a qual podemos relacionar a Brandão. Veigy nos diz:

“... a transformação radical nos meios de comunicação, caracterizada pela reprodutibilidade, tem como consequência uma significativa redução na especialização até então necessária para o fazer fotográfico. Em pouco tempo – menos de meio século -, a fotografia torna-se um meio acessível, arregimentando uma vasta camada de aficionados praticantes: a dos amadores, para os quais a produção da imagem está associada a um instrumento de prazer, através do qual é possível registrar com facilidade cenas cotidianas, paisagem e retratos de família. No entanto, a história da fotografia contenta-se com indicações vagas sobre o encontro do surgimento com o desenvolvimento da fotografia amadora de uso doméstico. Ela considera esse vasto encontro, indiferente às questões tanto artísticas quanto técnicas, mais uma filigrana que encobre a anedótica história do meio”⁶⁹.

A fotografia amadora, é verdade, ainda não possui um campo conceitual amplo. Até o período anterior ao foto-amadorismo, o reino dos *carte-de-visite*, esteticamente considerado como uma fase menor da fotografia, já foi motivo de inúmeros estudos, inclusive brasileiros. Concomitante ao momento em que o amadorismo ganha força, surge também a fotografia de imprensa, esta também largamente estudada em suas diversas facetas.

Discutiremos então, primeiramente o que torna um fotógrafo ou uma fotografia amadora ou profissional. Ao olharmos uma fotografia podemos situá-la em três estágios: a

⁶⁹ CEDRIC DE VEIGY. *La main d'œuvre de la photographie. Petite histoire de la prise de la photographie des amateurs non avertis munis des appareils à main*. 1999. *Mémoire (Maîtrise)*. Paris: Université Paris I. In: RIBEIRO, op. cit., p 130.

intenção, o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia e os caminhos percorridos por esta foto⁷⁰. Se iniciarmos nossa busca pelo ato de registro, vemos que não é nesse estágio que reside a diferenciação entre uma foto profissional ou amadora. Encontramos fotógrafos classificados como amadores que têm uma técnica de produção fotográfica tão ou mais elaborada quanto a de muitos fotógrafos reconhecidos como profissionais; um bom exemplo é o próprio Austero Penteado, cujas ampliações se mantêm até hoje com uma qualidade excepcional, com luzes e meio-tons bem trabalhados e com revelações que propiciaram uma excelente conservação de suas cópias, isso se atentarmos só para a parte técnica.

Quanto a Brandão, podemos perceber em sua produção que ele dominava plenamente a técnica de produção das imagens, mostrando exercícios de trucagem, um uso correto da luz, uma excelente percepção do momento fotográfico e um bom enquadramento, que as vezes até foge do que seria considerado padrão para a fotografia da época. Quanto à qualidade de suas cópias, elas não demonstram uma preocupação tão esmerada como a encontrada na produção de Austero, cujas cópias ainda hoje se mantêm em excelente estado de conservação e de visualização, mas temos que levar em consideração o fato de que a coleção Brandão teve uma circulação bem maior que a de Penteado. Brandão também teve, vale lembrar, fotos suas montadas nos moldes dos estúdios fotográficos, com suporte secundário em cartão, molduras, filigranas e até um ferrótipo, embora, excetuando-se este último, não temos indicações de que estas montagens tenham sido realizadas por estúdios ou fotógrafos profissionais.

Relacionado à técnica, é bom ainda citar a utilização dos manuais fotográficos, lembrando que Brandão era possuidor de um. É o que nos diz Suzana Ribeiro: “... com centenas de páginas, a consulta aos manuais constitui uma prática importante entre os profissionais e amadores...”⁷¹.

Acompanhando então os caminhos percorridos pela fotografia, podemos buscar mais algumas características que nos ajudariam a diferenciar a foto amadora da profissional. Primeiramente a fotografia dita profissional percorreria, em teoria, caminhos muito mais

⁷⁰ KOSSOY, op. cit., p 29.

⁷¹ RIBEIRO, op.cit., p 133.

amplos que o das fotografias amadoras. Esse não é o caso da produção fotográfica de Brandão. As imagens criadas por fotógrafos profissionais muitas vezes iam do estúdio para as casas de particulares, recheiar seus álbuns ou encher suas caixas de papelão, permanecendo assim na esfera privada.

As fotografias de Francisco Brandão por outro lado tiveram uma grande circulação na cidade de Piracaia, tanto pelas mãos de Francisco quanto pelas de Caetano, sendo mostradas com prazer a todos que quisessem vê-las, bastando para isso ir até a Farmácia Brandão⁷².

Não há como apurar exatamente qual a circulação de suas fotografias cujo tema foi a cidade, mas que mesmo elas provavelmente não ficavam restritas ao ambiente da farmácia de Brandão. Como exemplo, podemos citar a utilização de comprovadamente ao menos uma fotografia de Brandão na composição de um álbum pela Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo. Este álbum faz parte de uma coleção atualmente pertencente ao Centro de Memória da Unicamp, produzida pela dita Secretaria, e que também foi alvo de investigações de Suzana Ribeiro, por conter fotografias ‘oficiais’ da cidade de Campinas.

Esta série de imagens, produzidas pela Secretaria durante as primeiras décadas do século XX, teve como objetivo “documentar fotograficamente as iniciativas do poder público e as experiências agrícolas promovidas pelo órgão em diversas cidades do interior paulista.”⁷³ A coleção compõe-se de quase três mil fotografias organizadas em vinte e cinco álbuns, apresentando as imagens de acordo com uma ordem que obedece à seqüência das cidades registradas e com padrões técnicos diferenciados, porém, com padrões visuais e narrativas bastante semelhantes, o que provavelmente se deve ao fato de sua produção ter um objetivo específico, no caso das fotografias de cidade. Pela qualidade das cópias e da técnica das fotografias identifica-se no serviço de registro da Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas o trabalho de importantes fotógrafos profissionais do período,

⁷² Ver entrevista com Julieta Amaral, Anexo 3.

⁷³ RIBEIRO, op. cit., p 112 e sgs.

como Guilherme Gaensly, Luís de Souza e G. Wessel & Sohn, estes tendo sua identificação garantida graças a suas assinaturas nas fotografias⁷⁴.

A exceção dentro desta coleção se dá na formatação do chamado *Álbum II*, ou *Recenseamento do Estado*, um grande apanhado de imagens provenientes de várias cidades do Estado de São Paulo, datado de início da década de 20 do século XX, onde faz-se nítida a diferença em relação ao restante dos demais álbuns da coleção, pois neste em específico a produção e seleção das imagens ficaram a cargo de cada município que nele se faz presente. Estas informações foram descobertas durante o processo de higienização do álbum pelos profissionais do Centro de Memória da Unicamp. Ele foi desmontado, operação que não é padrão para a conservação de álbuns, mas que se fez necessária frente ao grande número de dados contidos no verso das fotografias que o compõe e que nos informam, por exemplo, a sua procedência ou a especificação dos locais e temas retratados.

Nas fotografias referentes a Piracaia presentes no *Álbum II* encontramos uma que nos chamou a atenção. Trata-se de uma imagem onde aparece uma grande corredeira, com pedras em meio à água, dois garotos sobre algumas delas, fundo composto de vegetação, e ainda, ao fundo à esquerda, o que podemos supor, uma ponte. Pois bem, essa mesma imagem pode ser encontrada na coleção de fotografias de Ailton Brandão, com o título *Rio Cachoeira*, datada de 1902 (fotografia AB 303), com anotações a lápis que nos indicam o local e a data, e que com certeza foi produzida por Francisco Brandão. Este fato nos remete à possibilidade de uma utilização ‘oficial’ de suas imagens, presente aqui como uma das imagens representantes do município frente à administração pública estadual.

⁷⁴ Entrevista concedida por Marli Marcondes, conservadora de fotografias do Centro de Memória. In: RIBEIRO, op. cit., p 113.

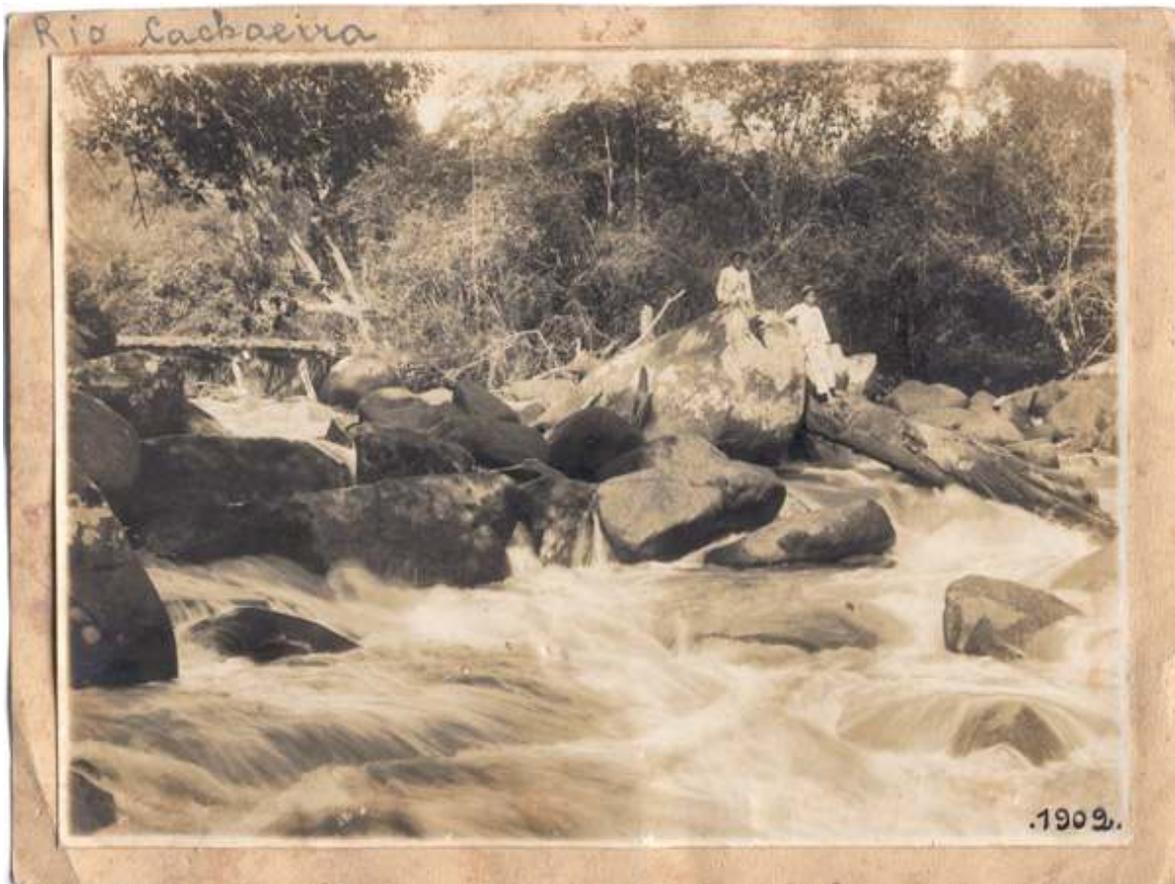


Figura 01 - Rio Cachoeira. 1902 - AB 303

Não estaria então na circulação o principal diferencial entre profissional e amador. Penso que vamos encontrá-lo remetendo-nos ao primeiro ponto de observação que nos indica Kossoy, ou seja, a intenção da produção da imagem. Uma boa pista nos é dada por Solange Lima, quando esta trata da questão das vistas urbanas, tema ao qual regressaremos no devido momento quando da apresentação das fotografias de cidade de Brandão. Ela nos diz:

“... da seleção de temas ao arranjo formal, as vistas diferenciam-se dos retratos por tratar-se da leitura e veiculação de um produto cuja iniciativa cabe exclusivamente ao fotógrafo. Não são serviços contratados e, portanto, submetidos aos critérios estabelecidos pelo cliente segundo modelos estereotipados...”⁷⁵

⁷⁵ LIMA, Solange Ferraz de. O circuito social da fotografia: estudo de caso II. In: FABRIS, op. cit. p 67.

Conquanto a autora se refira exclusivamente à produção de vistas urbanas, podemos nos apropriar desses conceitos e abrangê-los ao uso e à função da fotografia amadora, ou seja, a fotografia amadora *a priori* não estaria sujeita aos critérios estabelecidos por um potencial cliente.

A conclusão, que de início poderia nos parecer por demais óbvia, se mostra na verdade a mais acertada. A principal diferenciação entre profissionais e amadores se dá no momento mesmo em que se cumpre um vínculo comercial ou não para a produção de uma imagem, onde o foto-amadorismo se apresenta como estando livre das amarras temáticas e estilísticas do mercado.

3 – Brandão – últimos dados biográficos.

Em largas pinceladas, procurou-se mostrar até esse ponto do estudo a formação e as influências que tornaram Francisco Brandão um homem de seu tempo, contestador, cientista, artista.

Brandão continuará sua atividade como fotógrafo até meados da década de trinta do século XX, quando parte em uma viagem de dez anos para Portugal. Antes disso Brandão irá outras vezes para sua terra natal, onde ainda permaneciam sua mãe, seu irmão e sua irmã. A cada viagem a Portugal leva um filho, e lá permanece um bom período, que pode chegar a dois anos. Temos certeza da data de ao menos duas viagens, uma em 1910 e outra em 1936. Na primeira delas o acompanha sua filha Vidinha, que acaba falecendo quando volta ao Brasil, de acordo com Seu Ailton por não mais se acostumar ao clima daqui. O único filho que não o acompanhou em nenhuma visita a Portugal foi justamente Caetano Brandão, que acaba assumindo a farmácia Brandão como prático. Retornar então para Portugal já não significa perigo para Brandão, pois este país passa a ter regime republicano a partir de 1910. Em sua viagem posterior, em 1936, Brandão estará em posição ainda mais tranqüila, com um sobrinho filho de seu irmão tendo assumido um alto posto junto a Salazar, que assumira o papel de governante em 1932, após trabalhar desde 1926 nas finanças do novo governo ditatorial, que instaurou a ditadura em terras portuguesas após um curto período identificado como Primeira República.

Brandão, aliás, perde muitos filhos. Além de Vidinha, perde um filho já adulto, Augusto, que seria o herdeiro natural da farmácia, pois havia se formado farmacêutico; mas

que acabou realizando um casamento escondido que não agradava nem a Francisco nem a seu avô Caetano, vindo a falecer de tuberculose, como sua mãe que morre aos 33 anos. Brandão perde outro filho ainda pequeno, de ‘congestão’, e ainda outro com apenas dez anos, após complicações decorrentes de uma queda que não foi relatada ao pai.

Com o falecimento de sua esposa, quem se encarrega da educação dos filhos de Brandão é sua sogra. Mas Francisco mantém a linha dura com os filhos: quando completam quinze anos, Brandão faz suas matrículas na Beneficência Portuguesa em São Paulo e os encaminha para trabalhar na capital, em empregos arranjados por amigos.

Após sua viuvez, que se dá quando ele tinha 36 anos de idade, Brandão terá mais um relacionamento público, com a Sra. Gertrudes, com a qual não se casa, mas tem três filhos. Um deles, José Brandão, também irá falecer, e outro, Alziro Brandão acaba por acompanhá-lo em sua longa viagem a Portugal realizada em 1936, deixando ainda no Brasil sua filha mais nova, Maria Santana, mais conhecida como Nêga Brandão.

Brandão parte nesta última viagem a Portugal para visitar sua mãe doente. Com a eclosão da Segunda Grande Guerra, ele decide adiar seu retorno e acaba permanecendo por dez anos em Mealhada, sua terra natal, onde abre uma farmácia no local onde seu pai havia mantido uma loja de tecidos, com o nome de Farmácia Brandão, o mesmo nome da farmácia que havia aberto em Piracaia em 1900, após ter trabalhado com seu sogro na Farmácia Popular, que continuou a existir. Posteriormente as duas farmácias irão se unir novamente, agora sob comando exclusivo de Brandão e funcionando onde antes era a Farmácia Popular, ao lado da casa da família.

Com o fim da Guerra, Brandão retorna ao Brasil junto com seu filho Alziro, para nunca mais voltar ao seu país natal. O ano era 1946, e retorna para ser o padrinho de casamento de sua neta Maria Eugênia. O presente para o casamento foram garrafas de champanhe Castro, de seu cunhado português, que vieram pela mesma importadora que lhe trazia mensalmente, desde sua mudança para o Brasil, tonéis de vinho e caixas de bacalhau, que comia todas as sextas-feiras, além de lulas, azeitonas e outros produtos típicos portugueses.

Brandão já vinha se desligando do fazer fotográfico antes mesmo de sua última visita a Portugal. Aos poucos quem passa a produzir imagens fotográficas na casa é Caetano

Brandão, mas Francisco não deixa de toda a fotografia, e quando um assunto lhe é muito especial ele acaba por produzir novas imagens. Ele concentra-se, em seus últimos anos, no estudo da medicina, escrevendo compêndios de anotações que infelizmente também se perderam com a morte de Caetano Brandão. Seus ensinamentos e estudos terminaram nas mãos de seu neto José Brandão, filho de Caetano, que ganhou grande notoriedade em Piracaia e região como farmacêutico.

Não se sabe ao certo de Francisco Brandão, mas alguns de seus filhos acabaram enveredando pela carreira política, como por exemplo, Alziro Brandão, que se elegeu prefeito de Piracaia por duas vezes após regressar de Portugal.

Francisco Brandão era homem de certos hábitos sofisticados. Além do banho gelado praticado todos os dias até o fim de sua vida, vestia-se sempre de maneira alinhada. Todos os entrevistados que o conheceram afirmaram não se lembrar de Brandão sem seu casaco e seu colete, e sempre de gravata. Realmente em raríssimas fotografias ele aparece de outra forma que não esta. Culto, ele faz questão de incluir em suas fotografias a presença de jornais, chegando a ser ele mesmo representante de assinaturas do Estado de São Paulo em Piracaia. A rígida educação dos filhos não se reflete em sua relação com os netos, os quais tratava com muito carinho; em especial as netas, para quem preparava fórmulas de perfume.

Quanto à sua atuação como farmacêutico, mostrava-se parcimonioso em relação à administração de remédios e principalmente em relação à aplicação de injeções, que não aplicava em crianças de maneira alguma. Para as doenças infantis, receitava como remédio chás, e proclamava seu dito ‘avinha-te, abifa-te, abafa-te’, ou, tome vinho, coma bife e deite-se.

Cultivou grandes amizades em Piracaia, estando sempre ligado à elite intelectual e administrativa da cidade, como juízes e promotores que aí atuavam, além de médicos, fazendeiros e políticos.

Mas Piracaia, a partir da década de 30 do século passado, não mostrará mais o fulgor que possuía em fins do século XIX e início do XX. Milliet, analisando dados da presença de pequenas propriedades na zona de Atibaia – Bragança em 1939, afirma que esta região,

por essa época, era uma “... região abandonada pelo café e invadida pela policultura...”,⁷⁶ num claro movimento de fracionamento da grande propriedade em benefício do aumento da pequena.

Em 1952, na véspera de seu aniversário, Francisco Brandão faleceu. Sua neta Maria Antônia nos narra o acontecido:

“Ele teve uma gripe, o médico examinou às nove horas da noite, achou que ele estava bom; às onze ele teve o colapso. Era aniversário dele, nós estávamos preparando pro aniversário dele, que ia ser no dia seguinte... Mas achamos carta dele dizendo – não sei bem transmitir direito as palavras, mas ele dizia - ‘Eu estou por poucos dias, talvez por poucas horas...’.”⁷⁷

⁷⁶ MILLIET, op. cit. p 87.

⁷⁷ Anexo 02 – Entrevista com Maria Eugênia Peçanha Brandão Leo. p. 146.

CAPÍTULO II

A PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA DE FRANCISCO BRANDÃO.

Neste segundo capítulo apresentamos as imagens de Francisco Brandão procurando fazer um trabalho de categorização de sua produção. Os temas abordados por Brandão foram os mais diversos, mas alguns grandes eixos temáticos podem ser identificados, de acordo com o número de imagens existentes ou ainda da importância dessas imagens. Porém, antes de analisarmos as fotografias, traçaremos um roteiro histórico da composição da coleção de objetos fotográficos formada por Francisco e Caetano Brandão.

1 – A Coleção Brandão

As informações técnicas da fotografia de Brandão foram conseguidas graças ao encontro de dois pesquisadores, o fotógrafo André Boccato e o historiador Sandro Ferrari, com Caetano Brandão, filho de Francisco, que herda deste não só a profissão de farmacêutico, mas também a paixão pela fotografia e os equipamentos do pai. Este encontro se deu em 1986 e os dois pesquisadores conheceram Seu Tetê, como era conhecido Caetano Brandão, ainda frequentando a Farmácia Brandão, naquele momento sob responsabilidade de José Brandão, seu filho e neto de Francisco. Tiveram a grande oportunidade de entrar em contato também com o espólio de Francisco Brandão, preservado e continuado por Caetano, como sua câmera tipo *Repeater*, anotações sobre características de papéis fotográficos, indicando que o papel *bristol gris* cinco forças, o ¼ de folha custa 250 réis e que o papel albuminado de primeira qualidade, a mão custa 14.000 réis, e que com uma folha corta-se 4 pedaços 24 x 30 ou 15 de álbum ao 32 *carte-de-visite*.

Encontraram ainda de posse de Seu Caetano um manual fotográfico, comprado por Brandão no Rio de Janeiro em sua chegada ao Brasil. Este manual, *Photographie pour*

Tous, de autoria de Georges Brunel, era ricamente ilustrado com 332 ilustrações e 18 pranchas, fórmulas, gráficos, tabelas e os últimos lançamentos da indústria fotográfica.⁷⁸

Infelizmente, tanto o manual quanto as anotações e as câmeras utilizadas por Francisco e Caetano Brandão se perderam com a morte de Seu Tetê. Mas a grande coleção de negativos e positivos da produção fotográfica de pai e filho permaneceu, parte preservada na Unicamp, em Campinas, parte pelo neto de Francisco, Ailton Brandão, em Piracaia.

Bocato nos informa que, no início, Brandão emulsionava ele mesmo suas chapas de vidro, suporte majoritário dos negativos da coleção. Um pouco improvável, mas não impossível, pois temos que lembrar que Francisco Brandão, como farmacêutico que era, dominava os procedimentos químicos necessários para todas as etapas dos processos fotográficos. O trabalho junto aos negativos de vidro, que se encontram no Centro de Memória da Unicamp, não permitiu encontrar nenhum negativo que se caracterizasse como sendo de colódio úmido, ou seja, com a espessura do vidro um pouco maior, de aproximadamente três milímetros, corte das bordas irregular, e marca de dedo em algum canto do negativo, indício de que ele foi suspenso para a realização do banho de colódio. No período em que Brandão inicia seu trabalho fotográfico, em fins do século XIX, as chapas secas, ou negativos em gelatina e brometo de prata, já eram encontradas facilmente no mercado, provavelmente sendo distribuídas pelo mesmo revendedor dos papéis fotográficos utilizados por Brandão.

Já foi adiantada, na introdução deste estudo, a forma como entrei em contato com a Coleção Brandão, durante o período em que trabalhei no Centro de Memória da Unicamp. Lá se encontram cerca de 900 imagens, divididas em 118 negativos flexíveis, 648 negativos em vidro de formatos diferenciados e mais 161 fotografias, todos em preto e branco. Foram feitas cópias contatos dos negativos, que se encontram higienizados e bem acondicionados, conforme as normas da boa arquivologia moderna, em uma sala climatizada onde a temperatura e a umidade relativa do ar são controladas e monitoradas.

⁷⁸ FERRARI, Sandro. A coleção Família Brandão. In: *Boletim do Centro de Memória*, Unicamp, Campinas, 1993, v 5, n 10, p 103-10.

A coleção chegou à Unicamp da seguinte maneira: quando do encontro entre André Boccato e Caetano Brandão, o primeiro pegou emprestado os negativos e alguns positivos do segundo, justamente o acervo que se encontra agora sob guarda da Unicamp, e com esse acervo organizou uma exposição em São Paulo sob o patrocínio da Fotoptica, que alcançou uma grande repercussão na mídia, sendo divulgada em jornais e revistas. Isto em fevereiro de 1987.

O acervo acabou não voltando para Piracaia. Questionado, Boccato acabou enviando para a família algumas cópias em grande formato, as mesmas que haviam sido expostas, encaminhando o material original que estava em suas mãos para o Centro de Memória da Unicamp (CMU). Após um primeiro momento de revolta dos familiares, estes acabam concordando que, para a preservação do material, o melhor seria mesmo que ele permanecesse no setor de iconografia do CMU, formalizando-se assim a doação do material.

Para Boccato, a mostra por ele organizada serviria para valorizar o material, como nos mostra seu depoimento na época da exposição: “... Trata-se de resgatar essas imagens, em geral sub avaliadas e perdidas em porões ou álbuns familiares”. A parte do acervo com a qual trabalhou realmente mereceu uma reavaliação, tanto que acabou eleita para permanecer em um acervo público bem cuidado, guardião oficial de fontes de pesquisa para diversos estudiosos, como no próprio caso que aqui se apresenta.

Outra grande parte do acervo de fotografias de Brandão ainda está sob a guarda de Ailton Brandão, filho de Caetano e neto de Francisco Brandão, em Piracaia. Um grande volume de imagens, em sua quase totalidade composta de positivos, onde se misturam a produção de Francisco e a de Caetano, num total de, no mínimo, cerca de 3.000 objetos fotográficos. Esta parte da coleção apresenta alguns aspectos importantes. Possui diversas cópias dos negativos que se encontram em Campinas, mas cópias realizadas quando os negativos ainda não haviam sofrido o nível de degradação que apresentavam quando foram doados à Unicamp. Os negativos em vidro, por suas características intrínsecas e em decorrência do mau acondicionamento em que permaneceram durante longa data, degradaram-se mais rapidamente que as cópias positivas, originais ou de segunda geração,

dado que Caetano reproduziu algumas vezes os negativos que haviam sido registrados por seu pai.

Estas cópias encontram-se guardadas em diversas caixas de papelão, num quarto nos fundos de sua casa. Ailton Brandão, o atual guardião dessa parte do acervo, sabe que ali não é o melhor lugar para serem arquivadas, mas ao menos elas se encontram protegidas da umidade em que estavam quando de posse de seu pai, que as armazenava no porão da farmácia. Mas não deixa de causar impacto a diferença entre o cuidado merecido para a parte guardada em Campinas e para a que se encontra em Piracaia. Seu Ailton se preocupa com as fotografias sob sua responsabilidade e no destino que as aguarda numa eventual falta de sua pessoa, já tendo demonstrado a vontade de que a coleção seja novamente reunificada, sob os cuidados da Unicamp, proposta que ainda está sendo analisada pelo arquivo de fotografias do Centro de Memória.

Em Piracaia, me foi impossível percorrer todas as imagens. A cada visita à casa de Seu Ailton, era apresentada mais uma caixa lotada de fotografias, sendo que acabei me retendo em apenas três das prováveis seis ou sete caixas de tamanho variado onde estão guardadas as fotos, nas quais pude notar uma maior quantidade de fotografias de autoria de Francisco. Além das caixas, Ailton ainda guarda mais três álbuns, dois deles completos com fotos e um com apenas algumas imagens. Esses álbuns apresentam janelas abertas para a colocação de fotografias em formato *carte-de-visite*, mas sua montagem, ou remontagem, foi realizada por Caetano Brandão com fotos que diziam respeito à sua história e de sua família, contendo apenas algumas fotografias que foram identificadas como tendo sido produzidas por Francisco.

Um álbum em especial chama a atenção por sua esmerada montagem, onde, em todas as suas folhas, foi colocado algum detalhe desenhado por Caetano, demonstrando uma lógica interna delicadamente calculada. Esse álbum em específico se encontrava infestado por brocas, as quais foram eliminadas levando-o, sob a responsabilidade do Centro de Memória, para uma desinfestação com gases neutros no CEDAE – IFCH.

Da pesquisa inicial com as fotografias da parte do acervo que se encontra em Piracaia, foi possível separar cerca de 310 imagens produzidas por Francisco Brandão, ou que se referem diretamente a ele.

Frente aos planos originais de utilizar neste estudo as fotografias que se encontram em Campinas, as fotografias de Piracaia acabaram se impondo por sua importância, por constituírem-se como documentos primários, por conter imagens diferenciadas, por apresentar cópias com melhor nitidez e leitura que as de Campinas, isso sem falar nos objetos fotográficos que contêm valiosas informações em seus versos, como cartões postais escritos e fotos com dedicatórias ou indicações. Resolvi então trabalhar com os dois acervos em conjunto; o acervo da Unicamp aparecerá com seu tombo FB (Coleção Família Brandão) em suas identificações, enquanto o acervo de Ailton aparecerá como AB (Ailton Brandão).

Na verdade, quando falamos em coleção de fotografias de Brandão, devemos pensar este conceito aplicado já no período em que Francisco encontrava-se vivo, e podemos considerá-lo o colecionador de suas próprias fotografias. O termo coleção aplica-se a “... qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, expostos ao olhar do público...”.⁷⁹ A coleção difere do arquivo e da biblioteca; nela, as peças têm um valor de troca sem terem valor de uso.

“... Para que um valor possa ser atribuído a um objeto por um grupo ou por um indivíduo, é necessário e suficiente que esse objeto seja útil ou que seja carregado de significado... É o seu significado que funda o valor de troca das peças de coleção...” e “... quanto maior significado se atribui a um objeto, menos interesse tem a sua utilidade...”⁸⁰

Como já vimos anteriormente, ao abordar a fotografia amadora, ela não se insere dentro do circuito das atividades econômicas desde sua criação. As fotografias de Brandão estavam, além do mais, protegidas, guardadas, tinham sua manipulação controlada por seu detentor, e tiveram provavelmente uma larga exposição junto aos habitantes de Piracaia. O local de guarda e exposição foi sempre a farmácia, espaço físico aglutinador de pessoas das mais diversas origens. A imagem fotográfica, por seu lado, carrega em si a marca primeira não da utilidade, mas do significado.

⁷⁹ POMIAN, Krystof. Verbete Coleção. IN: *Enciclopédia Einaudi*. v. 1 – Memória e História. p. 72.

⁸⁰ *Ibid.*, pp. 72-73.

Ao trabalharmos com o termo coleção, temos que pensar nos objetos divididos em dois grupos:

“... De um lado estão as coisas, os objetos úteis... Todos estes objetos são manipulados e todos exercem ou sofrem modificações físicas, visíveis: consomem-se. De um outro lado estão os semióforos, objetos que não têm utilidade,... mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura...”

Note-se que tanto a utilidade como o significado pressupõem um observador, porque não são senão relações que, por intermédio dos objetos, os indivíduos ou grupos mantêm com seus ambientes visíveis ou invisíveis:

“Não são só os objetos que se dividem em úteis e significantes, em coisas e semióforos, sendo os segundos considerados superiores aos primeiros enquanto têm ligação com o invisível que, como se viu... é superior ao visível. O mesmo se pode dizer das atividades humanas que, também elas, são classificadas segundo o posto que ocupam no eixo que vai de baixo para cima, das atividades utilitárias até àquelas que não produzem senão significados. E é assim que os próprios homens se encontram repartidos numa ou em mais hierarquias. No topo destas encontra-se sempre um ou mais homens semióforos, que são os representantes do invisível: dos deuses ou de um deus, dos antepassados, da sociedade vista como um todo, etc. Na base situam-se, pelo seu lado, os homens-coisas, que têm apenas uma relação indireta com o invisível ou que não têm nenhuma, enquanto que o espaço intermediário é ocupado por aqueles que juntam, em diferentes graus, significado com utilidade”.⁸¹

Nesse sentido, é interessante pensar Brandão como “homem semióforo” enquanto o consideramos como fotógrafo. Para tanto, convém lembrar o pensamento positivista, que prega um novo sistema de vida baseado na fé, sendo esta a crença indiscutível nos dogmas proclamados por uma autoridade competente; quem despertaria essa nova fé seria a ciência experimental moderna. Francisco Brandão era, antes de tudo, um cientista, em sua atividade como farmacêutico. Resta-nos analisar o quanto a ciência influenciou sua produção fotográfica.

As fotografias produzidas por Brandão não tiveram um cunho científico objetivo. Não é possível perceber em sua obra nenhuma imagem que nos remeta a um estudo clínico, ou fotos de patologias ou experiências químicas e físicas, como seria de se esperar caso produzisse imagens ligadas a sua profissão. Mas também não podemos perceber no

⁸¹ Ibid., p. 73.

conjunto de suas fotografias uma tentativa de impor um caráter artístico às imagens. Então, qual é o “invisível” que suas imagens procurariam representar? As fotografias de Brandão representariam, se seguirmos essa linha de pensamento, o “poderoso instrumento de observação da vida moderna e reorganização social”⁸², que abordamos ao tratar dos escritores e sua linha de pensamento em Portugal no fim do XIX. Elas serviriam para educar o olhar do morador de Piracaia, e com isso disponibilizar-lhe um conjunto de códigos de posturas e convívio modernos. Ao mesmo tempo, tratadas como objetos semióforos, serviriam para dar maior prestígio para seu possuidor, que, além disso, era também seu produtor. Ao longo deste segundo capítulo, ao analisarmos as imagens da coleção Brandão, utilizaremos esse pressuposto.

⁸² RAMOS, op.cit., p. 57.

2 – Análise das fotografias de Brandão.

Para a análise do corpo de imagens produzido por Brandão, utilizaremos como base o livro *Fotografia e Cidade*, de Solange Lima e Vânia de Carvalho⁸³. Apesar de ser um livro que estuda especificamente fotografias da cidade de São Paulo, tratando de uma problemática urbana que não se aplica a Piracaia, e de as autoras a todo o momento lembrarem que o instrumental de análise que utilizam não foi pensado para ter resultados de abrangência universalizante, ele nos fornece um bom roteiro de análise de conjunto de fotografias, aplicável no tratamento de imagens de cidade, mas que podemos estender à análise da obra de Brandão como um todo. Inicialmente, faremos uso da parte desse trabalho que trata dos descritores formais, utilizados para a análise formal da imagem⁸⁴.

No texto, a preocupação foi:

“... isolar os atributos responsáveis pelo enquadramento da imagem, pelo arranjo dos elementos na imagem, pela articulação (ou não) dos planos fotográficos, pelos efeitos de valorização e, finalmente, pela estrutura, segundo a qual todos esses componentes estão conformados”.⁸⁵

Os retratos produzidos por Brandão são “... eminentemente verticais para dar sentido de imponência à pose; com equilíbrio entre a direção esquerda e a direita, harmonizando a representação entre os extremos...”, com “... ênfase na figuração masculina, pois é ela que garante a reprodução do sistema...”⁸⁶. Neles podemos perceber a pose e a adição de elementos comuns nas fotografias de estúdio, como móveis e fundos infinitos, seguindo um padrão estético que se formou com o advento do *carte-de-visite*. A teatralização da fotografia não se faz presente com tamanha força como nos *carte-de-visite*, visto o estúdio de Brandão ser improvisado, utilizando-se para esse fim os fundos de sua farmácia ou sua própria casa, sempre próximo a uma fonte de luz mais intensa. Essa é outra característica das fotografias de Brandão, suas fotografias são sempre diurnas, aproveitando-se do sol como fonte de luz.

⁸³ LIMA, Solange Ferraz de. CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997.

⁸⁴ Para a análise da imagem fotográfica, ver também: BECEYRO, Raul. *Ensayos sobre fotografía*. Cidade do México: Arte e libros, 1980.

⁸⁵ LIMA, op. cit., p. 50.

⁸⁶ MAUAD, op.cit., p. 225.

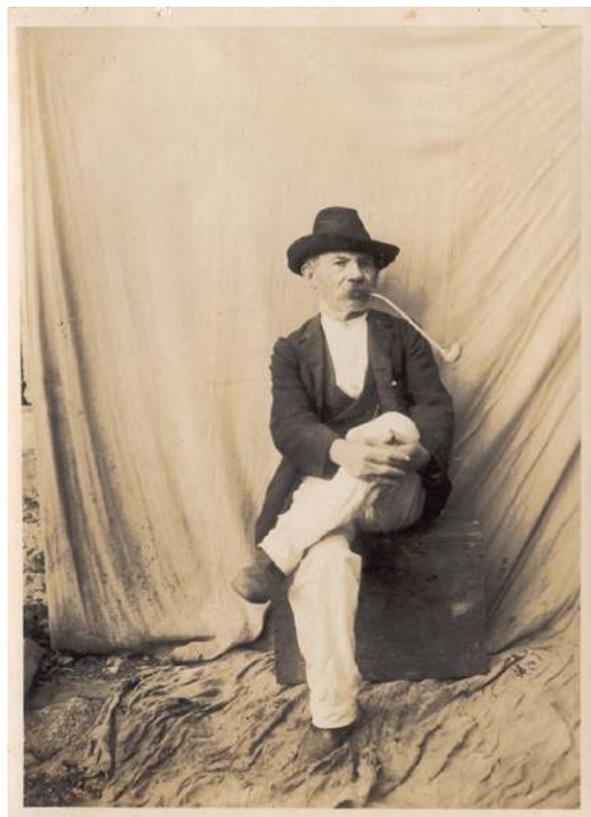


Figura 02 - Legenda não atribuída, sem data – AB 052.



Figura 03 - Francisco Brandão, cerca de 1910 – AB 121.

O ponto de vista é sempre central, não há rotação de eixo e a câmera fotográfica está sempre na altura dos olhos, não tendo sido identificados *closes*. A luz solar é utilizada de maneira difusa, ou, em alguns casos, como fonte de luz lateral, imprimindo dramaticidade à imagem.



Figura 04 - Legenda não atribuída, sem data - AB 143.

As vistas urbanas também seguem padrões consolidados no XIX. As composições são estáveis, “... têm o nivelamento e/ou a centralidade como atributos principais de estruturação da imagem... Os elementos figurativos são valorizados pela singularidade exclusiva no plano médio, ou por vistas parciais com centralização do motivo principal⁸⁷”.

⁸⁷ LIMA, op.cit., p. 94.

O ponto de vista do enquadramento, favorecido pela própria topografia de Piracaia, que é construída numa região com muitos morros, varia entre o central (figura 05), o diagonal, o ascensional (figura 06) e o descensional (figura 07), o que acarreta efeitos de inversão de escala e de exageros. A luz, também sempre diurna, normalmente é dura, podendo ter sua incidência oblíqua ou vertical.



Figura 05 - Praça do Rosário, com Igreja do Rosário à esquerda e mercado à direita ao fundo, sem data - AB 268.



Figura 06 - Rua Antônio Vito da Luz - FB 396.



Figura 07 - Rua Marechal Deodoro, 1928 - AB 190.

Nas fotografias urbanas, além das vistas parciais, que perfazem a maioria das imagens, podemos encontrar o efeito de singularidade, quando a atenção se concentra em algum edifício específico. Normalmente é um prédio público, como o fórum, o mercado e a cadeia da cidade, as igrejas, sendo as duas principais a do Rosário e a Matriz, ou as construções que se ressaltam no conjunto arquitetônico urbano, como hotéis ou a própria Farmácia Brandão.



Figura 08 - Hotel Piracaia; Rua Cel. Thomaz Cunha - FB 466.

Os dois principais eixos temáticos do conjunto de imagens produzido por Brandão são os retratos e as vistas urbanas, como já vimos adiantado na discussão até este ponto.

Mesmo não apresentando o nível de teatralização que os retratos alcançaram no século XIX, nas imagens de Brandão podemos notar certos apetrechos que denotam a posição social do indivíduo retratado, como os livros no caso do juiz (figura 10), a farda no caso de um oficial (figura 09) e a indumentária elegante, quando se trata de um retratado ao qual se quer dar uma maior imponência.



Figura 09 - Legenda não atribuída, sem data - AB 069.



Figura 10 - Legenda não atribuída, sem data - AB 239.



Figura 11 - Legenda não atribuída, sem data - AB 252.

Em um caso específico (figura 12), uma máscara foi aplicada ao negativo para se conseguir um efeito de atribuição de valor a um personagem. A fotografia mostra um padre da cidade, e a máscara, em forma de cruz vazada, lhe confere a apropriada reverência pretendida.



Figura 12 - Padre Antonio Gonçalves FB 110.

Ainda sobre os retratos produzidos por Brandão, temos que lembrar de uma característica fundamental da cidade de Piracaia. Ela era, e ainda pode ser considerada uma cidade pequena. Este fato nos remete a um “... aspecto definidor do modo de vida da cidade pequena brasileira...”⁸⁸, a marca da personalidade. Numa cidade como Piracaia não existe o anonimato.

⁸⁸ PRADO, Rosane. Cidade pequena: paraíso e inferno da personalidade. IN: *Cadernos de Antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: UERJ/NAI, 1995.

Não há espaço para ser um “...indivíduo, um cidadão entre outros, não identificado, em situação de impessoalidade e de igualdade, com ausência de privilégios ou discriminação. Sempre se é uma “pessoa” – alguém identificado e posicionado, filho de alguém, parente de alguém, da roça, da cidade, relacionado a uma família, grupo, ou posição...”⁸⁹.

Em outras palavras, a cidade pequena não permite o aparecimento do *flâneur*, o perambular anônimo pela cidade, perdido e indistinto na massa.⁹⁰

A cidade pequena é “... um universo preponderantemente holista – com a preponderância da totalidade (a sociedade) sobre as partes (cada ator social), no sentido de que cada um é identificado por uma posição, dada em complementaridade a outras posições no todo”. A noção de ‘indivíduo’, tão cara à modernidade, como um sujeito “... autônomo, um igual entre outros, com direitos de escolha, sentimentos e emoções particulares...” difere da noção de ‘pessoa’, “... vinculada ao todo da sociedade, complementar aos outros, com a vida determinada pela posição nesse todo.”⁹¹ As duas noções podem coexistir numa sociedade. Elas se referem a dois códigos que coexistem:

“...um moderno e igualitário – pelo qual somos ‘indivíduos’, seres autônomos, iguais perante a lei e o Estado; e outro tradicional e hierárquico – pelo qual somos pessoas, seres relacionais, com prerrogativas dadas por lugares ocupados em determinados segmentos da sociedade... De acordo com os contextos, oscilamos da condição de ‘indivíduo’ para ‘pessoa’.”⁹²

A tendência na cidade pequena é sermos sempre ‘pessoas’, identificadas com particularidade, reconhecidas, localizadas.

A fotografia de Brandão, inserida nesse contexto, tem o dúbio papel de dar reconhecimento ao indivíduo retratado, denotando-lhe uma personalidade, lhe dando uma imagem para se mirar e para mostrar aos outros, e de promover esse mesmo indivíduo a um grau mais elevado dentro da hierarquia da cidade, demonstrando sua importância enquanto sujeito detentor de sua própria imagem. O retrato fornece ao indivíduo um novo instrumento para se apresentar como pessoa.

⁸⁹ Ibid., p. 31.

⁹⁰ O *flâneur* aparece aqui na concepção de Walter Benjamin.

⁹¹ PRADO, op.cit., p. 31.

⁹² Ibid., p. 35.



Figura 13 - Legenda não atribuída, sem data - AB 049.

É interessante notar que, assim como Brandão, os personagens que são mais retratados por ele provavelmente já deviam ter freqüentado um ateliê fotográfico. Três personagens se fazem notar com maior freqüência, o médico, o juiz e o promotor da cidade (FB 073). O retrato seria então para eles uma reafirmação de sua posição social perante a cidade.



Figura 14 - Ao centro, Dr. Joaquim Barbosa, juiz de direito - FB 073.

Além dos retratos de amigos, podemos observar outros padrões temáticos nessa categoria de fotografia. O principal é o que se refere à fotografia de família. Brandão irá fotografar constantemente seus familiares, retratando sua esposa e seus filhos em diversas épocas; as crianças ainda bebês acompanhadas pela mãe, ou em grupo. Essas fotografias demonstram sempre um arranjo de cena hierarquizado, normalmente apresentando as crianças em ordem de idade, agrupadas no centro da imagem ou ainda em forma escalar.



Figura 15 - Esposa e filho de Francisco - AB 135.



Figura 16 - Em pé, Joaquim Brandão; à esq., Francisco Brandão, com Maria Antonia Brandão ao colo; à dir., Caetano Brandão, com Vidinha Brandão ao colo, 191_ - AB 099.



Figura 17 - Esposa e filhos de Francisco Brandão - AB 133.



Figura 18 - Filhos mais velhos de Francisco Brandão - AB 269.

Brandão fotografou a si próprio muitas vezes (figura 20). Ser o produtor, o divulgador e até mesmo o próprio referente da fotografia diferencia Francisco dos outros indivíduos por ele retratados. Ele torna-se não só o possuidor de sua própria imagem, mas também o seu criador. Sua apresentação se dá, como já dito, de uma maneira educada em relação à pose, refletindo uma prática anterior em ser retratado (figura 19).



Figura 19 - Francisco Brandão, 26/02/1894 - FB 906.



Figura 20 - Francisco Brandão, sem data - FB 071.

Em relação às vistas urbanas, as fotografias representam “... a circulação de referentes comuns a um ou mais setores da sociedade...”.⁹³ Brandão esquadrinhou a cidade com suas fotografias, em especial numa série em que percorre todas as suas ruas, documentando-as.



Figura 21 - Rua Dr. Alípio Cândido Ferreira, sentido bairro-cidade, sem data - FB 387.



Figura 22 - Rua Marechal Deodoro, com a Farmácia Brandão à direita, sem data - FB 370.

⁹³ LIMA, Solange Ferraz de. O circuito social da fotografia: estudo de caso II. IN: FABRIS, Annateresa (org.). *Fotografia – usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1998. p. 78.



Figura 23 - Rua Silvino Guimarães, sem data - AB 204.



Figura 24 - À direita, Rua Bragança; à esquerda, Rua Leonor Franco; casa do Dr. Heitor ao fundo, sem data - AB 210.

Quanto às funções sociais, as vistas urbanas completam o processo de auto-representação da sociedade burguesa fazendo com que a fotografia passe a integrar o elenco de suportes aptos à formação e veiculação de seu imaginário urbano.⁹⁴ Nas imagens de Brandão não se encontram retratados diretamente, porém, os signos da modernidade que usualmente são identificados em fotografias urbanas do período. A estação ferroviária não aparece como tema em nenhuma imagem, não vemos as ruas sendo pavimentadas, construções sendo erguidas, a luz elétrica sendo instalada. A cidade de Brandão apresenta-se estável, sua transformação, em ritmo muito mais lento que o de grandes cidades como São Paulo, não é mostrada diretamente. Piracaia é ordenada, sua modernidade está implícita no próprio fato de ela ser uma cidade, idéia construída pela fotografia.

O ordenamento da cidade na seqüência de fotografias de Brandão se dá quando lhe são mostradas as práticas sociais urbanas, como, por exemplo, os profissionais que nela atuam.



Figura 25 - Alfaiate Pedrinho - FB 112.

⁹⁴ Ibid., p. 78.

Ainda sobre o tema das fotografias de cidade, o fato de Piracaia ser uma cidade pequena também influenciou as imagens produzidas por Brandão. “... Na cidade pequena, a casa – com seu código – se espalha sobre a rua”.⁹⁵ Isso é demonstrado particularmente nas fotografias da Farmácia Brandão, que aparece como referente e como ponto de encontro de pessoas das mais variadas camadas sociais.



Figura 26 - Interior da Farmácia Popular; à esq. Francisco Brandão; à dir. Caetano de Carvalho - FB 788.



Figura 27 - Farmácia Popular, sem data - FB 761.

⁹⁵ PRADO, op.cit., p. 36.



Figura 28 - Grupo reunido em frente à Farmácia Brandão - FB 907.

A calçada em frente à farmácia aparece como extensão da própria, mas não só como estabelecimento comercial, mas principalmente como um ponto referencial de encontro. Ela é a 'sala' da farmácia. A praça que se situava em frente à farmácia em sua segunda fase, quando Brandão se separa do sogro e abre sua própria farmácia que passa a se chamar Farmácia Brandão, a praça do Rosário, representa o mesmo papel, sendo constantemente fotografada com a presença dos personagens que freqüentavam a farmácia.



Figura 29 - Grupo reunido na Praça do Rosário, sem data - AB 180.

2.1 – A temática da fotografia amadora.

Se as fotografias de Brandão, por um lado, têm sua composição pautada em padrões estabelecidos durante o século XIX, por outro, a temática das imagens foge ao repertório da fotografia tradicional. Assim como aconteceu com a pintura em meados do século XIX, as inovações tecnológicas tiveram um importante papel na quebra de padrões temáticos para a fotografia de fins do mesmo século. Em relação à pintura, “... a invenção do tubo de tinta em metal, em 1830, e sua comercialização pelas firmas inglesas a partir de 1840, possibilitaram ao artista uma mobilidade antes inconcebível...”, permitindo-lhe sair do ateliê, e juntamente com a venda de telas prontas e demais inovações, “... liberam o artista de uma artesanaria prévia, cujo domínio até então havia sido condição para seu trabalho. Estabelece-se uma separação entre a produção artística e a produção artesanal do instrumento de trabalho do artista...” Uma das conseqüências foi o crescimento do número de pintores amadores que, a partir de então, “... ficaram separados do profissional por uma linha de definição social, não mais por um abismo de Know-how artesanal”.⁹⁶

Essa saída do ateliê permitiu que novos temas fossem explorados, principalmente aqueles ligados à vida privada, que até então não havia inspirado os pintores academicistas. Assim como aconteceu com a pintura no início do XIX, na fotografia o desenvolvimento tecnológico alcançado no fim do século XIX permitiu o domínio da produção de imagens por outros que não os fotógrafos profissionais, e esses novos fotógrafos amadores, libertos também da necessidade de um conhecimento artesanal prévio para o registro fotográfico, saem do estúdio e passam a registrar imagens com temas mais variados que aqueles aos quais a fotografia havia se debruçado até então, principalmente imagens da vida privada, da casa, da família, de acontecimentos considerados até então muito corriqueiros para serem registrados por uma câmera fotográfica.

É assim que, nas fotografias amadoras de Brandão, temas como o cotidiano da família, dos amigos, da cidade, aparecem retratados. Esses temas vão de encontros de amigos em frente à farmácia, já apresentados, a reuniões em que aparecem evoluções tecnológicas como o gramofone, cenas de família no interior de sua casa, tocando piano ou

⁹⁶ BUENO, Maria Lúcia. *Artes plásticas no século XX: modernidade e globalização*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999. p.26.

brincando fantasiadas, amigos numa em mesa de bar, ou simplesmente Brandão como pai brincando com seus filhos.



Figura 30 - Legenda não atribuída, sem data - AB 251.



Figura 31 - Família Brandão, 190_ - AB 095.



Figura 32 - Legenda não atribuída, sem data - AB 158.



Figura 33 - Legenda não atribuída, sem data - AB 233.



Figura 34 - Legenda não atribuída, sem data - AB 181.



Figura 35 - Francisco Brandão e família em seu quintal, 190_ - FB 254.

O conjunto de ‘imagens privadas’ nos mostra a vida burguesa de uma família e de um círculo de amigos, o cotidiano, ou a seleção imagética desse cotidiano, de uma burguesia urbana, que deve ser considerada como no topo da ascensão social do início do século XX. Há grandes possibilidades de que as imagens de Brandão tenham obtido uma ampla visibilidade na Piracaia de seu tempo, inclusive pelos moradores da área rural, que eram a maioria dos habitantes do município.

Nos finais de semana essa população rural encaminhava-se à cidade para ir à missa, comercializar sua produção e comprar gêneros, ou para ir à farmácia. Além dessa população rural, a elite do café, muitas vezes tão analfabeta quanto os trabalhadores que empregava, também afluía para o centro urbano. Se descontarmos o acesso às fotografias de Brandão em sua farmácia, ainda poderemos vê-las expostas em outros lugares, como em um bar retratado em que imagens produzidas por Brandão coexistem com outras fotografias tiradas em estúdio (figura 36). Isso significa que essas pessoas tinham acesso às imagens que transmitiam os signos de uma vida moderna, não só em relação à cidade, que é mostrada como um marco de civilidade, mas também em códigos de postura para a vida íntima, para os relacionamentos pessoais. São retratados hábitos burgueses e citadinos, como passeios e piqueniques, brincadeiras infantis, e até hábitos de higiene, como ensinar uma criança a usar o urinol. Enfim, as imagens deixam transparecer um modelo de vida urbano e burguês, abrangendo várias instâncias de socialização.



Figura 36 - À esquerda, Caetano de Carvalho, sem data - AB 283.



Figura 37 - Reunião campestre, sem data - AB 240.



Figura 38 - Legenda não atribuída, sem data - AB 235.



Figura 39 - Legenda não atribuída, sem data - AB 142.

As fotografias que poderíamos classificar como imagens do cotidiano não se restringem às de interiores ou se referem apenas à vida privada no âmbito familiar e entre amigos, mas também ganham a abrangência da rua. A cidade enquanto palco de vida social também foi retratada, elegendo-se como tema fatos que transitam do corriqueiro ao pitoresco, como festas e tradições populares, procissões, a chegada do circo, o uso de aparatos urbanos como o fórum e as igrejas, agrupamentos de pessoas, ou a cidade como meio de convívio social. A cidade novamente é apresentada, agora como o lugar ideal de civilidade, funcionando como cenário e como parte integrante da vida de seus moradores.



Figura 40 - Cavalhada, 1896 - FB 784.



Figura 41 - Legenda não atribuída, sem data - AB 281.



Figura 42 - Congada, sem data - FB 365.



Figura 43 - Procissão, Rua José dos Santos, sem data - AB 223.



Figura 44 - A chegada do circo, sem data - AB 218.



Figura 45 - Fórum, sem data - AB 231.



Figura 46 - Legenda não atribuída, sem data - AB 080.



Figura 47 - Cemitério, sem data - FB 304.



Figura 48 - Segundo sentado à direita, Tomás Cunha; quarto, Joaquim Barbosa; na porta, padre da cidade; criança, Caetano Brandão - FB 095.



Figura 49 - Legenda não atribuída, sem data - AB 215.

Quanto às fotografias de agrupamentos, é interessante notar o grau de hierarquização que atinge a produção de imagens de Brandão; assim como nas fotografias de grupos em frente à farmácia, as pessoas estão organizadas conforme seu nível de importância social, aparecendo sempre à frente e centradas na imagem quando estão em pé, ou também ao centro, não necessariamente na frente, mas numa posição de destaque quando estão sentadas. Ao centro sempre aparece Francisco Brandão, quando este se insere na imagem com aqueles de seu convívio mais próximo, até chegar às extremidades onde aparecem pessoas que pela postura ou pela vestimenta demonstram ser de extratos sociais mais baixos, e as crianças, normalmente sentadas no chão. Mesmo entre as crianças demonstra-se um grau de valoração em relação ao seu aparecimento na imagem – os filhos de Brandão, quando aparecem em meio a outras crianças, estão também localizados no centro. Aqui podemos notar uma afirmação da posição social dos indivíduos e de seus papéis na sociedade da qual fazem parte.

Um elemento de civilidade em particular é utilizado nas fotografias de Brandão, o jornal. Reafirma-se com isso a importância da leitura na sociedade burguesa moderna, distanciando ainda mais a elite alfabetizada do grosso da população, analfabeta. É possível identificar inclusive a presença de jornais portugueses de cunho republicano, como *O Mundo* e *A Lucta*, que Brandão certamente recebia junto com produtos que lhe eram mandados de Portugal.



Figura 50 - Francisco Brandão com seus filhos em frente à farmácia - FB 791.



Figura 51 - Reunião em frente à farmácia, sem data - AB 006.

Para finalizar a análise das fotografias de Francisco Brandão, gostaria de retornar a um detalhe técnico. Brandão dominava algumas trucagens fotográficas, que faziam parte do

repertório dos fotógrafos do período, tendo sua execução explicada nos manuais de fotografia. A que mais praticava era a múltipla exposição de seus negativos, conseguindo com isso que um único personagem principal aparecesse inúmeras vezes na imagem.



Figura 52 - Francisco Brandão, sem data - AB 120.



Figura 53 - Legenda não atribuída, sem data - AB 243.



Figura 54 - Francisco Brandão, sem data - AB 128.

Outra técnica de manipulação de imagens de que lança mão são as colagens, recortando imagens fotográficas e colando-as sobre imagens impressas.



Figura 55 - Carnaval do Grupo Cachoeirense, 1901 - AB 273.

Com essas pequenas trucagens, Brandão consegue imprimir um caráter mágico às suas imagens, principalmente com o efeito de múltipla exposição. Com suas colagens, menos numerosas, aproxima-se da editoração de imagens praticada na imprensa. Um outro efeito praticado por Brandão em suas imagens é a colocação de máscaras no negativo, normalmente criando legendas, nem sempre legíveis, é verdade, mas também se aproximando da imagem utilizada nos meios de comunicação.

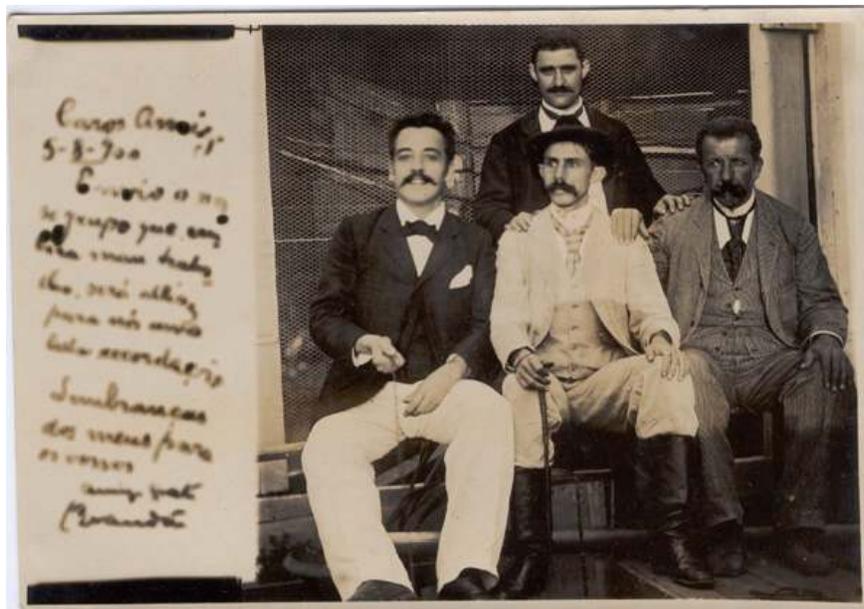


Figura 56 - À esquerda, Francisco Brandão; à direita, Caetano de Carvalho, com dedicatória, 05/08/1900 - AB 290.

Há um elemento que une todos esses padrões temáticos aqui apresentados, a figura humana. À parte os retratos, a cidade também é humanizada por Brandão. Com suas fotografias, Brandão quer que o observador também observe a si próprio, e assim possa situar-se em relação ao local em que vive e em meio a seus pares. As imagens de Francisco Brandão refletem assim um balizamento de seu objeto central, o ser humano.

CAPÍTULO III

O OLHAR FOTOGRÁFICO DE FRANCISCO BRANDÃO E A CRIAÇÃO DA MEMÓRIA.

O profissional da memória

Passeando presente dela
pelas ruas de Sevilha,
imaginou injetar-se
lembranças, como vacina,

para quando fosse dali
poder voltar a habitá-las,
uma e outras, e duplamente,
a mulher, ruas e praças.

Assim, foi entretecendo
entre ela e Sevilha fios
de memória, para te-las
num só e ambíguo tecido;

foi-se injetando a presença
a seu lado numa casa,
seu íntimo numa viela,
sua face numa fachada.

Mas desconvivendo delas,
longe da vila e do corpo,
viu que a tela da lembrança
se foi puindo pouco a pouco;

já não lembrava do que
se injetou em tal esquina,
que fonte o lembrava dela,
que gesto dela, qual rima.

A lembrança foi perdendo
a trama exata tecida
até um sépia diluído
de fotografia antiga.

Mas o que perdeu de exato
de outra forma recupera:
que hoje qualquer coisa de uma
traz da outra sua atmosfera.

João Cabral de Melo Neto.

Pretende-se abordar neste terceiro capítulo a relação entre a coleção de Brandão, suas fotografias, com a memória. Primeiramente a memória pessoal, e depois uma memória coletiva. Esse tema se fez presente frente à condição especial em que se encontra a coleção de fotografias de Francisco Brandão, dividida entre a cidade que nelas se manifesta e um arquivo numa grande universidade, em outra cidade que não tem, aparentemente, maiores ligações com os referentes visuais das imagens que guarda. A questão que se apresentou foi a de como se constrói a memória, e de como esta permanece, relacionando-se esses fatos com a fotografia.

A primeira entrevista realizada para a pesquisa sobre as fotografias de Francisco Brandão foi feita com Ailton Brandão, seu neto, e detentor do acervo de imagens que ainda permanece em Piracaia e que engloba a produção de seu avô e de seu pai. O intuito primeiro era justamente diferenciar as duas produções e atribuir legenda às fotografias, e Seu Ailton se mostrava a pessoa indicada para essa atividade. Como detentor material, seria ele também o provável conhecedor das imagens que se encontravam no acervo que tinha em mãos.

A identificação da produção de um e de outro, de pai e de avô, foi realizada sem maiores problemas, mas a identificação das imagens acabou revelando um fato interessante: frente a um alto índice de reconhecimento das fotografias de Caetano, as fotografias de Francisco Brandão, particularmente seus retratos, não conseguiram ser identificadas por Ailton. A parte das fotografias de Francisco que teve uma identificação positiva foi a das vistas urbanas, mas as pessoas que aparecem em suas imagens continuaram em sua grande maioria anônimas, excetuando-se um ou outro personagem que se mostrava conhecido graças ao convívio com seu pai, Caetano, ou as relações de parentesco com pessoas contemporâneas a Ailton.

Por que a cidade, como espaço físico, permanece memorável, enquanto as pessoas, habitantes desse mesmo espaço, mergulham no esquecimento, mesmo tendo suas imagens perpetuadas numa fotografia?

1 – O olhar fotográfico.

Para responder a esta questão, primeiramente abordaremos a constituição do que chamamos de ‘olhar fotográfico’. Em seu texto *Fotografia, a poética do banal*, o autor Luís

Humberto nos dá uma interessante definição do termo, afirmando que pelo caráter fragmentário da fotografia podemos atribuir importância a questões que ao serem retiradas de uma realidade maior e tridimensional, ganhariam novos e especiais contornos. Não se criaria com isso uma falsificação do real, ou uma relevância imposta artificialmente.⁹⁷

O olhar fotográfico é colocado como um hábito visual seletivo, animado por uma percepção sensibilizada por motivações e filtros de diversas origens, como as questões filosóficas, ideológicas, culturais e afetivas. Esse olhar seletivo está presente em todos os indivíduos, mesmo que nem sempre identificado de forma nítida, mas o objetivo de se alcançar um conteúdo que atenda as expectativas do autor, no caso o fotógrafo, exige o domínio dos meios tecnológicos e o competente manejo da linguagem fotográfica.

A prática do olhar fotográfico conduziria “... à transcrição do visível em coisa fotografável...”. A fotografia é então colocada como sendo a visão de uma realidade reinterpretada, uma alucinação retida e vivida só na imaginação, apenas lembranças, “... experiências aprisionadas que se legam aos outros...”⁹⁸, aos receptores das imagens selecionadas pelo fotógrafo, a quem caberá interpretá-las segundo seus próprios anseios e filtros culturais e emocionais.

O olhar fotográfico, um hábito visual seletivo, irá disponibilizar aos outros, espectadores das imagens, as lembranças selecionadas de um indivíduo específico, o fotógrafo. A seleção do real irá documentar a visão de mundo de quem a realiza, nos informando quais foram as prerrogativas utilizadas para a escolha dos elementos que irão aparecer na fotografia que se apresenta, agora, como um duplo testemunho, pelo que nos mostra da cena passada, irreversível, imobilizada em fragmentos, e por aquilo que nos informa sobre seu autor. O fotógrafo é justamente o criador desse testemunho, um testemunho particular, segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo em que é uma criação a partir de um visível fotográfico. “... Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho.”⁹⁹

⁹⁷ HUMBERTO, Luís. *Fotografia, a poética do banal*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. pp. 45-47.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 45.

⁹⁹ KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989. p. 33.

Surge mais uma das várias dualidades da fotografia; ao mesmo tempo em que ela representa uma memória selecionada pelo autor, ela “... cria uma visão do mundo a partir do mundo, molda um imaginário novo, uma memória não-seletiva porque cumulativa”.¹⁰⁰ A sua característica não seletiva se deve a sua relação com o tempo e com o espaço, que são imobilizados em sua superfície, tornando-se os protagonistas absolutos da imagem. Assim imobilizados, as dimensões tempo e espaço tornam-se passíveis de uma recuperação, baseada no real e no subjetivo; na analogia entre realidade e criação, se revela a seleção, a construção e o filtro do receptor da imagem. A síntese fornecida pela fotografia possibilita então que a memória seletiva do autor passe a ser também a do receptor, transformando-se em memória não mais de apenas um indivíduo, mas de um conjunto de indivíduos.

A imagem passa a ser interpretada como uma representação da memória, permitindo uma lembrança seletiva. Mas para que ela possa ser lembrança, é necessário que o receptor da imagem tenha com ela alguma afinidade - se a ele forem totalmente estranhos os filtros e referências do autor, ficará impossibilitada a leitura da imagem. Obtemos aqui algumas respostas iniciais: se a pessoa não conhece, ou não reconhece o referente, este não lhe consegue dizer muita coisa. O olhar fotográfico se caracteriza então não apenas como uma prática da técnica de produção de imagens, mas também como a prática do entendimento, da leitura dessas imagens geradas.

2 – Fotografia e memória.

Philippe Dubois trabalha diretamente com a questão da fotografia ligada à memória¹⁰¹, tratando inicialmente o ‘princípio de distância’ que surge da conceituação de Walter Benjamin sobre a aura, uma “... trama singular de espaço e de tempo: a única aparição de um longínquo, por mais próximo que esteja”¹⁰². Dubois faz uma leitura particular desse conceito, uma interpretação que até certo ponto se afasta do próprio uso que Benjamin faz dele. Frente à afirmação de Benjamin de que a aura existe apenas na fotografia em sua primeira fase, com os daguerreótipos, e que numa fase posterior essa se perderia, Dubois generaliza a aplicação do conceito de aura e afirma que é na fotografia, entendida como um todo, que ela se manifesta mais plena - segundo o autor, porque a

¹⁰⁰ FABRIS, op.cit., p. 36.

¹⁰¹ DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, SP: Papyrus, 1994. p. 311.

¹⁰² Ibid., p. 311.

fotografia é a imagem que mais se aproxima de seu objeto, graças a seu caráter indiciário e sua íntima ligação com o referente, mas igualmente o coloca como um objeto separado e perdido.¹⁰³

A separação é identificada em todas as fases do processo fotográfico. No disparo, onde ocorre no momento da exposição, em que o fotografar, o retirar a imagem do real, é na verdade o não ver; na imagem latente, onde a ‘experiência da espera’ nos remete a uma imagem que representa o que não mais existe e o que ainda está por surgir; e na fase final, de contemplação da imagem fotográfica revelada, que leva a movimentos perpétuos do espectador, que não pára de passar do aqui-agora da foto para o alhures-anterior do objeto, “... que não cessa de olhar intensamente essa imagem (bem presente, como imagem), de nela submergir, para melhor sentir seu efeito de ausência (espacial e temporal), a parcela de intocável referencial que ela oferece à nossa sublimação”.

A característica intrínseca da fotografia de ser ao mesmo tempo objeto, algo real, palpável, e de ser uma imagem que representa o passado que se foi, algo que necessariamente esteve ali, que está tanto mais presente no imaginário quanto se sabe que atualmente desapareceu de fato, a transforma num substituto metonímico do real transcorrido. Esse substituto indiciário, a fotografia, “... ao mesmo tempo que assina a ausência efetiva do referente, se concede, como representação, como um objeto concreto, material, dotado de uma consistência física real...”. A imagem fotográfica estaria assim marcada pela intimidade que num determinado momento teve com um real para sempre desaparecido - uma obsessão feita de distância na proximidade, de ausência na presença, de imaginário no real que proporcionaria às fotografias toda a sua aura, a aparição de um longínquo, mesmo que este esteja próximo.¹⁰⁴

Para Dubois é essa obsessão que faz de qualquer fotografia o equivalente visual da lembrança. “Uma foto é sempre uma imagem mental. Ou, em outras palavras, nossa memória só é feita de fotografias.”¹⁰⁵ O autor passa então a tratar a fotografia como ‘arte da memória’, concluindo que a memória é uma atividade psíquica que encontra na fotografia seu equivalente tecnológico moderno; mas ao mesmo tempo em que a fotografia é vista

¹⁰³ Ibid., p. 312. Grifos do autor.

¹⁰⁴ Ibid., pp. 313-314.

¹⁰⁵ Ibid., p. 314.

como um fenômeno psíquico, ela também pode ser entendida como uma atividade ótico-química. Ela é colocada então como uma ‘máquina de memória’, uma “mnemotécnica mental”.¹⁰⁶

Evidenciando-se assim a questão do inconsciente com a questão da inscrição dos traços mnésicos e de sua volta eventual e parcial ao sistema da consciência, a fotografia é concebida como aparelho psíquico, passando a tratar o assunto no campo da psicanálise freudiana. Para tanto, são utilizadas as metáforas de Freud sobre a vida psíquica e os aparelhos, em especial a fotografia, com as quais tenta explicar os modos de inscrição do passado no psíquico. Para Freud, os traços mnésicos escondidos em nosso inconsciente estão sempre todos ali integralmente, mas sua ascensão à superfície é seletiva; todas as virtualidades são registradas, mas as atualizações na consciência, as revelações seriam feitas pontualmente.¹⁰⁷

Isso significa que “... se tudo se inscreve na memória psíquica e ali permanece gravado, nem tudo volta”. Esse recalçamento está na origem do lembrar, e sempre haverá restos perdidos inacessíveis à consciência, uma parcela de imagem invisível, “... ou melhor, sempre haverá invisível na imagem”. As fotografias são consideradas então como uma ‘lembrança encobridora’, uma exibição de memória deslocada, uma imagem substitutiva, aparentemente simples e evidente, que está presente mas que se mostra no lugar de uma outra imagem, ausente, oculta, recalcada.¹⁰⁸

O que retorna da memória psíquica, do inconsciente, são fragmentos, pedaços, restos incompletos e deformados. A fotografia, tida como uma lembrança encobridora, ou como o equivalente visual exato da lembrança, apresenta-se assim também como uma memória incompleta. O que ela nos trás do passado também se resume a fragmentos, pedaços e restos, incompletos e deformados. É uma imagem substitutiva da imagem mental completa que se aloja no inconsciente, mas ocupando a função de imagem mental manifesta, guarda a mesma característica de incompletude desta.

Tomando-se um conjunto de fotografias, no caso a coleção Brandão, como um conjunto de virtualidades registradas, podemos dizer que o que se revela desse conjunto

¹⁰⁶ Ibid., pp. 316-317.

¹⁰⁷ Ibid., p. 321.

¹⁰⁸ Ibid., pp. 325-326.

como imagem manifesta é pontual. Todas as imagens estão lá, mas nem todas têm a capacidade de aflorar em nossa memória quadros vivos do passado aprisionado, mesmo que disformes. A fotografia como traço mnésico estaria toda num inconsciente/arquivo, aflorando em nosso consciente/leitura de maneira seletiva.

3 – Memória coletiva.

Patrícia Rodolpho, em seu trabalho *A rua em imagens: as transformações urbanas na fotografia – um estudo de caso sobre a rua 13 de Maio em Campinas*, concebe o termo de ‘âncora temporal’ como uma abordagem possível para construções que persistem ao tempo.¹⁰⁹ As construções antigas nos remetem a outras épocas graças à capacidade que a experiência visual nos dá de identificar o antigo do recente. Esta capacidade de nos remeter a outros tempos e vivências, justamente pelo fato de ainda existirem e de se mostrarem no tempo presente - material ou simbolicamente - dá a essas antigas construções o caráter de âncoras temporais, um termo que em si trás a contradição entre a âncora, o que estabiliza e o tempo que passa, transforma, transita.

“... A ‘âncora temporal’ concentra duas situações, quase como se realizasse dois esforços opostos: ela pode garantir sua permanência, manter a sua posição, mesmo estando prestes a sucumbir, a desaparecer”¹¹⁰.

Na análise das fotografias de Brandão, toma-se a liberdade de ampliar o uso do conceito de âncora temporal e de aplicá-lo às próprias fotografias. Pode-se dizer que elas funcionam como âncoras temporais, estando aqui presentes, mostrando as marcas do tempo pelo qual passaram, e nos remetendo no mesmo momento a um tempo findo. Colocamos as fotografias junto às construções antigas como imagens que permanecem no tempo, nos remetem ao passado, mas um passado que nem elas nem nós podemos vivenciar de outra maneira que não no presente, com toda a carga de rupturas e continuidades que trazemos, indivíduos e objetos.

Isso significa que as fotografias, assim como as construções antigas, formam um conjunto de referências que vai além da memória individual, que vimos até aqui e que

¹⁰⁹ RODOLPHO, Patrícia. *A rua em imagens: as transformações urbanas na fotografia – Um estudo de caso sobre a Rua 13 de Maio em Campinas/SP*. Campinas, SP: [s.n.], 2004. pp 131-132.

¹¹⁰ Ibid., p. 132.

Dubois explora fazendo uso das teorias de Freud. Elas tornam-se referência para grupos, para coletividades.

Paul Zumthor em seu texto *Tradição e esquecimento*¹¹¹ aborda a memória coletiva alicerçada na tradição, contrapondo-lhe o esquecimento, seu oposto, que se revela na verdade seu formador.

A tradição é o que nos dá a compreensão e possibilita a interpretação espontânea de nossa vivência cotidiana, tornando-as possíveis para os membros do grupo social a cada instante da experiência. Ela se aplica por projeção, sobre o acontecimento, de esquemas explicadores. Mas para a compreensão e interpretação dos fatos se faz necessário o esquecimento. A memória coletiva, assim como a individual, opera através de seleção, resultante de um encadeamento de operações mentais complexas que constitui o processo de memorização e sua posterior transmissão dessa memória, pela tradição, de dados então controlados. “Nossas culturas só se lembram esquecendo, mantêm-se rejeitando uma parte do que elas acumularam de experiência, no dia-a-dia”. A seleção opera desconectando o contato imediato que temos com nossa história presente ao mesmo tempo em que recupera e determina o que, “... do vivido, foi, é, e tem chances de permanecer funcional...”¹¹²

A comunidade tem uma tendência dominante de aderir memorialmente a “... formas de pensamento, de sensibilidade, de ação e de discurso graças às quais ela ‘funciona’...”, formas carregadas de um valor imbuído pelo processo de esquecimento, que por sua vez não anula, mas “... clarifica o que deixa à lembrança, transformando-a em tipo, extraindo daquilo que foi sua fragilidade temporal, sua incômoda primeira fugacidade.”¹¹³

O tipo, o modelo, sem particularidades, despojado, dá margem a uma criatividade discursiva, uma relembração, ou uma recriação. A tradição, generalizante, permite então que a rememoração, calcada em tipos, ganhe particularidades. A tradição funciona assim como um repertório de paradigmas e de virtualidades relacionais que permite uma vasta gama de associações de toda espécie.¹¹⁴

¹¹¹ ZUMTOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997.

¹¹² Ibid., p. 15.

¹¹³ Ibid., p. 16.

¹¹⁴ Ibid., p. 24.

Enfim, a coletividade seleciona o que quer manter do real, esquecendo-se do que não lhe é funcional, tipificando e incluindo o que resta a ser recordado na tradição, para que o ensinamento possa ser transmitido aos próximos como um valor universal.

4 - A coleção Brandão e a questão da memória.

A coleção Brandão se insere nesse discurso em dois níveis: primeiro podemos identificar uma série de imagens que representam ‘memórias particulares’, fotografias de indivíduos, de particularidades, de fatos que tiveram significado para quem os vivenciou, conheceu ou os registrou, e depois, num segundo nível, fotografias que apesar de serem representações de uma memória particular de um fotógrafo e/ou de um grupo de indivíduos, podem ser generalizadas como representantes de uma memória coletiva. Essas duas funções das fotografias da família Brandão irão desempenhar papel fundamental em seu reconhecimento, em sua rememoração.

O que se mantém prático e funcional para quem vê essas imagens na atualidade é o que elas podem transmitir de geral, de tipo, de ‘tradição’. O particular perde sua funcionalidade perante o esquecimento de nomes, rostos, lugares e funções sociais, enquanto o que se representa de geral ainda serve como balizamento de nossas vidas cotidianas. Isso explica tanto a memória e o esquecimento particulares de Ailton Brandão em relação às imagens quanto o fato delas poderem estar num arquivo público, disponíveis para consulta de qualquer pesquisador que por elas se interesse, sem suscitar maiores questionamentos em relação à sua função em tal instituição ou lugar.

Para quem não é de Piracaia, o interesse que se demonstra hoje nas imagens da coleção Brandão dizem respeito às nossas dúvidas quanto ao presente, não ao passado. Interessa-nos identificar nas fotos os signos do cotidiano pelo qual toda a sociedade, não só a piracaieense, passou. A memória imagética da cidade passa a ser a do estado, a do país, a da sociedade como um todo, do coletivo refletido.

O morador de Piracaia que percorrer a coleção Brandão irá reconhecer, rememorar nas imagens o que ainda lhe é funcional - as ruas, os estabelecimentos que resistem, as âncoras temporais. O que não lhe é familiar, ou seja, o que não lhe tem função, fará com que ele reaja como aquele pesquisador que não tem ligações com a cidade, mas encontra, rememora coisas e fatos que podem ser universalizados - como era uma farmácia antiga,

qualquer que seja, como era a chegada do circo nas cidades, qualquer cidade, profissões que se encontravam em centros urbanos, como vivia uma família de classe média no começo do século XX, qual era a técnica fotográfica utilizada, e assim por diante. A coleção funcionaria então como um “inconsciente coletivo”: tudo está lá, todo um passado, mesmo que seletivo, mas o que vem à tona do consciente são os fragmentos de memória que ainda se mostram e se fazem necessários para que se possa entender a tradição, a memória da sociedade.

Toda imagem, toda fotografia, nos transmite algo do passado. Mas o conteúdo transmitido varia de intensidade e de função, e algumas imagens têm sua mensagem esgotada rapidamente, justamente por não ter muito a dizer. Após analisar como era o vestuário de uma época, como era a pose de tal período, se não se acha um caminho de maior aproximação com o referente de, por exemplo, um retrato, a leitura se encerra. É o que acontece quando se estuda os *carte-de-visite*, onde o padrão dominante só deixa margem para uma análise do conjunto das imagens, não de suas particularidades.

Quanto maior o afastamento entre o receptor da fotografia e o referente, maior será a generalização da análise da imagem, generalização esta que trabalha com o esquecimento, com o ‘deixar de lado’ os detalhes que não mais importam no momento. É o que autoriza Seu Ailton Brandão a imputar legendas como “O especulador do começo do século” para um retrato que, ao ser ver, representa justamente isso: não mais um indivíduo, mas uma idéia generalizante a partir do que lhe parece ser o referente.

CONCLUSÃO:

Se nosso sistema de absorção da realidade se dá prioritariamente através da observação de imagens, o fotógrafo tem o papel de transcrever o real em figuras fixas, para que assim possamos observá-las e delas extrair os parâmetros que nos auxiliam justamente a melhor trabalhar o mundo a nossa volta. Mas ele vai além, ele acaba por construir e refletir novas realidades, com as quais nossa sociedade, mirando-se, admirando-se, acaba por entender-se.

Procurou-se mostrar nesse trabalho, antes de qualquer coisa, o trajeto de um fotógrafo, produtor de imagens invisíveis e de significações visíveis, mostrando a complexidade do que se inclui no simples ato de produção de uma imagem fotográfica. Acompanhamos o período em que se deu sua formação, indicando as prováveis influências que sofreu, sua desterritorialização numa mudança forçada para outro ambiente social, que, analisado, demonstrou mais proximidades que distanciamentos com seu local e sua vida iniciais.

Percorrendo suas imagens, identificou-se suas técnicas e seu jeito de olhar o mundo, que se mostra particular ao declarar seus filtros e tradições, mas ao mesmo tempo abrangente se admirado como representação de uma época passada comum a todos. O específico dentro do geral, o ponto na superfície, que, emergindo, nos dá a noção do todo, irrecuperável enquanto tal assim como o tempo transcorrido, que permanece inalterado mas ainda transitório.

Com a análise das fotografias de Francisco Brandão acabamos por questionar o olhar do indivíduo para seu mundo, através de um meio tecnológico que traz em si uma carga emocional explosiva. O que nos leva à lembrança, e o que ela nos trás, e como trás.

BIBLIOGRAFIA.

- ALMEIDA, Antônio Ferreira de. *História do Município e Comarca de Piracaia, antes Santo Antônio da Cachoeira*. Bragança Paulista: Papelaria Almeida, 1912.
- AUGRAS, Monique. História Oral e subjetividade. In: VON SIMSON, Olga R. de Moraes (org.). *Os desafios contemporâneos da História Oral*
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta – ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. v 1 – 2. Petropolis: Vozes, 1996.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara – nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Froteira, 1989.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso – ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BECEYRO, Raul. *Ensayos sobre fotografia*. Cidade do México: Arte e libros, 1980
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BUENO, Maria Lúcia. *Artes plásticas no século XX: modernidade e globalização*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- CABRAL, Manuel Villaverde. *Portugal na alvorada do século XX – forças sociais, poder político e crescimento econômico de 1890 a 1914*. Lisboa: Regra do Jogo, 1979.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas cidades, 2001.
- CORBIN, Alain. Bastidores: o segredo do indivíduo. IN: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada*. V. 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- FABRIS, Annateresa (org.) *Fotografia – usos e funções no século XIX*. Sao Paulo: Edusp, 1991.
- FERRARI, Sandro. A coleção família Brandão. In: *Boletim do Centro de Memória*, Unicamp, Campinas, 1993, v 5, n 10, p 103-10.

- FREYRE, Gilberto; PONCE DE LEON, Fernando; VASQUEZ, Pedro. *O retrato brasileiro: fotografias da coleção Francisco Rodriguez, 1840-1920*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.
- FREUND, Gisele. *La fotografía como documentacion social*. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.
- FRIZOT, Michael. *The new history of photography*. Köln: Könemann, 1998.
- GOLDEMBER, Vick. *The power of photography – how photographs changed our lives*. New York: Abbeville Press, 1991.
- GRANGEIRO, Cândido D. *As artes de um negócio: a febre photographica – Sao Paulo 1862-1886*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2000.
- HUMBERTO, Luís. *Fotografia, a poética do banal*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- KOSSOY, Boris. *Origens e expansão da fotografia no Brasil – século XIX*. Rio de Janeiro: Mec-Funarte, 1980.
- _____. *A fotografia como fonte histórica: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado*. São Paulo: SICCT, 1980.
- _____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- _____. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Edusp, 2000.
- LIMA, Solange Ferraz de. CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997.
- MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MATOS, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovia: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. São Paulo: Alfa-Omega, 1974.
- MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.). *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997.

- MILLIET, Sergio. *Roteiro do café e outros ensaios*. São Paulo: ____, 1939.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes (org.). *Retratos quase inocentes*. São Paulo: Nobel, 1983.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- PRADO, Rosane. Cidade pequena: paraíso e inferno da personalidade. IN: *Cadernos de Antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: UERJ/NAI, 1995.
- PRZYBLYSKI, Jeannene M. Imagens (co) moventes: fotografias, narrativa e a Comuna de Paris de 1871. In: CHARNEY, Leo e SWARTZ, Vanessa (orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Casac & Naify, 2001.
- RIBEIRO, Suzana Barretto. *Percursos do olhar na fotografia profissional e amadora: Campinas 1900-1915*. Tese doutorado: Unicamp, 2002.
- RODOLPHO, Patrícia. *A rua em imagens: as transformações urbanas na fotografia – Um estudo de caso sobre a Rua 13 de Maio em Campinas/SP*. Campinas, SP: [s.n.], 2004
- RAMOS, Rui (coord.). MATTOSO, José (dir.) *História de Portugal: A segunda fundação (1890-1926)* v.6. Sem local: Estampa, 1993. p. 31.
- REIS, Antônio do Carmo. *Nova história de Portugal*. Lisboa: Notícias, 1984.
- SÁ, Vitor de. *Liberais e republicanos*. Lisboa: Horizonte, 1986.
- SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SCHAEFFER, Jean-Marie. *A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- TACCA, Fernando de. *O feitiço abstrato. A imagética da Comissão Rondon*, tese de doutorado em Antropologia Social, FFLCH – USP, 1999.
- _____. Sapateiro: o retrato da casa. In: *Boletim especial do Centro de Memória da Unicamp*. V 5, n 10, Campinas, SP, 1993.
- VASQUEZ, Pedro. *Fotografia – reflexos e reflexões*. São Paulo: L&PM, 1986.
- VON SIMSON, Olga R. de Moraes; Leite, Miriam L. Moreira. Imagem e linguagem: reflexões de pesquisa, In: *Centro de estudos rurais e urbanos*, série 2, n 3, 1992.
- ZUMTOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997

ANEXO 01

AS FOTOGRAFIAS DE CAETANO BRANDÃO.

Caetano Brandão, filho de Francisco e pai de Ailton, vale insistir, herda do pai o hábito da fotografia e a profissão de farmacêutico. Irá produzir imagens com a mesma frequência que o pai, ou até mais, mas seu discurso fotográfico, ao mesmo tempo em que dá continuidade ao do pai na técnica e na temática, se afasta dele em seu conjunto. Seus personagens recebem outro tratamento, perde-se completamente a rigidez formal que Francisco ainda tentava imprimir em algumas de suas fotos, a fotografia fica mais intimista, ganhando a família o posto de tema principal. Outra grande diferença entre Caetano e Francisco é que o primeiro passa a fotografar comercialmente, produzindo fotografias para as pessoas que não tinham condições de frequentar um estúdio.

Seus retratos comerciais perdem o padrão de retratos de estúdio e ganham uma conotação de fotografia documental. Os fundos infinitos são utilizados apenas como um fundo neutro para futuros cortes na imagem do negativo. É comum a ‘foto documental coletiva’, em que várias pessoas são retratadas ao mesmo tempo, com a clara intenção de uma posterior separação em retratos individuais, provavelmente no formato 3x4, tamanho já padronizado para documentos no período em Caetano fotografa. Não há mais a tentativa de imposição de um valor social nesses retratos.

Os retratos sem função social ganham um novo enquadramento, perdendo-se a rigidez da pose. A cena passa a ter uma direção mais sutil. Em relação aos retratos de seus filhos, a grande diferença entre as fotos de Francisco e de Caetano aparece na fisionomia das crianças. Os filhos de Caetano parecem sempre estar felizes, ao contrario das crianças retratadas por Francisco, que se deixam fotografar com uma expressão sisuda.

A cidade também aparece retratada de maneira diferente. Não há mais a necessidade de se mostrar a cidade como local de modernidade, e esta acaba ganhando um significado maior como cenário da vida social de seus habitantes, mostrando-se mais como continuação da casa que a cidade de Francisco.

Enfim, não percebemos tantos códigos, nem a necessidade de perpetuá-los através de imagens, nas fotografias produzidas por Caetano Brandão. Sua produção pode assim ser

enquadrada com mais facilidade na categoria de fotografia amadora, mesmo analisando sua produção com fins comerciais.



Figura 57 - Maria Eugênia Peçanha Brandão, filha de Caetano Brandão, sem data - FB 009.



Figura 58 - Filhos de Caetano Brandão, sem data - FB 643.



Figura 59 - Filhos de Caetano Brandão, sem data - FB 643.



Figura 60 - Sogro de Maria Eugênia Brandão, sem data - FB 259.



Figura 61 - Legenda não atribuída, sem data - FB 367.

Caetano trabalha a luz, também diurna, com menos intensidade que Francisco. Ele não busca maiores efeitos que o puro registro da imagem. Faz mais montagens que seu pai, agora sobre desenhos próprios, não mais necessitando de ilustrações de revista como base.



Figura 62 - Julia Godoy, sem data - FB 422.



Figura 63 - Legenda não atribuída, sem data - FB 246.

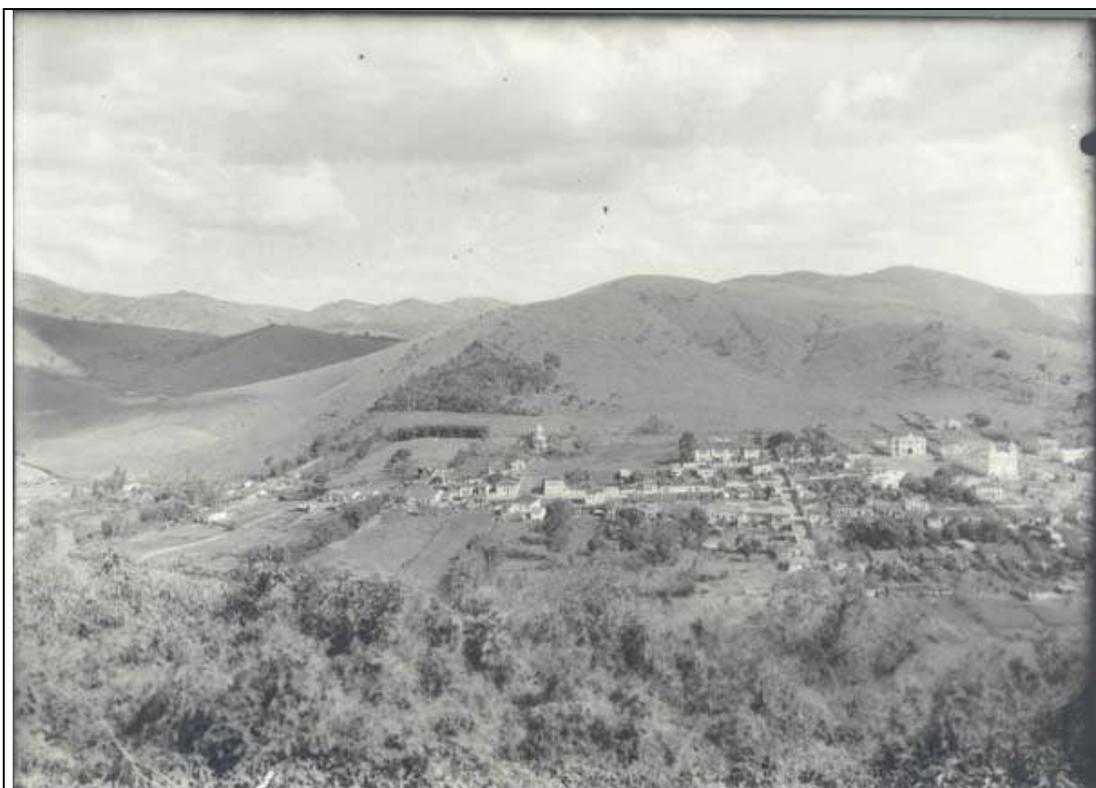


Figura 64 - Piracaia, vista Parcial, sem data - FB 428.

ANEXO 02

Entrevistas realizadas em Piracaia.

“Os depoimentos dos retratados ou seus descendentes completaram as informações históricas e as imagens fotográficas – um momento se estava em determinado lugar, com a dimensão temporal: antes da Primeira Guerra, na gripe espanhola, depois da mudança para São Paulo, nos tempos da pobreza, antes do Moisés nascer, depois da morte da Ana.”¹¹⁵

Na verdade, no caso desta pesquisa que se apresenta, o depoimento de meus entrevistados fez mais que apenas completar as fotografias. Ele as resignificou, lhes trouxe novamente vida, transformou a percepção puramente arquivística que se tinha até então da coleção Brandão.

Realmente, “... a subjetividade é quem produz o testemunho vivo, a rememoração subjetiva se aplica a quem dão depoimento, a quem interpreta e a quem pergunta e registra.”¹¹⁶

A história de Francisco Brandão foi construída com o encontro de pessoas que estiveram a ele ligadas. Antes de tudo, a história que aqui se conta de Brandão são na verdade suas histórias. Nada foi mais subjetivo que minhas conversas com Ailton Brandão, e as histórias de Piracaia se engrandecem e ganham emoção quando entrelaçadas à história de vida de Julieta Amaral. Acabei sabendo mais sobre cada entrevistado, em cada entrevista em particular, do que o conhecimento que cobre meu objeto de estudo, mas foi com o conjunto das entrevistas que Brandão pôde ganhar representação.

As fotografias de Francisco e de Caetano foram utilizadas como gatilhos de memória, mas as fotografias de Caetano, mais próximas à realidade dos entrevistados, principalmente de Ailton e de Maria Eugênia, funcionarão melhor nesse sentido. As personagens dos tempos de Francisco, não podendo mais ser reconhecidas, não lhes provocavam interesse. Julieta, uma digníssima senhora de Piracaia, mostrou-se muito mais efusiva com as

¹¹⁵ LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Edusp, 2000. p 134.

¹¹⁶ AUGRAS, Monique. História Oral e subjetividade. In: VON SIMSON, Olga R. de Moraes (org.). *Os desafios contemporâneos da História Oral*.

lembranças que as fotos de cidade realizadas por Brandão lhe traziam do que com os retratos que ele havia feito, mesmo quando reconhecia alguém nas imagens.

O roteiro básico de perguntas que organizei não me foi muito útil. Não se consegue controlar os rumos que toma um depoimento. Respostas lacônicas para perguntas importantes, longas reminiscências sobre assuntos que, a princípio, se pensa não terem nada a ver com o objetivo da pesquisa, mas que por fim acabam respondendo perguntas importantes.

A primeira entrevista realizada para este projeto deu-se por uma questão técnica prioritária: era necessário distinguir-se entre as fotografias de Francisco e Caetano e imputar legendas às imagens, com o que se gastou dois dias para percorrermos, o pesquisador e Ailton Brandão, todas as fotografias da coleção Família Brandão do Centro de Memória da Unicamp. Esta primeira entrevista gerou uma lista de legendas, utilizadas aqui nesse trabalho, a qual não há necessidade de se reproduzir.

Posteriormente retornei mais algumas vezes a Piracaia, onde entrevistei novamente Ailton Brandão, sua irmã Maria Eugênia Brandão Leo e Julieta Mendes Amaral. São estas entrevistas que se encontram aqui transcritas:

Entrevista com o Sr. Ailton Flávio Peçanha Brandão, realizada em 20/10/2003, por Eduardo Alves Covas, em Piracaia, São Paulo.

A – Ailton Brandão

E – Eduardo Covas

E – Entrevista com o Seu Ailton Brandão, sobre as fotografias de Seu Francisco Brandão e sobre Seu Tetê Brandão, Seu Caetano Brandão, dia 20 de outubro de 2003.

Seu Ailton, qual que é o nome completo do senhor?

A – Meu nome é Ailton Flavio Peçanha Brandão. Peçanha é de origem de Atibaia e Brandão é de origem do meu avô que veio de Portugal, que gostava muito de fotografia, que consta através da Unicamp que ele foi um pioneiro no Estado de São Paulo, ele mais uma família de Itatiba, sobre fotos, porque quando ele foi para a Europa para visitar a família, foi quando surgiu a máquina, deve ser 1900, início do século, e ele, então quando veio pra cá, ele já veio com isso. E ele, todos os detalhes que ele via diferente, ele tirava. Ele... uma coisa diferente, ele constava a maquina, ele sabia que tinha pessoal sentado ali no jardim, ciganos por exemplo, ele ia lá e batia fotografia.

Então as mínimas coisas ele batia foto. Ai ele... naquela época talvez as despesas de fotografia não eram como hoje, mas fazia demais; era tudo fotografia em vidro ainda. É o antigo lambe-lambe, que se falava das fotos, tudo de vidro. Ele levava a máquina dele, colocava, e batia as fotografias, de todo o pessoal da cidade, família, os prédios, que inclusive está tudo hoje em meu poder aqui, e tem parte que está em poder da biblioteca. Mas a biblioteca é um terço só, não tem muito não.

E – Mas é original que está na biblioteca? Ou é reprodução?

A – É as fotos que nem aquela que você trouxe aí...

E – E como que estas fotos chegaram nas mãos do Sr., Seu Ailton?

A – Estas fotos chegaram porque meu pai, ele deu seqüência do meu avô também, ele deu seqüência nas fotos. Quando meu avô faleceu ele ficou com a máquina, e ele gostava também, então ele continuou tirando, não a altura do pai dele, que o pai dele, gostava mais de fazer as fotos como aquela que ele fez, que naquele tempo era um absurdo saber fazer uma foto daquela, ele mesmo formou um grupo, de sete pessoas, sentado numa mesa, um servindo, outra pessoa fumando um cigarro, outro lendo um jornal. Então aquela foto foi uma foto que a Unicamp achou muito interessante, pelo tempo que ela saiu. Deve ter umas mil, mil e poucas fotos mais ou menos, o tamanho grande que foi através do André

O André foi uma pessoa que ele veio pra cá, não sei como ele descobriu meu pai...

E – O André Bocatto?

A – Bocatto, que era vice-presidente da Associação dos fotógrafos do Estado de São Paulo, ele descobriu meu pai, mas eu até estava ausente, quando ele foi lá ele viu aqueles vidros que agente até jogava fora, brincava com os vidros e tal, e ele ficou abismado de ver aquilo lá. Ele quando viu aquilo lá ele falou: “estou com um tesouro aqui”, que ninguém enxergava. Aquilo ali, as fotos de vidro eram uma coisa comum que estava lá jogada no quintal. Essa parte a gente tem que dar valor para ele, porque quando ele viu

aquilo ele ficou abismado, ele falou e insistiu com meu pai “deixa eu levar?”, e meu pai deixou ele levar, e ele levou. Mas era pra ele devolver... e ele ficou de devolver, e ele foi, e não devolveu. Eu coloquei minha sobrinha que é advogada falar com ele, aí ele começou a mandar fotos, aquelas grandes ele começou a mandar; a consciência dele começou a doer ele... agora ele tem um valor que ele... teve valor num sentido: eu nunca tive informação boa sobre ele, eu fui informar sobre ele num... mas ele, uma que ele fez exposição, as primeiras exposições que ele fez em São Paulo das fotos do meu pai ele não deixou de convidar. Era bonito. Você viu até o convite? Viu aquela mulher lá. E depois ele pegou uma parte, não sei se foi total ou a parte que mais interessava pra ele, ele passou tudo pra Unicamp.

E – Eu acho que foi tudo.

A – Foi tudo?

E – É.

A – Aí eu me assustei com aquilo porque ele fez aquilo lá sem consultar a gente. Mas já estava em mãos mesmo...

Numa dessas vezes ele veio aqui com um rapaz... se eu procurar aí eu acho, da Unicamp.

E – Antes da menina? Antes da Marli e da Denise?

A – É, antes, eu vou ver se acho ali, então eu fiquei contente, após a doação... ele fez a doação num sentido verbal, mas constatando que é a gente, deu endereço tudo. Aí a Unicamp veio aqui e eu fiz a doação pra Unicamp. Fiquei contente porque a Unicamp é um lugar que está guardado e...

E – E está bem guardado.

A - ...e o pessoal também foi muito bacana, e aquele trabalho que estão querendo fazer aí, estou sempre cobrando o Zé, “não, nós temos que fazer, temos que fazer”, mas aí não depende dele também, depende da Prefeitura. A pessoa quando é prefeito de uma cidade, não tem aquele amor que agente tem que é gente de origem, ele pode gostar de Piracaia, então não se interessa, não se interessou porque a família dele não era daqui, do prefeito, é de Camanducaia, e o prefeito então fica pensando... aquele dia que nós fomos lá a primeira coisa foi verba, né?! Pensou que era verba. Não tem nada de verba, é verba mas é federal. Podia fazer aquilo lá, dependia deles aqui entrar...

E – E é um dinheiro separado para isso.

A – Mas as fotos, eles falam sempre em exposição pra mim, fazer exposição na cidade. E vai sair, essa exposição um dia vai sair. Mas eu quero garantia da foto, porque é impressionante, a cidade, eu emprestei pro Grupo escolar e a moça lá, sem me consultar, ela tirou xerox, e expôs o xerox. Eu falei “você não devia me falar sobre o xerox?”, mas foi a sorte ela ter feito isso, porque tinha mais ou menos umas trinta fotos, umas dez de xerox roubaram, a criançada. Então isso aqui se você fizer uma coisa aí só com perrebejo, com tachinha, colocar na foto, tem que ter um preparo pra ele colocar. E eles estão querendo fazer naquela igreja que tem lá.

E – É verdade, naquela igreja...

A – É vão fazer uma exposição, e as fotos eu tenho... eu não empresto pra qualquer pessoa não, viu?! Vem aqui, eu sirvo, que nem apareceu uma moça aqui falando pra mim que a Casa Pernambucana estava fazendo uma exposição de fotos, que a Casa Pernambucana é muito antiga né?! E entre os funcionários lá ela fez uma pesquisa, e sabia

que tinha aqui, então ela veio aqui, eu vi que ela tinha um jeito de devolver, aí eu emprestei a foto pra ela, foi um sucesso a foto, o cara ficou de me escrever, mas não escreveu não...

E – Mas devolveu a foto?

A – Devolveu. Devolveu porque eu... no dia - ela ficou mais ou menos uns vinte dias - no dia em que eu estava pensando em procurá-la, ela tocou a campainha, “o, mas foi um sucesso”, porque era inauguração, todos os homens que se via naquela foto, todos de chapéu. Então não dá pra gente calcular... outro mal também das fotos é o seguinte, falta de datas. Eu calculo as fotos sempre pelo meu pai, por exemplo, meu pai, ele está numa foto, eu calculo treze anos pra ele, é visual, é um negócio visual, eu calculo treze anos e ele é de mil e novecentos, então é mil novecentos e treze.

E – O seu Caetano é qual filho do Seu Brandão? O Seu Tetê...

A – O Caetano, ele é filho do Caetano José de Carvalho...

E – O pai do Senhor...

A – Ele é filho do Caetano José de Carvalho.

Como eu estava falando no início da família, então meu avô veio de São Bento de... eu já falei.

E – São Bento do...

A - ...Sapucai, Minas. Ele abriu uma farmácia aqui, mais ou menos em mil oitocentos e vinte, ele abriu uma farmácia, e ele casou-se... veio casado aliás, e aqui teve o filho dele que se chamava Caetano José de Carvalho, e aqui ele casou-se com uma moça daqui. É a única origem de Piracaia é essa minha bisavó, que chamava-se Maria da Costa, que é de uma família grande daqui, família Ferreira da Costa. E ele teve a farmácia; ele, a primeira farmácia daqui foi dele.

E – Que era a Farmácia Popular...

A – Aí ele começou, foi anos, anos, anos, anos... eu tive lendo a história de Piracaia através do livro eu vi que ele participou muito mais da cidade aqui do meu avô Brandão, porque o Brandão foi o seguinte, precisou dele por um anúncio no jornal ele veio, ele veio como empregado. Como meu bisavô só tinha uma filha, ele casou-se com ela. Aí ele separou... agora a pouco tempo que eu descobri, ele separou. Pensei que a farmácia do sogro dele, que é o Caetano José de Carvalho, passou pra ele, porque estava já com uma idade avançada; não, ele ficou com a farmácia, o Caetano José de Carvalho continuou com a farmácia e ele abriu uma. Daí ficaram duas, Farmácia Brandão, que foi fundada em mil e novecentos, e ele... ficaram com as duas farmácias. Uma o sogro e outra era...

E – Mas aí depois eles voltam a unificar as farmácias?

A – Não, não. Realmente se você ver aquela foto que está meu bisavô lá, aquela é a Farmácia Popular, aquela que tem uma, tipo do veado de ouro lá, tem aquela...

E – Aqueles vidros, não é?

A – Isso, aqueles vidros lá. E ele... mas voltando a falar do meu avô, sobre as fotos, que mais interessa, ele é um cara versátil. Meu avô era fora de série, ele não era profissional, ele tirava foto por prazer, tanto que nas fotos dele você vê que você ia tirar uma fotografia, por exemplo, como era novidade, todo mundo queria sair na foto, se juntava todo, inclusive tem uma foto interessante dele aí também que ninguém chamou a atenção, ele colocou uma escada mais ou menos de uns cinco metros aberta, e as pessoas subiram a escada até o último, e em baixo todo mundo junto pra querer sair na foto.

Tinha um casamento aí pediam pra ele. Quando era mais amigo dele, ele tirava fotografia dos casamentos. O meu pai foi mais profissional, o Caetano José de Carvalho, que é o neto, Caetano José de Carvalho Neto, que era meu pai, o Tetê Brandão, ele era mais profissional; ele ia em formaturas, ele ia tirar fotografia pra ganhar.

E – O povo procurava ele na farmácia...

A – Procurava. Fotos pra reservista; mas ele tirava também fotos interessantes, né?! Ele tirava também...

E – Ele tirou muita foto do Senhor e dos seus irmãos?

A – Tirou, de fazenda... o que mais ele tirou era de família. Ele tirava fotos da família desde que nós nascemos, adolescência, primeiro dia de escola, o primeiro dia que nós andamos de bicicleta, ele acompanhou a vida do início, adolescente, moço...

E – Tudo fotografando?

A – Tudo fotografando.

E – E o Senhor gostava, Seu Aílton? De ser tão fotografado assim?

A – Olha, ele tirava tanta fotografia que quando chegava uma festa todo mundo reclamava, ninguém queria sair de tanto que ele tirava, “ah, hoje não”, “tem que sair?”, ficava bravo sentado na escada... pode ver que toda foto dele tem uma escada, é a escada de entrada da casa, que era da casa, e todo mundo lá e ele, chamava uma pessoa, colocava tudo, era de “tec tec”, e sentava lá e a pessoa batia, ele sentava no meio e “pronto”, batia a fotografia.

É, ele é uma pessoa...

E – E depois ficava mostrando fotografias, vocês viam todas?

A – Ah mostrava. Tem todas aí... os netos dele sempre perguntam pra mim, “ah, leva lá”, vou tomar café as vezes numa reunião aí, “leva lá”, mas sabe, eu tenho que fixar essas fotografias num álbum, eu tenho que comprar um álbum, e por pra pessoa olhar, olhar, porque senão fica foto espalhando, e a pessoa pega a foto e olha, fala “ah, essa aqui será que podia ficar par mim?” Puxa eu quando tinha cinco anos, não sei o que..., aí vai desfazendo... e um dia, ah, faça o quiser aí... mas por enquanto eu seguro aí.

E – Dar uma segurada é bom... E aí ficava todo mundo lá, fazendo festa com as fotos, na época?

A – Muito interessante... mesmo na cidade, quando a gente faz exposição, as próprias pessoas que hoje já são idosas, pessoas de meia idade, vamos dizer assim, que vão ver lá na praça, porque eu já fiz uma exposição na praça, vão olhar fala “ó, esse aqui sou eu”, vai buscar a família que está andando, “olha eu aqui na foto”.

E aqui havia muito... e as festas daqui, ele tirava todos. Ele só não tirava fotografia de futebol, de jogadores, ele não era de ir no campo.

E – Mas tem uma foto dele vestido de jogador?

A – Ah tem, mas só uma, só uma. Mas ele... mas assim, festa de folclore, festas da cidade que tinha aqueles caiapós, congada, aquelas vestimentas de dança que eles tinham, que tinha o rei, que representava o império na época, ele tirava todas.

E – Isso o Seu Francisco já fazia também, não é Seu Aílton?

A – Ah fazia, também fazia. O Cruzeiro de Piracaia, que é o marco da cidade, é o lugar mais alto daqui, que enxerga toda a cidade, ele fez desde o início, desde o mutirão. Foi um padre que tem aqui chamado Padre Francisco do Amaral. Esse padre aqui, ele era

filho daqui, e ele com o prefeito Jobes Teles Faria, na época, eles fizeram... pegaram a direção do morro mais alto, e fizeram um mutirão. Você viu aí as fotos...

E – Vi, vi...

A – Fizeram um mutirão pra...

E – Eu vi as fotos já de quando eles estavam fazendo a parte de cimento.

A - ... tudo sem gasto. As pessoas do sítio... porque aqui em Piracaia havia a rural aqui... Voltando atrás; Piracaia é de mil oitocentos e doze, o livro que tem aí vai até mil novecentos e onze, então diz lá, em mil novecentos e onze, Piracaia, pra você ter uma idéia, tinha vinte e três mil habitantes; hoje tem vinte e cinco mil. Tinha vinte e três mil habitantes. Eu não sei se você chegou a ler o livro todo. Você não leu o livro todo...

E – Eu li alguns pedaços.

A – Ah, mas o interessante é o final lá, dos índices, tudo. E, contaram as ruas, é Rua Paissandu, Rua Padre Antonio Gonçalves, Rua Barão do Rio Branco, Rua Quinze de Novembro, contava as ruas; fora que as ruas não tinha mais do que... a cidade tinha três mil habitantes.

E – O resto era tudo rural?

A - ...tudo rural. Tudo rural. A produção maior que tinha aqui era café, e produção também de... Café, tinha um pouquinho de algodão, e cana, porque tinha muito aqui engenho de pinga, engenho de pinga tinha, eu contei ela tinha vinte e um mais ou menos. O pessoal fazia pinga pra vender.

E – E tomava, também...

A – O pessoal vivia muito da zona rural, das plantações; aqui tinha dois comerciantes, mais aqui perto, em 1950 mais ou menos, aqui em Piracaia tinha dois capitalistas que abriram armazém só com produtos daqui. Tinha... produtos daqui era batata, arroz, e feijão, o básico né?! Eles tinham todos aqui. Até era uma concorrência entre os dois. Mas o interessante de Piracaia é que o povo aqui é bairrista.

Agora eles estão querendo fazer Piracaia turismo. Mas o problema do turismo é hotéis, restaurantes.

E – Tem que abrir tudo. E aqui não tem quase nada, não é?!

A – Não. Aqui o forte aqui era sapato. Tinha fábrica que fabricava três mil pares por dia.

E – Era a Le Cheval?

A – Le Cheval, a BS, Lindol (?), a Gavel (?)

E – Nossa, teve muita.

A – Teve, teve. Todo mundo, tudo empregado. Você chegava a tarde, seis horas, você descia na parte industrial, todo mundo saindo, fechava a rua, até pra trânsito, o povo.

E – E ai fecharam?

A – Fecharam pelo seguinte motivo na época o Collor, o Collor é que fez a abertura, pra entrada dos produtos, e ai começou a entrar os produtos chineses e coreanos, tanto que um tênis coreano entrava aqui por doze, a pessoa comprava por doze, e de custo aqui era quinze, então não fazia concorrência. Um produto muito inferior, mas o pessoal comprava mais barato, porque o poder aquisitivo aqui era...

E – Com Franca aconteceu a mesma coisa, também era só sapato.

A – Já cresceu também, agora já melhorou.

E – Franca deu uma melhorada...

A – Aqui também já está dando uma melhorada.

E – Mas na área industrial também? As indústrias deram um fôlego?

A – É. Só tem uma fechada aqui, por falência, mas ela até o fim do ano, se fala que vai abrir. É a primeira fábrica daqui, da BS. BS que dizer Barbosa Scudelar, que eles eram sócios, eles puseram as iniciais; eles fabricavam mais botina, pro exército, fabricavam muito calçado. Mas é tudo na faixa de três, quatro mil pares por dia.

E – Grande... E aquela fábrica que tem ali... Batatuba? Aquilo era fábrica de sapato?

A – Desculpa, desculpa. A primeira não foi a BS, a primeira foi a...

E – A BS foi aqui em Piracaia, não é?!

A – ...que era empregado deles, lá era o Bata, Cia. Bata Sapaco, conhecida Bata. Ele quando chegou o pós-guerra, em 1946, 47, ele fugiu da Checoslováquia, porque lá ela tinha fábrica, mas ele foi obrigado lá a inverter a fábrica pra munições. Parou de fabricar sapato pra fabricar munição.

E – Pros alemães?!

A – Pros alemães. E ele ficou considerado colaborador. Ai quando a guerra terminou ele teve que fugir. Mas assim mesmo ele trouxe dinheiro, ele trouxe dólar, dólar ou dinheiro, que era o mais forte na época. E ai ele comprou esse terreno, mais ou menos noventa alqueires, e ele construiu ai. E ele acolhia só pessoas... não é que ele acolhia só pessoas, ele dava preferência, mas aqui teve muita gente trabalhando lá, porque tinha trem aqui. O trem aqui em Piracaia era ponto final, ia pra São Paulo.

E – E passava em Batatuba...

A – Passava em Batatuba. Tinha estação Batatuba. Mas o pessoal que vinha, todos os imigrantes que vinham de lá, chegava ai, era lituano, era checo, eles vinham pra cá... iugoslavo, eles vinham pra cá, ficavam ai, sem falar uma palavra em português.

E – E sobrou descendente desse povo aqui?

A – Sobrou, tem, tem o vidraceiro ai que é de (...?), tem outro que é o Plater(?), tem bastante... toda essa gente deixa... que começa a casar-se com pessoas do local...

E – Faz que nem Seu Francisco...

A – Como aqui, por exemplo, outro dia nós estávamos conversando sobre isso, o que deu muito casamento aqui foi duas coisas, primeiro as professoras, que não havia professora... na minha adolescência não havia, professora era muito difícil; pessoa quando casava com professora se dizia assim “olha, fulano ganhou na sorte grande, casou com uma professora”, que ela, era equiparado o salário dela com o coletor estadual, quase que perto do delegado, então se ganhava muito bem o professor, e aqui então não tinha... tinha um hotel simples ai, mas tinha uma mulher que chama Dona Isolina, era uma viúva, ela vivia justamente da pensão pras professoras que vinham. Inclusive uma delas e mulher do prefeito atual aqui. Ela é de Limeira, essa mulher do prefeito aqui é de Limeira.

E – E veio pra cá como professora?

A – Veio. E muitos casaram com pessoas daqui. Outra coisa que também trouxe muito casamento aqui em Piracaia foi... Piracaia jogava futebol, mas jogadores daqui era dois, três; eram todos de fora. O cara, a pessoa bancava... quem bancava o futebol aqui chamava-se Sebastião da Cunha. Pra você ter uma idéia, ele na Rio Bonito, São Paulo, no Canindé, o maior depósito que tinha de carvão era ele. Não existia bujão de gás. Então ele comprava todo o carvão da região e levava pra São Paulo. Então ele... muito dinheiro, tava muito rico; tem uma rua ai homenageando, ele que fez o Grace Hotel ai. E ele trazia

jogadores de fora, jogadores que já jogou no Santos... teve jogador aqui, o Liminha jogou aqui, o Jean Coli, pessoas que você não conhece, mas que se você for recorrer no futebol você vai ver. Então ficava caro, não é?! E casou com pessoas daqui.

Outro dia nós estávamos vendo uma festa ai que foi aniversário da minha sobrinha, e eles também são tios por parte de lá, só ali tinha... tem o chamado Nenê, o Manolo, todos eles... o Mingo, todos eles que eram jogadores que conheceram a esposa aqui, quando vinham aqui. E a gente tinha uma raiva de ciúme...

Atibaia é o ponto que Piracaia frequenta mais, não é?! Só não frequenta Bragança por falta de condições de estrada... eu gosto mais de Bragança.

E – Bragança é maior, não é?!

A – É, tem um amigo aqui que ele é até escritor, ele escreve crônica no Correio de Atibaia, ele vem sempre aqui, é um acadêmico, ele é um... até pra conversar com ele... eu trouxe um amigo aqui, falou “nós não temos condições de conversar com esse homem”, mas ele vinha, ele gostava demais de mim. Ele escreveu sobre meu irmão, que meu irmão aqui era... da farmácia, era tido como um - até hoje fala - pai dos pobres, que meu irmão ajudava todo mundo; farmácia dele era... e ele era bom de farmácia, tanto que os médicos aqui tinham ciúme dele. É porque ele era bom mesmo.

Mas Atibaia... então ele veio aqui, veio pra despedir de mim, falou “eu vou morar em Valinhos, não sei se é melhor, se não é...”, ai eu falei “por que você vai sair de Atibaia?”, ele falou “não existe condições de morar lá”. Ele falou a semana passada. Ele falou “sabe quantos automóveis tem lá?” – ele deve ter, como repórter, se ele está falando uma coisa... - “quarenta e sete mil, e entra uma média de mil carros novos por ano”.

E – Numa cidade que ainda é pequena?!

A – É pequena mas... porque Atibaia cresceu muito pela propaganda do ambiente, do clima.

E – Que eles estão conseguindo estragar.

A – Mas eu acho que Piracaia está melhor que o clima de lá. E Joanópolis...

E – O que eu queira saber mais do Sr. É se o Sr. lembra alguma coisa de quando o Seu Francisco foi para Portugal? Porque aqui tem uma seqüência de fotos... tem essa daqui que é muito interessante que é o Sr. e os irmãos do Sr. ao redor de uma foto do Seu Francisco... (FB 279)

A – Por falta dele, não é?!

E - ... que na foto estão os três mais velhos, não é?! Os três mais velhos são quem? O Sr. consegue ver aqui?

E – Esses são os irmãos mais velhos do Sr.?!?

A – É. São só os três ai.

E – Ai depois vem o Sr...

A – Depois eu, depois vem a Maria de Lourdes, que mora em Botucatu...

E – Que é ela?

A – E tem o Franz. Depois de dez anos ai que nasceu o Franz.

E – O Franz eu acho que eu tenho uma foto aqui, eu trouxe, que eu lembrei da história do Sr. contando...

A – É o que está de terno.

E – É esse aqui?

A – É esse ai, esse ai é o Franz.

E – (*mostra outra foto*) E ai? (FB 504)

A – Ele foi antes da guerra. Ele foi mais ou menos...

E – Essa foto aqui é antes, não é? Da guerra?

A – Acho que é.

E – Que é com o Otaviano pequeno.

A – Ela está com setenta e seis anos (*a irmã de Seu Ailton*). Ele teria hoje, esse rapaz, uns setenta e quatro anos mais ou menos, meu irmão uns setenta e três mais ou menos.

E – Já faleceu, o irmão do Sr.?!

A – Faleceu há seis anos.

E – E ai, passa um período que ele está em Portugal...

A – Certo. Ele foi para Portugal mais ou menos antes da guerra. Teve uma herança lá ele foi... ele quis levar o filho, que é filho dele por parte dele só, que a minha vó faleceu...

E – Ela faleceu nova, não é Seu Ailton?

A – Faleceu com trinta e seis anos. Deixou sete filhos. E ele foi com o filho que trabalhava com ele ai na farmácia, o Alziro Brandão. Ai ele foi e ficou lá; ele foi só pra receber a herança, ficar um mês e voltar, ai começou a guerra, os japoneses começaram a afundar os navios, afundaram um navio brasileiro, e o navio que ele veio chamava-se Cerpa Pinto, é o navio muitos e muitos anos que fazia esse percurso Brasil e Portugal. E ai ele ficou lá, foi obrigado a ficar lá até terminar a guerra. Em 1945 ele veio.

E – Ele volta...

A – Ele volta.

E – Esperou terminar a guerra para voltar.

A – E toda a cidade aqui esperando a volta dele, que foi interessante. Ele chegou de trem, foi todo mundo, encheu a estação, o povo... a farmácia continua aqui com o nome dele. A fama dele de bom farmacêutico ainda estava, estava um mito aqui. Então foi todo mundo lá, acompanhou ele, ele veio até a pé, veio andando até a casa ai, até a farmácia.

E – E o Sr. lembra bem dessa época?

A – Lembro. O Alziro Brandão, que também tinha ido, ele até na janela ele fez um discurso lá, sabe?! Até eu não esqueço que ele foi falar para o povo que estava na rua, aquele povo na rua, ele falou “Povo de Mealhada...”, é Piracaia.

E – Tem parentes lá ainda Seu Ailton?

A – Tem, mora em Mealhada. Mealhada é um... naquele tempo eles chamavam de aldeia, hoje deve ser uma cidade. Ela fica perto de Anadia (?), Coimbra, e dá uns 350 Km de Lisboa. A minha irmã foi lá visitar os parentes. A casa está a mesma coisa, a Farmácia Brandão foi fundada lá, aliás, foi tombada. Está lá, Farmácia Brandão, o prédio está lá. Porque quando ele foi pra lá que viu que não tinha condições dele vir embora, ele abriu essa farmácia lá.

E – E ficou com o... o Alziro não seguiu a profissão de farmacêutico?

A – Foi... ele era prático. Foi muito bom também. O que acontecia com o Alziro é que depois ele casou, faltou um pouco de capital pra ele, trabalhou pouca coisa na farmácia. Mas ai ele entrou na política... é, porque o que dá muito voto aqui no Brasil ainda é a saúde, principalmente no interior. Aqui os médicos aqui quando se candidatam a vereador são os mais votados... farmacêutico... Eles são muito gratos a isso, o povo, porque cuidou da

família inteira lá então quando vai pedir voto, a família inteira vota nele. E o Alziro ficou aqui, foi prefeito, depois saído prefeito entrou outro, ai ele voltou outra vez e ficou...

E – Quando eles vieram de Portugal ele já era mocinho?

A – Dezenove... É. Dezenove, acho. É, dezenove anos, porque ele...

Dezenove a vinte anos, ele fez o exército lá, tudo ele teve que tirar os documentos de lá. Ele ficou um português. Os documentos ele tinha todos.

E – E ai depois, o Seu Francisco volta. Essa daqui é quando ele voltou? (FB 697)

A – É, essa daí já é quando ele voltou, inclusive... ela aqui, a diferença de um ano comigo.

E – O Sr. é um ano mais velho?

A – Ai todos é um ano mais velho.

E – Escadinha?

A – Você faz idéia minha mãe, cinco anos tendo filho. Depois deu uma parada, ai veio o Franz.

E – E o Seu Francisco, Seu Ailton, como que ele era como avô? Ele era carinhoso?

A – Ah, muito carinhoso. Mas era muito exigente, sabe?! Ele queria primeiro que a gente estudasse, e eu nunca esqueci duma fase que eu passei com ele, quando foi meu aniversário, eu não fui na escola... ah, eu estava trabalhando, e ele falou “por que que não foste ao trabalho?”, eu falei “hoje é o meu aniversário”, contente, falando pra ele pensando que ele fosse... “pois hoje é que se deve trabalhar mais”.

E – E ele tinha sotaque português?

A – Completamente. As minhas irmãs gostavam muito de ir à farmácia pra ele fazer... ele é um... tudo que meu irmão foi aqui, que é o pai dos pobres, o neto dele, né?! o meu irmão mais velho, foi justamente as fórmulas dele. Ele tinha um livro assim tudo escrito a mão das fórmulas dele. Ele fazia perfume, então as minhas irmãs gostavam; naquele tempo não tinha as boutiques que tem hoje, e ele que fazia, ele fazia perfume também.

E – Que interessante... E ele continuou gostando de tirar foto até...

A – Gostaria que você voltasse a dez anos atrás para você ver o que era a farmácia. Meu irmão era uma sumidade. Se você chegar na cidade ai e perguntar do meu irmão, todo mundo fala. Sempre tem um caso de família, “ele curou meu filho, que o meu filho o médico desenganou”, outro contando do filho, que aconteceu isso... e ele é especialista numa coisa também... tudo ele era, ele era... uma que hoje tem uma profissão para médico, eu não sei o nome, que eu tenho um primo que é médico no Albert...

E – Albert Sabin?

A – Isso. Ele é médico lá. Sabe a especialidade dele? Eu não sei falar pra você, vou dar uma explicação, é engasgar com osso... tem um nome, eu não sei, e o meu irmão tirava, fazia tudo isso, tirava. Ele fazia aquelas agulhas dele, sabe?! Comprida, com tipo um anzolzinho pra tirar. Ele era uma fábula, uma fábula.

E – E o pai do Sr., não foi tão bom farmacêutico?

A – Meu pai não era bom de farmácia. Meu pai gostava muito de viajar, ele ia muito pra São Paulo. Não gostava muito de trabalhar não. Ele deixava sempre a farmácia no nome de farmacêutico, sempre deixava na mão de farmacêutico. Ele contratava um farmacêutico e ele mesmo...

E – Ele não era “o” farmacêutico?

A – Não , não, meu irmão foi acima dele, o Alziro foi acima dele. Ele teve um irmão também que era formado farmacêutico; o Francisco Brandão, que é o patriarca, o velho, ele se formou lá em Coimbra, faculdade de Coimbra, quando ela tinha aquela (...?). E ele saiu de lá por motivo político, porque... lá explicaram, minha irmã é que sabe direito, mas eu vou falar assim mais ou menos: ele era de esquerda, era contra o governo, e o governo lá era ditadura, ai houve uma procura geral dos contra e esconderam ele lá – lá em Portugal contaram pra minha irmã – esconderam ele, e depois meu avô, meu bisavô, encaminhou ele pra imigração pra ele vir pra cá. Ele veio escondido aqui, daí ele veio pra Bragança. Em Bragança ele veio trabalhar com farmácia, o dono chamava Candido Fontoura, e esse Candido Fontoura tinha sempre idéia de abrir um laboratório em São Paulo; ai foi pra São Paulo, abriu um laboratório, queria levar o meu avô, “não, você vai comigo” e tudo mais ele não quis ir, não quis ir porque estava casado, estava aqui, já tinha tomado conta aqui da clientela aqui; porque quando ele veio de lá pra trabalhar aqui, mas não perderam contato, e o meu avô não quis ir, e o Candinho Fontoura, esse biotônico Fontoura, cresceu... mas nunca deixou de entrar em contato com ele, sempre foi amigo dele. Tanto que naquele tempo saia muito almanaques, que hoje não existe mais. O meu pai aproveitava disso, porque mau avô já tinha morrido, meu pai como era dono da farmácia, ele ia lá trazia quanto queria, trazia mil, duas mil, três mil, aquelas fotos... eu já mostrei, cheguei a mostrar os almanaques antigos pra você? Então, aqueles almanaques tudo, é que todo ano saia; o pessoal fica tudo esperando, que dava o mês, dava o dia da plantação, dava os remédios ali para isso e para aquilo.

E – E aqui, a última foto que eu trouxe, que eu queria perguntar para o Sr., essa aqui que já tem o irmão do Sr., o Fram. (FB 532)

A – Franz...

E – Franz...

A – Como ele foi o último, e a minha mãe tinha promessa, se fosse tudo bem ia por o nome do pai dela, que também tem uma praça na cidade aqui com o nome dele, esse meu avô por parte da mãe, maternal – o nome dele é Benedito Peçanha Franco – é aquela descida ali que tem na entrada da cidade; lá em cima tem uma casa muito bonita... então minha mãe... meu pai foi atender minha mãe, mas ai ele falou, “é...”, ai ele pôs Benedito Francis Vagner Peçanha Brandão.

E – E ficou conhecido como Franz? Todo mundo chamava ele de Franz...

A – Ficou muito famoso, ele era muito... ficou um moço muito bonito e ele era muito namorador.

E – O Sr. também foi namorador, Seu Ailton?

A – Nã... eu fui sim... Casei com vinte e oito anos né?!

E – Idade boa.

A – Interessante que quando eu fui casar não casei por amor não, viu?! Que coisa, né?! Eu falei: “eu tenho que casar, eu já fiz muita farra, já aproveitei muito”, namorava todas... até hoje a gente encontra as namoradas ai que estão tudo coroa, lembram de mim, como namorado. Eu pensei comigo, “eu vou me casar”, estava em condições, arrumei emprego bom em São Paulo, e eu tinha uma vizinha ai, era seis anos mais nova que eu, e tentei namorar com ela, não consegui, a segunda não consegui – ela nunca namorou – ai ela aceitou, ai namoramos, ai eu fui pra São Paulo, e o meu melhor amigo era irmão dela, então levou a família pra São Paulo morar na João Teodoro, e eu morava numa travessa da João

Teodoro, então fiquei em contato ali com ela, aquele tempo era cinema, não existia televisão, então a gente ia no cinema, chegava no cinema, você não calcula a fila que tinha fora, dava um quarteirão pra assistir um filme, Cine Metro, Comodoro, aqueles cinemas de primeira linha lá de São Paulo, na hora de sentar, ia eu, ele, a irmã ia junto, né?! Chegava lá, tinha dois lugares só, ele falou “vai lá, você senta com a minha irmã”, ai começou. E depois, engraçado, não gostava dela, e ela também não gostava de mim, mas eu achava que ela era uma moça boa para se casar, e a família, quando eu nasci os pais foram me conhecer, quando ela nasceu meus pais – meus pais me contaram – foram também conhecer, com dias de vida, então fiquei... fui muito feliz, ai é que começou a brotar o amor, comecei a gostar muito dela, ela de mim também, ai amamos muito; tivemos duas filhas só porque a situação naquela época já era difícil, mas ela me ajudou muito, ela foi excelente, nossa... economia, tanto que as coisas que eu ia comprar naquela época, que já era difícil, ela... as vezes ela não deixava comprar, porque ia faltar no orçamento da casa, “não vamos comprar isso daí, vamos esperar”. Usava muito terno aquela época, terno da exposição, tinha a Garbo, então no escritório você tinha que trabalhar de camisa branca, gravata, não podia trabalhar de esporte não, então eu comprei muito terno, e os ternos que eu não queria usar mais pois ela desmanchava e fazia roupinha pras crianças ainda. Ela foi um colosso.

E – Aqui o Sr. estava próximo do casamento, não?! Aqui o Sr. ainda era novinho.
(FB 697)

A – Não, eu casei com vinte e oito. Aqui eu devia ter uns dezenove mais ou menos.

E – E o avô do Sr., o Seu Francisco, já estava próximo da morte aqui? Ele morreu quantos anos o Sr. tinha?

A – Eu era solteiro... eu devia ter uns vinte e cinco anos mais ou menos. Ele morreu com setenta e seis anos.

E – Morreu novo também.

A – Naquele tempo as pessoas duravam menos. E outra coisa, não existia médico especializado, hoje tem até o seu cunhado ai, pra você ver. Naquele tempo era clínica geral, não tinha exame, exame de sangue, não tinha nada, o médico olhava e ele, clinicamente assim ele percebia o que precisava, o que não precisava, os remédios. Hoje cada setor é um médico.

E – E o avô do Sr., o Sr. sabe alguma coisa se ele era namorado ou não? Seu Francisco?

A – Meu avô era terrível. Tanto que essa mulher, ele não casou com esse mulher ai.

E – Com a mãe do Alziro e da Nega?

A – É, da Nêga; não casou-se. Ele era mulherengo sim.

E – E teve mais dois filhos com ela, os dois são irmãos?

A – É, teve um chamado Zé Brandão também, o nome igual ao do... também morreu. Aquele tempo dava doença, tuberculose também, e ficou uma chamada Nêga – ela é viva – mas perdeu contato; ela mora na cidade de Itu, e nunca mais procurou, nunca mais veio aqui, nós também não procuramos...

E – Ela casou com o fundador da Itubaina?

A – É.

E – É o Schincariol?

A – Não, não é. Engraçado, é uma tendência que a pessoa tem, é vocação, ele quando casou com ela ele estava desempregado, e ele gostava muito de cinema e ele morava com meu tio – eu tinha um tio que morava lá, irmão do meu pai, chamado Joaquim Carvalho Brandão, que tem até os filhos lá ainda morando em Itu - e ele gostava muito de cinema e ele fazia groselha, comprava os litros vazios, fazia groselha, e vendia naqueles botecos, e aí foi indo, foi indo, aí ele começou a trabalhar com - os juros do banco era pouco – começou a fazer jogo de banco, Sorocaba e Itu, ele emprestava dinheiro do banco de Itu, abria uma firminha lá, aí na hora de pagar ele corria pra Sorocaba... trabalhava com uns dez bancos fazendo esse jogo. Naquele tempo não era como hoje, naquele tempo o juro era baixo, então fazia esse jogo, foi crescendo, chegou a ir cinco caminhões diários pra São Paulo de bebida. O famoso dele era Tutubaina e era a groselha que ele fazia, que foi a primeira que ele iniciou, chamava Cachoeira. Aí ele montou uma fábrica enorme, aí ele montou uma fábrica de vasilhame, que o vasilhame era muito difícil aquele tempo. O vasilhame era tipo desses de litro, de cerveja mesmo; porque ele trabalhava com cerveja mas ele não fazia, e foi crescendo a firma, a firma cresceu muito. Aí quando separou da mulher, arrumou uma secretária, ficou com a secretária, aí caiu. Aí ele de rico passou a pobre.

E – Já estava separado da Nêga?

A – Já. E ela é muito bonita, muito bonita. Até pouco tempo, quando eu a vi, a última vez – já faz tempo, deve fazer uns cinco anos mais ou menos – eu fui lá na casa dela, bati, ela não me conhecia, quando eu vi de longe eu... ela falou “pois não, o Sr. deseja alguma coisa?”, “eu queria vender um carnê do Silvio Santos”, ela falou assim “o Sr. vai fazer o favor, mas eu tenho muito serviço, e eu não posso atender o Sr. e não quero”, aí eu falei o nome dela, ela me abraçou e chorou, tudo, mas ficou... Ela não teve contato com a gente porque a família também ficou lá. As filhas não trazem, a gente também não ia lá, só vai em morte lá, só quando morre um Brandão aí a gente ia. Meu tio morreu – meu tio era casado com a irmã – o Joaquim era casado com a... aliás, com a irmã não, com a tia do (...?) você nunca ouviu falar do (...?)? Ele era locutor na Record, depois foi pra televisão, ele que fazia o jornal da televisão, morava em São Paulo na (...?) de Vasconcelos.

E – E a família sempre muito unida, os Brandão?

A – Ah sim. Essa aí é interessante, o meu pai, enquanto ele foi vivo, todo domingo, todos iam almoçar com ele, todos iam almoçar com ele. É que a minha irmã agora... o mesmo caso da minha irmã, chegava domingo, tinha uma empregada que ia lá, Antônia inclusive, era uma preta que quando eu nasci ela foi minha mãe de leite – não me esqueço dela – e ela que fazia comida, aquela mesa comprida, tinha que emendar as vezes, sentava todo mundo lá.

E – Que aí iam os tios, os primos...

A – Isso. E o meu pai era uma pessoa que... ele tinha um problema que eu não gostava, nunca gostei, ele levava os problemas na mesa, não domingo assim, mas durante a semana, ele segurava, em vez de falar com a gente não, quando chegava na mesa “você fez isso, não devia fazer”, não sei quê, não sei quê... ele era assim, viu?! Uma ocasião eu fui comer, eu comecei a comer assim, ele falou “Ailton...”, eu olhei pra ele, “...senta na cadeira...” – tinha cadeira de balanço – “...descansa, depois você vem almoçar”. E ele batia na gente, sabe?! Mas ele batia com jornal enrolado – faz um barulho tremendo. Mas se mexesse com filho dele... Houve um problema meu no grupo escolar, a professora achou

que eu fiz um negócio errado lá, e eu não fiz, era uma outra menina lá, e eu não fiz, e ela pegou e me deu uma reguada, eu falei “eu não vou contar jamais pra meu pai”, mas veio um outro e contou pro meu pai, meu pai foi tirar satisfação com o diretor – Seu Eulálio era o nome dele – ai chamou a atenção dela, ai ela começou a não me chamar na chamada, não me chamava.

E – E dava falta para o Sr.?

A – Não dava falta, ela me ignorou. Ai eu tive que falar para o meu pai. Ai meu pai voltou lá outra vez e fez uma ameaça pra diretor, “se o Sr. não tomar uma providência...”- ele era político – “...eu vou ter que ir na secretaria da educação contar esse caso aqui”. Ai ele mandou eu pra outro professor.

E – E o Sr. acha que essa educação que o Seu Tetê deu pro Sr. era por conta do Seu Francisco ou não?

A - ...uma coisa também muito importante, meio dia tinha que estar todo mundo na casa pra almoçar, junto. Quando o gente chegava atrasado ele achava ruim.

E – E isso até mocinho?

A – Não, depois da adolescência ele já foi... também não dava mais pra segurar, mas enquanto a gente era, vamos dizer até os doze anos mais ou menos ele fazia isso, todo mundo na mesa; e o almoço tinha que estar pronto ao meio dia, falava pra minha mãe, as vezes atrasava, ele ficava bravo, falava “você sabe como ele é mãe”, “é, mas não deu tempo...” tal, e outra coisa também que nós fazíamos, nós irmãos, os que morreram e os que estão vivos, nós comemos de tudo, graças a ele, o que não acontece com os meus sobrinhos ai, um come frango não come porco, outro come isso não come aquilo; meu pai, quando a gente tinha uma coisa que não queria, ele não obrigava a gente a comer, mas não fazia outra coisa, “então come arroz e feijão”; a gente não comia as vezes por...

E - ... teimosia?! Mas o Sr. acha que o Seu Tetê teve essa educação com o Seu Francisco? Seu Francisco era rígido assim?

A – Ele era, era bravo.

E – Porque nas fotografias o pai do Sr. e os irmãos dele sempre aparecem muito sérios; que é diferente da fotografia do Sr. com os irmãos do Sr., que é sempre alegre.

A – Sempre fomos unidos, né?! Não, os meus irmãos depois de casado, os filhos já moço e tudo mais a gente sempre briga. Eu briguei com meu irmão ai, esse falecido que era dono da farmácia, e eu brigava com ele mas no dia seguinte eu já ia conversar; nunca guardei rancor. E essa hoje, mais velha...

E – Ela lembra de tudo, ela lembra do avô do Sr., do Seu Francisco?

A – Ah, deve lembrar sim...

E – Ela é quantos anos mais velha que o Sr.?

A – Ela é quatro anos mais velha. Você não viu aquela foto, uma que aparece bem os olhos verdes dela? Agora ela está velhinha... Você não tem aqui.

E – Vou ver se tem aqui... essa da escada? (FB 451)

A – Ah, essa daqui.

E – Essa é a escada que sempre era usada, não é?! Tem muita foto nessa escada.

A – Essa aqui até parece que ele pôs um negócio pra sentar, ele pôs uma esteira. Esta daqui que ela estava muito bonita, é verdade.

E – Mas então eu acho que é isso, Seu Ailton. O Sr. lembra de mais alguma coisa do avô do Sr.?

A – Não, não me lembro assim não...

E – E do pai do Sr., o que o Sr. lembra mais? O Sr. lembra do Seu Caetano falando do Seu Francisco, ele falava alguma coisa do pai?

A – Não, não me lembro. Eles se respeitavam muito, porque meu pai sempre foi pavio curto, e ele também era, então os dois, cada um no seu lugar...

E – Mas tinha arranca-rabo de vez em quando dos dois?

A – Tinha...

E – Mesmo o Seu Francisco velhinho?

A – Tinha porque o meu avô, ele agradava muito uma filha dele chamada Maria Antônia Brandão, só que ela não retribuía o que ele fazia, então ele tinha ciúmes.

E – Mas a Maria Antônia era irmã do Seu Caetano? Irmã mesmo, mãe e pai? O Seu Tetê tinha ciúmes? Coisa de irmão, né?!

A – E o meu pai tinha o seguinte – outra coisa que eu não me esqueço dele – quando chegava no Natal, os melhores presentes – pelo menos da rua ali, né?! A gente morava ali, que era a rua principal –, os melhores presentes – aquele tempo as crianças recebiam presente de Natal saía tudo na rua com os presentes; é coisinha simples, não é terremoto que nem hoje, o cara tem oito, vinte presentes, hoje é desproporcional – e os melhores presentes eram nossos. Outra coisa peculiar de meu pai era o seguinte, ele todo semana, duas vezes as vezes, tudo que era novidade ele comprava, novidade no sentido de casa, de prato, de coisa de cozinha, coisa de cozinha, coisas de ralar. Quando o pessoal via lá em casa ficava admirado, “ah, onde o Sr. comprou isso aí?”.

Fim.

Entrevista com Julieta Mendes Amaral, Piracaia, 21/10/20003.

E – Eduardo Covas

J – Julieta Amaral.

E – Dona Julieta, eu gostaria que a Sra. falasse primeiro o nome completo da Sra.

J – Julieta Mendes Amaral.

E – E a Sra. é daqui de Piracaia?

J – Sou de Piracaia. Nasci 21 de julho de 1910.

E – E 10? Que bom.

J – (risos)... é, e 10, porque agora eu estou com quanto? Noventa e três, não é?

E – E Dona Julieta, a Sra. se lembra do Seu Francisco Brandão?

J – Se eu conheci? Conheci. O Francisco é o avô ou pai?

E – É o avô do Seu Ailton, é o português.

J – Conheci, conheci, é, conheci. Conheci a família toda, inclusive a vó do Ailton é madrinha da minha mãe. Família era muito unida, muito dada, sabe?!

E – A filha do Seu Caetano?

J – É, isso mesmo.

E – E a Sra. freqüentava a farmácia?

J – Sempre, quando a gente precisava; mesmo por amizade a gente ia muito na casa da vó do Ailton. Da vó, bisavó... deve ser bisavó do Ailton. É, bisavó do Ailton, se não me engano.

E – A bisavó é que cuidou dos meninos quando a vó faleceu, não é?

J – Isso, é. É isso mesmo.

E – A Sra. tinha amizade de família com eles?

J – De família. De ser unida mesmo, porque eu era muito amiga duma... sou, até hoje, aliás ela faleceu, mas sou muito amiga da família; inclusive ele tem uma prima que mora aqui pertinho, está sempre aqui em casa, a Vera. Muito amiga da gente. A família toda muita amizade.

E – E como que era a família com o Seu Francisco? Porque ele chegou e casou-se com uma moça de família tradicional daqui?

J – É, foi. Sabe, é uma família... eles foram muito unidos aqui, muito estimados aqui em Piracaia, muito estimados.

E – E gostavam do Seu Francisco?

J – Ah, todo mundo, todo mundo.

E – Como que era o Seu Francisco no dia a dia? A Sra. se lembra dele?

J – Seria o bisavô?

E – Não, o avô do Seu Ailton, o português.

J – Ah, o português, ele era uma pessoa muito elegante, muito... ótimo, não tenho o que dizer dele, uma criatura formidável

E – E ele adorava fotografia?

J – Ah, sim. E por sinal o pai do Ailton também, não é?! Nossa, o pai do Ailton, você deve ter visto a fotografia que ele tem, porque o Ailton deve ter uma coleção fantástica.

E – Tem. Ele tem mais de mil fotografias, bem mais de mil.

J – Mas é uma família muito unida, muito boa aqui em Piracaia, formidável. Foi uma pena até fecharem a farmácia, porque depois ficou pro Zé Brandão que era irmão do Ailton.

E – O Seu Ailton fala muito bem dele, adora. E como que era a vida em Piracaia, Dona Julieta? Como era a vida social...

J – Então, tinha cinema, tinha clube, sempre tinha baile, sempre bailes bons que tinha, tinha o carnaval aqui muito bom, tudo formidável, era ótimo, Piracaia era ótimo mesmo.

(Pausa na gravação, onde Julieta informa que o avô possuía um hotel em Piracaia e onde se fala de quem o freqüentava)

J – Então eles ficaram hospedados, gente importantíssima, sabe?! Importantíssima de São Paulo, inclusive a família Ramos de Azevedo esteve aqui, conheci um deles. Sabe?! Ramos de Azevedo esteve hospedado, e mais famílias importantes que não me lembro agora o nome deles.

E – E eles freqüentavam Piracaia?

J – Não, na Revolução vieram, na época da Revolução. Aí depois acabou a Revolução foram embora; mas gente que ficou conhecendo a cidade, inclusive juizes de direito que moravam com a família aqui, tinham filhos aqui, inclusive Dr. Barbosa de Almeida, não sei se o Ailton falou? Dr. Joaquim Barbosa de Almeida, ele teve filhos aqui em Piracaia e foi o juiz que morou muitos anos aqui.

E – Se não me engano eu trouxe uma foto dele para a Sra. reconhecê-lo.

J – Dr. Juiz, é, Dr. Joaquim Barbosa de Almeida. Inclusive a família dele era muito amiga da minha família, e por sinal a mãe dele, aliás, a Sra. dele batizou uma minha irmã, sabe? Então foi uma família assim, unida, muito unida.

E – Foi ele que foi o padrinho da Sra.?

J – Não, quem foi padrinho foi o outro juiz, Pinheiro Lima, José Máximo Pinheiro Lima. Ficou juiz aqui treze, quatorze anos; foi o juiz, ele e o Dr. Barbosa, foram os juizes que mais demoraram aqui em Piracaia.

E – Eu lembro que a Sra. contou a história do batizado da Sra., interessante...

J – Pois é, ele disse que ele queria chegar aqui em Piracaia e batizar a menina que nascesse naquele dia que ele chegou. E fui eu que nasci...

Antigamente a gente tinha... não é que tinha mais amizade, tem muita amizade, mas as famílias eram mais unidas; eram mais unidas.

E – Frequentavam mais...

J – Mais, a noite era sempre visita, era o chazinho no casa, quando visitavam já tinha aquela mesa de chá esperando. Ah, muito bonito.

E – Hoje em dia se perdeu muito disso, uma pena. E o povo da roça vinha pra cidade? O povo do campo, das fazendas, dos sítios?

J – Ah vinha, no fim de semana tinha aqui nessa esquina, pegava esse quarteirão todo, tinha um armazém muito grande aqui – comércio, uma casa de comércio, hoje por exemplo seria um supermercado, que antigamente não era, antigamente tinha o armazém; é como fosse um supermercado – então, até por sinal o dono era casado com uma prima do meu pai, e teve muitos anos esse armazém, e tinha o pessoal que chegava sábado, eles vinham a noite para fazer compra aqui na cidade, pessoal da... os colonos das fazendas, então eles vinham, fazer compras; tinha muito mais movimento naquele tempo do que hoje. Aqui em Piracaia era muito mais movimentado a anos atrás do que hoje.

E – E vinham e faziam festa?

J – Ah, festa, tinha, tinha festa de janeiro, que são três dias; três dias festa de janeiro, eram três dias, São Sebastião, São Benedito, Nossa Senhora. Depois em junho tinha festa do Divino e Santo Antônio, e o povo era muito festeiro, muito festeiro. Tinha banda, tinha duas bandas de música, inclusive meu irmão foi maestro de uma delas que ele organizou, formou a banda Santa Cecília. E eu não sei, acho que eu não tenho a fotografia dele aqui, acho que eu não tenho a fotografia da Banda Santa Cecília, mas lá na... o Ailton deve ter, e também onde tem é naquela drogaria que tem ali na praça, ali na rua... essa rua principal, que tem uma drogaria grande ali, então, ali tem uma fotografia.

E – Da Banda? E a banda animava as festas?

J – Ah, animava, porque quando fazia... aquele coreto que tinha na praça, porque aqui tinha um, acho que tem outro, que até por sinal tem o nome do meu irmão. Aquele coreto fizeram em homenagem a ele, e havia domingo da retreta, todo mundo na praça, rodando, passeando. A praça aqui era muito bonita, muito bonita, tinha... agora, depois que reformaram ficou uma praça só pro povo sentar ali bater papo, porque não tem mais aquelas plantas, aquela coisa...

E – Mas o povo ainda frequenta a praça?

J – Não, mas não muito, como era antigamente. Antigamente era passear mesmo, depois da missa rodeio no jardim na praça.

E – Aproveitava, dava uma olhada...

J – Depois tinha um coreto aqui na praça defronte à igreja, e esse outro lá em baixo. Agora lá foi feito um novo, foi feito, tanto que puseram o nome do meu irmão. Mas aqui na praça eles derrubaram.

E – Não acredito...

J – Tiraram; era como tipo daquele que tem ali na praça só que era mais na frente da igreja. Eles tiraram também.

E – Nessa praça de cima, que agora fizeram a fonte?

J – É, agora é uma praça que não dá para a pessoa... agora vai lá só para bater papo, conversar, é ou não é? Que não dá mais aquele... aquele jardim que tinha em volta, que a pessoa passeava em volta como aquele, não tem.

E – E fora isso tinham as festividades que o povo fazia, que é a Congada...

J – Ah, essa ainda tem. Tinha Congada e Caiapó, mas agora, também perdeu muito, tem muito pouca gente, que vai morrendo um, vai morrendo outro, ninguém mais quer tomar parte, então está acabando também.

E – Por que eu não entendo direito o que era, quem eram os congadeiros da cidade? Era o povo das fazendas e dos sítios?

J – É, são mais essa gente mais humildes assim, essa gente da... eu não posso dizer quem era o chefe, não me lembro, não sei quem era. Mas o Ailton deve conhecer, ele deve conhecer bem a pessoa que está fazendo esse negócio de Caiapó, de Congada aí.

E – E fora isso as procissões, sempre teve?

J – Aí, ali sim, eles trabalham, exatamente, e deixam o dia de festa para vir sambar aí na praça. Carnaval aqui era formidável, era muito bom o carnaval aqui, muito.

E – E a Sra. conviveu, chegou a ter amizade com os filhos do Seu Francisco? Com o Seu Caetano, Dona Maria Eugênia...

J – Maria Eugênia é neta. Mas uma delas, a mãe dessa menina, dessa moça que eu falo, ela tinha outra irmã, Vidinha que chamava, que seria prima do Ailton, e a gente se dava muito bem, mesmo com a mãe da... a tia do Ailton, sabe? Se dava muito bem.

E – E era uma turma de sua juventude?

J – Ah é, muito minha amiga também, e a gente tinha – tem até hoje, graças a Deus, tenho amizade com todo mundo aqui. A minha mãe era muito estimada aqui também. Morreu com noventa e três anos... é, muito estimada.

E – E o que os pais da Sra. faziam?

J – O meu pai ele teve um supermercado – é, agora diz supermercado – teve um bar muito bom, montado aqui, não é bar, mercearia; mas há muitos anos, muitos anos. Depois ele montou um salão de barbeiro, que antigamente era barbeiro, hoje é cabeleireiro, e foi prefeito aqui em 1930.

E – O pai da Sra. foi prefeito?

J – Foi prefeito aqui no tempo de Getúlio, 1930.

E – Ele foi prefeito então durante a Revolução?

J – Na revolução de 30, é. Tanto que quando ele saiu da prefeitura, o Getúlio mandou uma... uma segurança, 1930, umas vinte pessoas, no dia que meu pai saiu. Sabe como é, as ameaças, né?! Na política tem o que é do contra, o que é do... então porque era do Getúlio sabe, então mandou, prevenção, não é?

E – Então assim, o Getúlio tinha alta estima com ele?

J – A politicagem era feia aqui. Hoje não tem mais muita politicagem aqui não.

E – O que eu sinto é que Piracaia foi bem politizada, não é?
J – Tinha esses políticos, fazendeiro político tinha bastante.
E – E a fonte de renda era o café?
J – Olha, se eu falar, eu minto, eu não sei mesmo. Hoje qual é a produção daqui eu não sei.
E – Mas no começo do século era...
J – Ah sim, antigamente era o café.
E – E chegou a ter baronato, tinha barões de café aqui?
J – Tinha, tinha sim. Joanópolis, aqui, Bragança, a redondeza toda, mas não posso dizer quem são, quem eram assim.
E – Mas eles eram aqueles barões bravos, ou eles eram elitizados?
J – Não, eram bravos, tinham dinheiro, queriam mandar na cidade.
E – Mas se envolviam com política?
J – É, aquela casa da esquina, aquela casa bonita da esquina era um deles, era fazendeirão que tinha aqui, era o Coronel Thomáz Cunha, tinha (...?), que hoje tem os netos aí, o Doraci, conhece o Doraci? Não?
E – Acho que o Seu Ailton já falou dele.
J – Então ele mora pegado onde tem aquela lanchonete ali.
E – Tem uma foto, eu até procurei para ver se eu conseguia trazer, não achei; é muito interessante, estão todos... aparentemente são todos os barões, a elite, e estão fardados, mas com uma farda bem bonita.
J – Ah, 'tá. Meu avô foi também, ele foi da... capitão parece que ele foi aí. Não sei como é que se chamava aquela... não me lembro como é que se chamava.
E – Mas era uma guarda, era um tipo de guarda?
J – Era, era, eu não posso dizer como é que se chamava aquilo, não posso dizer. Eu sei que ele tinha aquela farda com todo o galão, com tudo. Eu não tenho aí fotografia, eu tenho fotografia – deixa eu pegar – mas não é com farda como ele tinha.
Aqui é o pai do meu pai, aqui o pai da minha mãe. Essas famílias antigas aqui. Aqui tem meu padrinho, quer ver? Ele está aqui, o juiz de direito.
E – Ele aparece bastante nas fotografias.
J – Agora, aqui é meu pai, mas aqui está com fita(?) da maçonaria, essa daqui é da maçonaria.
E – Ele era maçom?
J – Era, e meu avô era o chefão da maçonaria aqui. Este é meu avô pai do meu pai, este é meu pai, este aqui é um Sr. também de família de tradição aqui.
E – Ele também aparece muito nas fotos do Seu Francisco. Todos maçons? E a maçonaria era uma coisa de elite, pelo menos de elite cultural.
J – Ah é, é uma coisa muito secreta. E depois o pessoal todo, gente muito formidável que ia para a maçonaria, não era qualquer um.
E – Não era qualquer um.
J – Este aqui, aqui tem o...a minha mãe... bom, o resto é tudo pessoal daqui de Piracaia, são pessoas antigas daqui. É, meu pai e minha mãe, meu avô, minha avó, meu avô – outro meu avô que é pai da minha mãe – aqui uma irmã do meu pai.
E – Aqui não tinha ninguém da família dos Brandão?

J – Do Brandão? Aqui não sei... Do Brandão aqui não estou vendo, aqui não sei; pode ser que tenha aqui alguém, pode ser que algum desse aqui de trás que está junto com meu padrinho pode ser.

E – O casamento dos pais da Sra. foi quando?

J – Eles casaram em 1908, e 9.

E – E um ano depois a Sra. nasceu. E a Sra. teve mais irmãos?

J – Tenho, tenho. Tive. Esse que eu digo, o apelido dele era Didi Mendes, o nome dele era Benedito, o nome do meu pai, e tive a Mariazinha, a Maria José Mendes, faleceu, depois tive a Elena, que é a mãe do Djalma...

E – Que é o companheiro da Sra. aqui?

J – É.

E – Os pais da Sra. eram muito bonitos, os dois.

J – Este daqui era o pai do meu pai, este é meu pai. Meu filho tinha muito do meu pai, muito parecido com meu pai.

E – E aí a Sra. fica em Piracaia até quando?

J – Aí eu fiquei aqui, depois nós fomos embora para São Paulo, não é?

E – A Sra. fica em Piracaia até quando?

J – Aí eu fiquei aqui, depois nós fomos embora para São Paulo.

E – A Sra. foi sem se casar para São Paulo?

J – É, solteira. Aí lá eu conheci esse que foi meu marido, e nós moramos uma temporada em São Paulo, depois voltamos pra cá, aí aqui eu me casei, mas com um rapaz de São Paulo, me casei com ele aí fui morar em São Paulo e agora estou aqui já doze anos de volta.

E – Doze anos que a Sra. voltou? Então quando a Sra. foi, a Sra. foi com a família pra São Paulo, a primeira vez?

J – Não, quando eu fui pra lá eu já era moça, já era mocinha e tudo.

E – Mas mudou-se com a família?

J – É, com a minha mãe, meu pai, com a família todo.

E – Por que eles deixaram Piracaia?

J – Meu pai quis ir para lá, ele era muito político sabe? Então ele estava muito... Aí ficamos lá, depois meu pai veio embora pra cá, que ele ficou doente, faleceu, e eu fiquei lá, morando lá em São Paulo. Me casei por lá.

E – E aí acabou se casando com um paulistano?

J – É, casei com pessoa de lá.

E – E a Sra. ficou quantos anos lá em São Paulo? Casada a Sra. ficou quantos anos lá?

J – Ah, quando eu separei meu filho tinha oito anos.

E – Oito anos? A Sra. foi muito corajosa Dona Julieta.

J – Ah, eu nunca tinha trabalhado fora. Depois que eu arrumei, uma minha amiga, por sinal uma jornalista, uma grande jornalista,, não sei se você conhece de nome, Irene Bojam (?), então, ela que me colocou na prefeitura, era muito minha amiga e colocou na Prefeitura de São Paulo; nunca tinha trabalhado fora. E aí trabalhei trinta anos na prefeitura. Eu era auxiliar de gabinete, trabalhei trinta anos. Aí a minha chefe colocou meu filho, que ele trabalhava também numa firma, aí ele disse “Julieta, manda o Celso, que vai abrir um

concurso, manda ele fazer um concurso”, ele fez, passou, trabalhou vinte e cinco anos na prefeitura.

E – E o que a Sra. viu na prefeitura de São Paulo? A Sra. deve ter visto muita coisa.

J – Prestes Maia foi quando eu entrei. Depois de Prestes Maia veio aquele Armando Arruda Pereira, Ademar de Barros trabalhei também com ele, Ademar de Barros, Jânio Quadros.

E – A Sra. pegou o Jânio muito antes da eleição dele para presidente?

J – É, Jânio. Depois... quem teve o outro, não me lembro agora. Ferraz também foi prefeito, que era não sei o que Ferraz, não me lembro agora. E Covas, quando eu me aposentei o Covas estava entrando como prefeito.

E – Qual a Sra. gostou mais?

J – Olha, eu não tenho queixa, porque eu gostei de todos. Nunca tive motivo de não gostar nem de um nem de outro, mas eu acho que o mais assim foi o Jânio Quadros, porque ele era danado. O Jânio Quadros era formidável, também o Ademar de Barros foi ótimo.

E – E a Sra. voltava regularmente a Piracaia?

J – Vinha, todo final de semana eu estava aí, quando estava minha mãe toda semana eu estava aqui. Mais movimentado aqui a noite, né, tudo era. Tinha cinema inclusive, hoje não tem mais.

E – O cinema ficava aqui na praça da Matriz?

J – É, aquele que hoje é um clube. Depois abriram aquele outro na esquina ali onde tem um (...?) lá tinha um cinema.

E – Um cinema bem pequenino, não é? Está escrito ainda lá em cima.

J – Mas a cidade é ótima, uma cidade muito bonita, muito gostosa. Santo Antônio, nosso padroeiro. A cidade é muito... todo mundo que vem para cá adora Piracaia, pena que não tem movimento, não tem o que tinha antigamente, antigamente tinha muito mais do que hoje.

E – É, porque tem muita foto do Seu Brandão, do Seu Francisco, o avô do Seu Ailton, que ele retratava as festas, e é sempre com muita gente, sempre lotado. Você olha, fala assim “nossa, onde é que está esse povo todo?”, porque hoje em dia você vê, não tem muita gente...

J – Tem muita gente, mas sabe, uma gente que não sai, não fica no... não faz uma reunião, uma coisa assim, a não ser quando tem essas festas do padroeiro, aquela coisa, mas não é muito festeiro. Joanópolis é, o povo é mais festeiro do que aqui.

E – E a família da Sra. continua morando aqui?

J – Tem, tenho os sobrinhos... pai e mãe não tem mais, irmãos não tenho, só tenho sobrinhos, primo, sobrinho eu tenho, agora em Joanópolis tem também uma sobrinha que é casada com o irmão que foi prefeito, o Zé Costa, ele foi prefeito lá e agora parece que ele vai se candidatar de novo. Ótimo prefeito. Então minha sobrinha é casada com o irmão dele. Uma gente muito boa; Joanópolis o povo é muito bom também, muito bom, gente muito festeira também.

E – É menor não é, ai conserva um pouco mais as festividades.

J – Mas são mais festivos que o pessoal daqui, bem mais.

E – Estranho, porque aqui teve uma vida cultural muito forte, não é? Você pega pelas fotografias, Joanópolis era uma coisa mais campo, mais rural, mas aqui não, aqui funcionava a cidade, como cidade.

J – Por exemplo, esse meu tio que eu falo, ele foi um dos fazendeiros também muito grande lá em Joanópolis. Muito grande, muito rico, depois perdeu muito com a queda do café.

E – Que lá também era só plantação de café?

J – É, só, lá era só negócio de fazenda. Mas a cidade mesmo tem mais movimento do que aqui, eu acho. Lá em Joanópolis, eu vou sempre lá, domingo mesmo eu fui almoçar na casa da minha sobrinha, mas quando tem as festas lá eu vou, toda a vida, eu gosto.

E – Eu trouxe aqui, Dona Julieta, a qualidade não está muito boa, mas eu mandei ampliar umas fotos, é só para a Sra. ver, e tem algumas figuras que eu gostaria que a Sra. reconhecesse, uma delas é o padrinho da Sra., que ele aparece... ele foi um grande amigo do Seu Francisco, não é?

J – Foi, foi.

E – O Seu Francisco Brandão, ele tem um trabalho muito interessante, em determinado período ele fotografou a cidade inteira.

J – Ah, ele gostava, demais.

E – Ele ia de rua em rua fotografando.

J – Por isso que eu digo, o Ailton tem uma infinidade de fotografias que era do pai dele, nossa, é demais, o que ele tem lá é um colosso.

E – Ai tem algumas fotos da cidade, das ruas, o Seu Ailton já ajudou a identificar, nós identificamos muita coisa.

J – Este daqui de onde... ah, esse daqui eu sei, é daquela rua que tem e que vai sair aqui na praça, não é? (FB 103)

E – Eu acho que sim. Essas casinhas ainda estão lá, não é?

J – É, na praça, está lá. Então, aqui é uma casa que ainda existe lá, agora isso tudo aqui era o hotel do meu avô. Era esta casa aqui, era todo... são duas casas aí tinha continuação que era desse lado, e aqui tinha a casa que era da minha mãe, desse lado.

O Dr. Joaquim aqui ó. É, aqui é o Dr. Barbosa e aqui é o Coronel Zito. (AB 251)

E – O Dr. Barbosa é esse de bigode, e o Coronel Zito atrás do gramofone?! Esse lugar a Sra. sabe onde era, Dona Julieta? Tem muita foto desse lugar, das pessoas reunidas, as pessoas as mais variadas. Acho que era um lugar tipo de um barzinho ou uma casa de chás, eu não sei.

J – Não, deve ser a casa do Coronel Zito aqui.

E – Será? Será que o povo se reunia na casa dele?

J – É, deve ser lá. Esse quem deu?

E – Essas fotos são do Seu Ailton, daí eu tirei uma cópia. Isso é a chegada do circo aqui em Piracaia, essa foto é muito bonita, achei muito interessante. (AB 220)

J – Aqui o Caiapó, não é? Congada. (AB 222)

E – O Caiapó eles se vestiam de marinheiro?

J – Congada, é, esse é Congada.

E – E esse é o Seu Francisco na frente da farmácia? (AB 08)

J – Então, esta daqui é o dono – ele estava até nessa fotografia da minha mãe.

E – Na do casamento?

J – É, este daqui, é esse Sr. aqui.

E – do lado do pai da Sra.?

J – Ele naturalmente foi padrinho do meu pai, agora este daqui é o avô do Ailton. Este daqui é o Juiz, Dr. Barbosa, não é? Agora estes daqui eu não conheço quem são. Este daqui eu conheço, este daqui vem ser dono... sabe aquela chácara grande que tem abandonada lá atrás? Foi dele essa chácara, este daqui deve ser avô do Tazula (?), tem aquela casa de esquina ali. Não tem uma casa de esquina, cor-de-rosa aqui subindo? Logo tem um portão, ali mora o neto dele, Tazula (?), formidável, boa pessoa também.

E – E ele fazia o que? Ele era cafeicultor?

J – Ele era fazendeiro. Eu me lembro dele tão bem. Este daqui eu me lembro também. Este daqui eu não sei quem é este aqui. Este daqui é o avô do Ailton.

E – Este daqui é um dos tios do Seu Ailton. E aqui é a elite, é o círculo de amizades do seu Francisco. (AB 05)

J – Este daqui José Márcio Pinheiro Lima, este é o Dr. Joaquim Barbosa de Almeida, que no tempo acho que foi promotor aqui, não sei. Ele devia ter sido promotor ou juiz, não é?

E – Esse daqui não está aparecendo muito bem mas eu acho que era um médico, com os olhos claros, Seu Francisco tem várias fotos dele.

J – Será que é um... o baiano?

E – Eu não sei, o Seu Ailton o identificou com médico, só, ele não lembrava o nome dele.

J – É um que foi médico em Joanópolis e casado com a minha prima, Dr. Virgílio de Carvalho, baiano. Muito amigo deles, muito amigo do Seu Brandão e do Dr. Barbosa. Muito amigo dele, muito amigo mesmo. Casou com uma prima minha, filha desse fazendeiro que eu disse que tinha uma fazenda muito grande em Joanópolis, Francisco Boller (?).

E – E esse padre, a Sra. lembra dele?

J – Não.

E – Ele tem uma cara sisuda, e ele aparece em várias fotos também. Mas logo depois entra um padre mais novinho que ele.

J – Esse daqui é o dono daquela casa Varela, este aqui. Agora esse daqui eu não sei quem é, este daqui eu não conheço, este é meu padrinho e esse é aquele que é juiz, que foi juiz aqui também.

Esta é a mesma coisa, meu padrinho, Dr. Barbosa, este daqui é o avô do Ailton, não, pai do Ailton, Seu Brandão. (AB 024)

E – Não, é o avô, avô do Seu Ailton, o pai do Seu Caetano. Seu Caetano não aparece em nenhuma foto das que eu trouxe.

J – Não, este daqui é o pai, é o Seu Brandão, que é casado com a mãe do Ailton.

E – E a Sra. lembra quando morreu a mãe do Seu Caetano?

J – Não. Eu sei que ela morreu cedo. É a que era madrinha de minha mãe, Dona Mariquita, se não me engano.

E – E chegou a existir Loja Maçônica aqui em Piracaia?

J – Tem. Era aqui naquela casa, nessa chácara tem o emblema até.

E – Naquela chácara mais afastada ali?

J – É, tem o emblema na porta lá. Este daqui era o dono da chácara, e meu avô era o maioral da maçonaria aqui.

E – Será que o Seu Francisco também era maçom?

J – Eu não sei, dele eu nunca soube. Dele eu penso que não, penso que não.

E – Tem algumas fotos em que aparece o Seu Francisco e que são de fotógrafos de São Paulo. Eles vinham até aqui?

J – Vinham, também vinham de lá. Essa fotografia você vê que fotografia ótima que era.

E – E a Sra. lembra se o Seu Francisco fazia foto cobrando, as pessoas procuravam ele como fotógrafo?

J – Eu não sei.

E – Porque o Seu Tetê sim, não é?

J – O Tetê sim. O Tetê ele era fanático por fotografia. O que ele tinha de fotografia! Às vezes a gente ia lá, nossa, ele tinha aquele colosso, mas mostrava fotografia de tudo que era jeito de Piracaia.

E – E ele gostava de mostrar?

J – Ah, adorava.

E – E mostrava as fotos do pai dele?

J – É; o Ailton deve ter, deve estar com o Ailton.

E – Tem, tem bastante coisa. Tem uma parte da coleção que são os negativos que sobraram, estão na Unicamp, que foi por onde eu conheci a coleção, trabalhando lá eu cheguei aos negativos e me envolvi com a história e acabei fazendo um projeto de pesquisa, e vim a descobrir aqui, com o Seu Ailton, muita fotografia.

J – É, a família Brandão é uma família muito estimada aqui, como a do Coronel Thomáz Cunha. Hoje eles quase não vêm ver a fazenda, quase nem aparecem aqui, quem ficou da família – tinha um dos netos dele mas que faleceu também, esse vinha todo dia aqui em Piracaia – mas a família mesmo dele não tem quase ninguém aqui. Mas era uma família muito grande, estão mais em São Paulo, que ficou os netos, os bisnetos tudo em São Paulo. Que era o dono dessa casa grande da esquina, a de baixo, pegada ao cinema, e tem uma fazenda muito bonita, quem vai para São Paulo, quem vai pra estrada de Bragança... não, quem vai pra Bragança, é na estrada saída de Bragança.

Acabou, o pessoal mais antigo acabou, agora tem muita gente nova. Tenho amizade com todo mundo, graças a Deus tenho amizade com todo mundo.

(mostrando fotos na parede) E aqui sou eu.

E – Ah, a Sra. nenezinha. Lídio Herdade, teve a família Herdade aqui?

J – É a família Herdade, ele era fotógrafo, o pai dele é que tinha jornal aqui em Piracaia, o Piracaiense, o pai dele era um dos donos do Piracaiense.

E – E será que tem alguém ainda da família Herdade que tenha fotos?

J – Tem... entrando nesta rua, o Ailton sabe, tem a Terezinha, que vem a ser neta... é, neta dessa pessoa.

E – Do Lídio?

J – Não, sobrinha do Lídio, é sobrinha dele.

E – A Sra. falou que o pai da Sra. foi prefeito?

J – Em 30, 1930.

E – Teve um filho do Seu Francisco, tio do Seu Ailton que também foi prefeito, o...

J – O Alziro Brandão.

E – E o Alziro era bem mais novo, mas foi para Portugal não é?

J – Ele foi, o Alziro foi, porque o pai quando viajava, o avô do Ailton, ele sempre levava, uma vez levou um filho que veio lá bem portuguezado, até foi meu namorado quando veio de Portugal.

E – A Sra. namorou então um tio do Seu Ailton, Dona Julieta?

J – Esse era tio do Ailton, e quando foi a outra vez levou o Alziro também para Portugal.

E – Com o Alziro ele passou um bom tempo lá, não é?

J – É, ele veio bem portuguezado, o Alziro, sabe?

E – Porque o que a Dona Maria Eugênia falou é que quando ele ia passava um bom período lá, um ano, dois...

J – É, ficava uma temporada grande lá. Mas ele era um homem, um português bonito, forte. Ele ia muito para Portugal.

E – E o Seu Francisco ia fazendo amizades, não é? Ele tinha um círculo grande de amizades...

J – Era uma farmácia muito grande, o pessoal chegava logo ia na farmácia do Brandão, então ele já era muito atencioso, muito... e já pegava amizade com a família toda, e assim era.

E – Mas a Dona Maria Eugênia falou para mim que o Seu Francisco era muito rígido com os filhos, ele criou os filhos com rédea curta.

J – É, e o Tetê era também.

E – E a farmácia era um grande ponto de encontro?

J – É, era ali, ali iam os promotores, delegado, juiz, tudo, não saiam da farmácia do Brandão.

E – E ficavam lá, conversando?

J – É, ficava, tinha lá os banquinhos ali na entrada, o pessoal chegava, já entrava lá, depois já ficava ali dentro de casa porque lá tinha uma quituteira muito boa, que fazia muita coisa gostosa, então já era uma pessoa que criou... dessas, não digo empregada, sabe quando vem uma pessoa morar, trabalhar na casa e ali fica, já fica, cria os filhos, os netos, tudo, assim, chamava Julia o nome dela, chamava ela de Buia. Era um amor de criatura. A gente se dava muito, a família muito amiga da minha mãe, a minha avó, muito amiga dela.

FIM

Entrevista com a Sra. Maria Eugênia Peçanha Brandão Leo e com o Sr. Ailton Flávio Peçanha Brandão, realizada em 21/10/2003, em Piracaia, SP.

E – Eduardo Covas

M – Maria Eugênia Brandão

A – Ailton Brandão

E – O que eu quero conversar com a Sra. é... A pesquisa que eu estou fazendo é centrada no Seu Francisco Brandão. Eu vou falar alguma coisa sobre o pai da Sra., Seu Caetano, mas agora eu estou recolhendo mais informações, e seu Ailton, sempre que eu pergunto alguma coisa pra ele, ele fala assim “quem sabe é minha irmã”.

M – As vezes eu sei.

E – Gostaria que a Sra. falasse primeiro qual o nome da Sra.?

M – Maria Eugênia Peçanha Brandão Leo.

E – E a Sra. é a filha mais velha do Seu Caetano?

M – A filha mais velha do Caetano Carvalho Brandão.

E – E o Seu Caetano era qual filho do Seu Francisco?

M – Ele era o segundo, o segundo filho.

E – Seu Francisco teve quantos filhos?

M – Teve... parece... eu não sei se é sete ou oito.

E – Com o primeiro casamento?

M – É, com o primeiro. Porque depois ele não casou-se mais, mas ele teve uma, uma... um caso, teve três filhos com esse caso, mas nunca morou junto, nada.

E – Só era um caso?

M – Só era um caso, foi uma namorada. Ele assumiu os filhos, tudo, mas não quis casar nunca mais. Ficou viúvo com trinta e seis anos.

E – Foi jovem. E a Sra. sabe o por quê que ele veio de Portugal?

M – Bom, nós levamos muitos anos sem saber, sempre via meu avô com o olhar distante, nunca tive resposta. Depois quando minha filha casou-se ela foi pra lá e foi visitar a família e tal, e lá ela ficou sabendo que meu avô foi subversivo. Mas ele nunca falou. E ele era para ser deportado para a África, mas como a família dele é gente de influência, arrumaram para ele vir para o Brasil, e aqui ele veio encomendado para o Sr. Antônio Fontoura, do Biotônico Fontoura, que arranjou emprego pra ele em Bragança. E de Bragança ele veio pra Piracaiá, conheceu a minha avó, casou e ficou aqui. Estabeleceu aqui.

E – Virou piracaiense?

M – Virou piracaiense.

E – E depois disso ele volta pra Portugal?

M – Ai depois disso ele foi uma vez, foi e voltou logo. A segunda vez a mãe dele estava doente, ele foi, estourou a guerra ele ficou preso lá. Acabou ficando dez anos, ficou dez anos lá.

E – Ele foi, a guerra começou quando ele estava lá?

M – É, quando ele estava lá; logo em seguida. Ai a mãe dele velhinha, ele não vinha, não vinha, daí ficou cada vez pior a guerra, ele só veio quando terminou, veio em maio, que eu ia me casar em outubro, ele veio para ser meu padrinho de casamento. Chegou aqui eu não sei o dia de maio mas foi em 1946, que ele volta.

E – Então ele deve ter saído daqui em 36 mais ou menos.

M – É, mais ou menos.

E – Porque tem fotografias de uma viagem anterior dele a Portugal.

M – Mas ele foi, ele foi umas três vezes.

E – Visitar?

M – Visitar a mãe; depois a mãe morreu, daí ele veio e não voltou nunca mais. Ele tinha família lá, os irmãos, sobrinhos, propriedades.

E – Ele deixou irmãos?

M – Deixou irmãos; uma irmã e um irmão. Que eu saiba. Um irmão chamava-se Augusto, tinha uma alfaiataria na rua do Porto. E a irmã, parece-me que a irmã tinha – não sei se bem, acho que é irmã sim – que era casada com um Sr., dono da fábrica de champagne Monte Alegre.

Eu estive em... acho que 91, não, 95, 96, a farmácia dele foi tombada.

E – Tem uma foto dele na farmácia.

M – É, tem, tem.

E – E a Sra. lembra dele tirando fotografias?

M – Lembro, ele gostava muito de tirar fotografias.

E – Porque, o que o Seu Ailton me contou é que quando o pai da Sra. assume a fotografia, Seu Brandão dá uma distanciada.

M – Já não tirava tanto, mas tirava.

E – Ele continuou tirando fotografia?

M – Muito raramente, uma coisa que ele se interessasse muito. Ele se afastou mas, de vez em quando, uma coisa que interessasse pra ele... Eu lembro que ele nos deu um presente, ele montou uma fotografia, deu um relógio para as netas, e uma... essa de três rodas, como é que chama? Me esqueci, um velocípede, um velocípede pros netos. Então ele tirou fotografia nós todos, eles no velocípede, e eu com minha irmã com o relógio, e ele montou, ele com outro neto olhando no muro nós brincarmos. Mas foi montagem. Então essa aí é uma das que eu lembro que ele ainda mexeu.

Ele começou a abandonar mesmo eu devia ser mocinha já.

E – Que ele deixou total?

M – Que ele deixou total.

E – E aí o pai da Sra. deu seqüência? Seu Caetano continuou tirando as fotografias?

M – Deu seqüência, continuou tirando.

E – Porque tem foto em que todos os netos já estão mocinhos e Seu Francisco ainda vive.

M – É, ele morreu... eu lembro quando ele morreu eu já estava esperando meu segundo filho.

E – Ele chegou a conhecer o bisneto então?

M – Chegou a conhecer a bisneta, a primeira. A primeira ele conheceu, pôs no colo, ela tinha uns dois anos quando ele morreu. Ele morreu em 52. Eu não lembro se é 3 de junho ou de julho de 52.

E – Ele morreu bem velhinho?

M – Bem velhinho, eu não me lembro a idade mas era mais de setenta anos. Não me lembro se era setenta e oito, setenta e nove. E até a véspera de morrer ele estudava medicina. Ele tinha, ele era um... ele gostava demais, então ele fazia as fórmulas dele, que meu bisavô já fazia, ele continuou fazendo as fórmulas, livros preciosíssimos que meu sobrinho jogou fora.

E – Não acredito. Jogou fora, como?

M – Pôs no lixo, achou que não tinha valor. Dois loucos. Os que ficaram com o balcão, porque o pai deles comprou a farmácia, eles ficaram com tudo, não quiseram nos dar nada, nós também não somos de briga – nossa família não briga – deixamos eles fazerem o que quiser, mas hoje nós arrependemos de ter deixado eles dar um fim nos livros de receita. Meu avô foi um estudioso até a hora de morrer, porque ele morreu teve um colapso, então ele... sempre estudando, sempre ao pai da medicina, dos remédios modernos.

E – Seu Ailton falou que o pai da Sra. já não gostava tanto de farmácia?

M – Não, meu pai não gostava tanto. Meu pai não.

E – Ele ficou... ele herdou a farmácia?
M – É, herdou, não era muito fanático não por causa da farmácia.
E – E a fotografia, Seu Caetano continuou fazendo do jeito que o Seu Francisco fazia? Tirava fotografia do mesmo jeito que o Seu Francisco?
M – Do mesmo jeito.
E – Onde ele revelava?
M – Revelava num quartinho que tinha lá em casa, na nossa casa...
E – Então, eu trouxe essas fotos...
M – Esse aqui é meu primo, já falecido. Era o primeiro neto. Eu era doze dias mais nova que ele. (FB 504)
E – Então tinha a mesma idade?
M – A mesma idade. O Zé Carlos, o Zé, meu irmão e eu. (observando a foto)
E – Isso antes dele ir passar a temporada em Portugal?
M – Antes dele ir passar os dez anos? Ah, bem antes. Mas acredito que nessa época ele tenha ido.
E – Daí tem essa outra fotografia que está com uma outra foto dele com os primeiros netos ao redor, e ele já não está aqui no Brasil mais? (FB 279)
M – Não, aqui estamos os três netos do meu pai, né?! E aqui somos todos nós, o Ailton, eu, a Lourdes... Não, aqui não é o Ailton... o Zé, Otaviano, Ailton, a Lourdes e eu. Falta um aqui que não tinha nascido.
E – Que foi o Franz, nasceu temporão?
M – O Francis.
E – E aí já depois que ele retorna de Portugal?
M – Não, mas não da última vez. Da última vez não, que eu ainda estou menina aqui.
E – Depois disso é que ele ainda vai para Portugal?
M – Mais ou menos nessa época. Acho que essa daqui foi a fotografia que ele tirou para ir. (FB 663)
E – Esse é o Alziro?
M – Não, esse aqui é o genro dele, casado com a Maria Antônia, Essa é filha dele. Meu pai, minha mãe, e os netos. Deixa eu ver os netos... esses dois aqui são filhos destes... Então, mas esses dois aqui são filhos dessa filha, são netos dele desta filha, e os outros somos nós. Ainda não tem o Franz.
E – E como era a relação do pai da Sra. com o Seu Francisco?
M – Meu pai... eles eram os dois explosivos. Então conversava o necessário. Meu avô quando os filhos homens faziam quatorze anos, ele matriculava na Beneficência Portuguesa, mandava trabalhar em São Paulo. Se ficasse doente já tinha a Beneficência Portuguesa pra tratar. Ele era assim, sistemático.
E – Mandava trabalhar em São Paulo?
M – Trabalhar em São Paulo. Falava com os amigos dele lá, arranjava emprego. Tanto que meu pai conhece muito bem São Paulo antigo.
E – O Seu Francisco ia muito pra São Paulo também, não ia?
M – Meu avô não me lembro que ele fosse não.
E – Por que tem várias fotos de amigos de São Paulo.

M – Mas acho que vinham aqui. Eu no meu tempo não me lembro do meu avô freqüentar São Paulo. O relacionamento dele com os filhos era assim, meio português, sabe?! Assim, meio frio, não sei se porque eles não tinham mãe. Minha avó morreu quando meu pai tinha oito anos. Quem acabou de criar foi minha bisavó. A minha vó era filha única, e deixou não sei se sete ou oito filhos.

Então ele era meio frio com os filhos. Ele era mais apegado com os netos. Não sei, parece que ele tinha... com os filhos ele não era tão chegado.

E – Ele era linha dura?

M – É, linha dura com os filhos.

E – Eu acho que isso transparece um pouco nas fotografias, que eles estão sempre sérios. E os netos não, estão sempre sorrindo.

M – É, ele era muito amigo dos netos. Eu não sei por quê ele tinha esse... Meu avô tinha algum enigma que eu não sei o que era, já veio de lá da terra dele. Lá eu fiquei sabendo que a mãe dele queria mais bem o outro filho que ele, e depois que ele entrou na política ela se desgostou mais, então ele devia ter uma mágoa dele lá que transpôs, passou pros filhos.

Então, aqui somos nós; esses são outros sobrinhos, outros netos, esse daqui é o Antoninho; esses dois aqui são filhos de outro irmão do meu pai. Aqui somos nós; esse aqui é filho da filha, minha irmã mais nova. Era no quintal lá, numa mangueira – eu já estava na escola – uma mangueira que tinha lá. Esse daí é um pé de goiaba, mas atrás tinha uma mangueira. Cortaram agora. Compraram a casa e cortaram a mangueira. (FB 703)

E – Essa é na casa que foi demolida?

M – Na casa que foi demolida. Essa mangueira é onde eu me escondia da mãe quando ela queria me bater, eu subia lá em cima. Eu subo muito bem em árvore até hoje. Até hoje eu subo em árvore.

Ah, esse daqui ele já tinha voltado. Já tinha voltado, já tinha o Francis. Acho que eu estou grávida aqui do Carlos Eduardo. Logo depois ele já morreu. (FB 532)

E – Essa foto o olho da Sra. é algo de lindo. Essa foto é muito linda. (FB 451)

M – esse daqui é o Ailton, o Otaviano, o Zé, eu, e a minha irmã mais nova. Mais nova mas está mais velha que eu, acho. Essa daqui é a minha bisavó, que criou eles. (AB 157) Uma tia, que morreu moça, ela foi passear com ele em Portugal – só meu pai que não foi pra Portugal, os outros ele levou – foi passear em Portugal, quando ela voltou – ficou lá uns dois anos com ele; quando ele ia ele parava um ano, dois – quando ela voltou ela não se acostumou mais com o clima daqui, ficou tuberculosa. Esse daqui é um tio que morreu, morreu moço ainda, nem conheci, essa daqui não conheci, essa daqui é Maria Antônia, essa daqui eu conheci, morreu há pouco tempo, e meu pai.

E – Então ele acabou perdendo dois filhos?

M – Ah, ele perdeu muitos filhos. Perdeu um – nenhum eu conheci, só conheci a tia Maria Antônia e o tio Quinze – ele perdeu um filho, tinha dez anos, perdeu um, acho que era congestão, não sei, foi tomar banho, era nenezinho ainda, tinha mamado, parece que deu congestão – eles falavam que era congestão, a gente nem sabe, hoje parece que ninguém morre de congestão, não é?! – e perdeu um de dez anos, foi brincar num andaime e caiu, e quando acordou estavam dando água para ele numa latinha, e ele ficou doente, mas ele não deixou contar para o meu avô, morreu de meningite. Meu avô só ficou sabendo depois que ele morreu. O outro morreu – o outro farmacêutico, formado lá em Penápolis,

muito bom, deixou um filho que é esse mais velho que eu doze dias – teve uma doença, meio cerebral, morreu, e ele previu a morte dele. Ele deixou no papel “dia três de fevereiro, as três horas da tarde”, ele escreveu.

E – E foi?

M – E foi. Mandou por “La Comparsita” para ele ouvir, morreu. E o outro filho, morreu... casou-se, ele não queria que casasse porque a moça não era de família boa, então meu avô não queria que casasse, e ele casou-se escondido; quando meu bisavô – isso já era meu bisavô – meu bisavô chamou pra não casar, que ia dar uma casa pra ele, ia fazer a vida dele, ele disse “mas já estou casado”, e a mulher era pianista, era da boemia, não cozinhava; eles já tinham tendência pra tuberculose, porque minha avó morreu tuberculosa, então ele também, acho que já tinha o vírus, né?! Mal alimentado, morreu tuberculoso.

E – Tuberculose levava muita gente.

M – Levava, minha avó foi com trinta e três anos. Naquele tempo quando morria um tuberculoso queimava tudo, a cama, roupa, fazia fogueira no quintal. Se tinha filho na escola, tirava. Minha sogra, a mãe morreu tuberculosa, precisou tirar ela da escola, cresceu analfabeta. Naquele tempo era assim.

Depois a outra minha tia já morreu de idade, com oitenta e poucos anos, faz uns três anos que faleceu; meu pai, esse meu tio que morreu, que estudou em Penápolis. Ele perdeu muitos filhos. Ai perdeu, quando estava em Portugal, perdeu um do segundo, da segunda relação dele, perdeu um.

E – Que ficou aqui no Brasil?

M – O Alziro estava lá com ele, morreu há pouco tempo. A filha ainda é viva, mora em Itu, mas ninguém sabe, ninguém vê. Ninguém sabe, ninguém viu. Por muito que a gente procure, não sabe nem onde está. Foi muito bem casada, foi muito rica, hoje é pobre, e sumiu.

E – O nome dela é Nêga?

M – Não, Santana, Maria Santana.

E – Maria Santana, e ela ficou com o nome do Seu Francisco?

M – Ficou, Maria Santana Brandão. Ele legitimava, quando pôde legitimar ele legitimou os filhos, legitimou.

E – Ele só não assumiu a relação, só não casou.

M – Só não quis casar. Casar ele não casou.

Então, essa daqui sou eu, a minha mãe, esse daqui é no dia das mães.

E – Aí todo mundo moço já. O Francis era pequeno. Ela teve Franz depois de onze anos da minha irmã, desta. Esta e o Franz têm onze anos de diferença.

E – É praticamente um neto.

M – É... Morreu, câncer na garganta. Perdi dois irmãos, o Ailton contou, né?! Perdi dois, este e este. Este morreu quarta feira, este morreu sexta.

E – Juntos?

M – Na mesma semana. Do coração os dois. Essa é a filha dele que mora em Itu, que está perdida, a Nêga, é, Santana. Ela, a Lourdes, eu, o Zé, o Ailton e o Otaviano, ela com cinco sobrinhos. Ela era uma moça bonita; meiga, não sei por quê ela fez isso.

E – Mas ela não chegou a ter quase relação com o pai então?

M – Teve, ela foi embora daqui porque meu avô não queira que ela se casasse com um Sr. que tinha aí, que era vagabundo, meu avô mandou pra lá pra ela esquecer dele;

eu tinha um tio morando lá, tio Quinze, então meu avô mandou que ela fosse pra lá pra ver se esquecia o namoro daqui.

E – Lá pra Itu?

M – É, lá pra Itu, na casa do irmão. Ela foi na casa do irmão. E lá ela ficou conhecendo outro moço, casou.

E – Que o Seu Ailton falou que na época ele não fazia nada...

M – Essa daqui é o papai, a mamãe e nós; falta o Franz. Boa fotografia, não é?!
(FB 486)

E – E essas fotos já era o Seu Caetano que tirava?

M – Ah, essa aqui foi meu pai. Essa daqui com certeza que ele armou a máquina e pediu pra alguém bater, algum conhecido que fosse passando ele pedia pra bater, com certeza.

E – Isso dentro da farmácia?

M – Isso daqui dentro da farmácia. Essa daqui já não sei se foi meu pai, se é... deve ser meu pai.

Meu pai montava fotografia, não viu aquela da baleia? O peixe, a Hebe Camargo...

E – Ah, essa daí eu não vi.

M – Eu tenho aqui, eu vou procurar, eu mostro doutra vez que você vier. Então, montagem que ele fazia. Um de nós carregando a baleia nas costas, essa aí é uma, e a outra é a Hebe Camargo em frente à geladeira, fazendo propaganda de geladeira.

Essa aqui presente de Natal, dia de Natal, nós com os novos presentes, eu meus dois primos e meus irmãos. (FB 885)

E – Na escadaria da casa?

M – Foi o último Natal que eu ganhei presente. Eu tinha onze anos.

E – Agora algumas curiosidades em relação ao Seu Francisco: uma coisa que eu tenho muita curiosidade é se ele continuou tirando fotografia em Portugal. A Sra. sabe?

M – Acredito que não.

E – A Sra. não viu nada dele?

M – Não acredito que não. Ele deixou a máquina, deixou tudo aqui.

E – Ele nem levou a máquina?

M – Não, acredito que não.

E – E o pai da Sra., ou algum tio, falava alguma coisa sobre a relação do pai? O que eles falavam do pai?

M – Eles queriam bem o pai, mas havia uma distância entre eles, porque foi a minha bisavó que criou, ele morava na farmácia e a minha bisavó morava na casa pregada, e ele sempre foi bem durão para os filhos, então não havia muito relação entre eles. Minha bisavó também não deixava muito porque ela criava com mimo, a filha era filha única, então ela tinha mimo pelos netos.

E – Eram os netos que ela tinha...

(Chega Seu Ailton.)

M – É, os netos que ela tinha. Então não havia tanto relacionamento. Existia assim, ia lá – ele era um avô! De manhã cedo ele batia com a bengala na janela para nós sairmos, não é Ailton?! Íamos andar, quando voltava ele fazia chá, manteiga, aquela manteiga Aviação, enchia o pão, torrava...

A – Ele tirava o miolo do pão, passava manteiga e punha no álcool...

M – É, espiriteira pra queimar o pão, daí nós tomávamos café com ele.

A – Tem outra coisa também, muito interessante: ele... laranja e banana com garfo.

M – É, não admitia que comesse. Porque ele era lá da família dele – esse meu tio que foi ficar com ele lá dez anos – a família dele era daquela aristocrática, que ainda vinha aquela salva de prata com pétalas de rosa pra lavar a mão...

A – Tanto que ele teve um sobrinho...

M – Secretário particular do Salazar...

A – É, foi secretário do Salazar. Chegou a sair em notas, pena que nunca ninguém... saiu em notas, lá é Escudo, não é?!

M – É.

A – Esse a filha dela chegou a conhecer...

M – Minha filha conheceu. Foi ele que contou pra minha filha que o vovô tinha sido subversivo.

E – Ele foi subversivo mas ainda na época da monarquia, não é?!

M – Da monarquia.

E – Porque o que me falaram é que ele tinha sido republicano.

M – Foi antes do Salazar.

A – Aí está o motivo que todo mundo que era fora da lei lá eles mandavam para o Brasil.

M – Por isso que aqui está cheio de bandidaiada. (risos)

E – Então ele era aristocrático, a família era rica?

M – Era rica. Era gente de posse.

A – Você vê naquele tempo ele se formou em faculdade. Mas nós nunca tivemos notícia dos irmãos dele, se teve irmão.

M – Teve, isso teve. O Augusto que tinha alfaiataria lá no Porto, aquela irmã, casada com o champanhe.

A – É champanhe Castro, a champanhe mais famosa...

M – Ah é Castro, não é Monte Alegre, Castro, champanhe Castro. Pro meu casamento veio champanhe tudo de lá.

A – Quando ele veio de Portugal, no pós-guerra, ele trouxe presente para todo mundo. Vinha em caixote, sabe?!

E – E trouxe as champanhes?

M – Trouxe. A champanhe nós deixamos encomendada, vinha por uma importadora que trazia. Trazia pra vender aqui, e eles mandavam junto. Não veio com ele.

Mas pra ele, eles mandavam, cada três meses assim, mandavam tonéis de vinho, caixotes de bacalhau, azeitonas, lulas, esse peixes mais coisa assim vinha tudo enlatado.

E – Isso sempre?

M – Sempre, sempre, sempre.

E – Então nunca faltou produto português para ele?

M – Não, nunca. Toda sexta-feira ele comia bacalhau. Ele convidava os amigos, ele tinha sempre uma cozinheira, que era babá dos meus tios...

A – Sempre de casimira inglesa de terno e gravata.

M – Sempre, nunca vi meu avô de manga-camisinha.

A – Eu nunca vi ele sem paletó.

M – Fizesse frio ou calor – naquele tempo não tinha banheira, ele tinha... de tarde já punha água, já deixava água lá nas jarras, nas caixas – fizesse frio ou calor, tomava banho de água fria na hora que acordasse, seis horas de manhã. Isso até morrer.

E – Ele criou grandes amizades aqui em Piracaia?

M – Muito.

A – Aqui as amizades dele aqui era o Juiz de Direito, o Tabelião...

M – ...o Sebastião de Barros, o relacionamento dele aqui era muito bom. Essas pessoas chegavam já iam procurá-lo, sabiam que ele era mais ou menos... mais culto da cidade, então...

A – O que ele gostava muito era carteadado.

E – Ele gostava de carteadado?

M – Ih, jogava noite, depois comia sardinha com pão, ele dizia que o estômago não sabia a hora. Tomava vinho...

E – Tem uma foto dele jogando carta.

M – É, ele gostava.

E – Mas nunca perdeu muito dinheiro, jogando carta?

A – Você perguntou pra mim se ele era mulherengo...

M – Ele teve a Gertrudes, né?!

A – A mãe do Alziro...

M – Acredito que santo ele não fosse, mas era tudo muito reservado, nunca nós ficamos sabendo de nada além dessa Sra. Eu acho que ele era bem reservado. Mas devia ser, porque tem fotografia dele aí que... um português lindo, muito bonito, com trinta e seis anos, não havia de ser santo, né?! É, mas firme teve essa só. Feia, não sei o que ele viu nela. Eu conheci, eu conheci.

A – Ah, essa eu não lembro não.

M – Gertrudes?! Você que não lembra dela, mas você conheceu. A Alzira já era casada.

A – Teve três filhos, teve a Nêga, teve o Zé Brandão e o Alziro. O que mais era chegado a ele era o Zé Brandão, depois ele faleceu. Deve ser tuberculose, aquele tempo era... Ai o mais chegado ficou o Alziro.

M – Mas pra avô foi excelente; o que ele não deu pros filhos ele deu pros netos; foi excelente avô, um avô de deixar saudades. Ele transferiu todo o amor dos filhos ele transferiu pros netos.

E – E esses filhos da segunda relação dele, ele já deve ter tratado de uma maneira diferente?

M – Não, mesma linha.

E – Mesma rigidez?

M – Mesma rigidez.

A – As netas gostavam muito dele.

M – Ele gostava mais das netas que dos netos.

A - ...é, ele fazia perfume pras netas.

M – É, gostava mais de nós que dos homens. É, muito bom avô, deixou saudades.

A – Quantos netos que ele deixou aqui?

M – É fácil. O Zé Carlos, seis do pai, sete; três do tio Qui, dez; os do Alziro quanto? Quatro, quatorze; da Nêga dois, dezesseis. Deixou dezesseis, dezesseis netos.

A – O sotaque era português.

M – Era português.

A – Quando ele via uma moça bonita, ele dizia assim “olha que rapariga bonita”, era rapariga.

M – É... ele me chamava, o meu apelido era rabeta, “tu és uma rabeta, tu és uma rabeta”, ele dizia.

E – Mas por que? De atentada?

M – Não sei; ele me chamava de rabeta, “Rabeta, vem cá”, “tu és uma rabeta”.

A – Ele era muito franco. A minha irmã, esse de Botucatu, tem um namorado muito magrinho, miudinho, ele conheceu, né?! E como é que ele falou?

M – “Parece um... passarinho depenado...”, que o namorado dela parecia um passarinho depenado. Ele tinha umas tiradas gostosas; ele sentava na porta da farmácia e o neto mais novo ele punha na perna, ficava balançando. Ele foi muito bom avô.

E – E freqüentou a farmácia até o fim?

M – Até o fim. Sentadinho na cadeira dele.

A – Eu me lembro bem da morte dele. Eu até tinha um baile para ir, não fui no baile por causa da morte dele. Mas ele morreu chamando o Alziro. E ele falava “Alziro, Alziro...”.

M - ...”homem, homem”!

A – Mas sempre lúcido; setenta e seis anos.

M – Ele teve uma gripe, o médico examinou às nove horas da noite, achou que ele estava bom; às onze ele teve o colapso. Era aniversário dele, nós estávamos preparando pro aniversário dele, que ia ser no dia seguinte, ia ser no dia seguinte o aniversário dele. Mas achamos carta dele dizendo – não sei bem transmitir direito as palavras, mas ele dizia: “Eu estou por poucos dias, talvez por poucas horas...”, pela pulsação.

A – E outra coisa interessante... bom, naquele tempo não tinha tantos laboratórios como tem hoje que empurra remédio pra farmácia, tinha menos, mas ele... as vezes se pessoa ia lá, ele recomendava remédio caseiro.

M – Detestava que desse remédio pra filho... pra neto.

A – Injeção na veia, ele era contra.

M – Injeção em criança então, nossa! Eu ia lá com a minha filha mais velha, que ele conheceu: “Ah, vô, está assim, assim, assim”, “Dá chá, dá chá que passa, não dá remédio”. Se a gente ficasse com gripe ele dizia “abirra-te e abafa-te...”, como é que ele dizia? “...avinha-te, abifa-te, abafa-te”, toma vinho, come bife e deita. Ele era contra remédio, nossa...

E – E ele usava... o que ele usava de remédio?

A – Os remédios ele fazia.

M – As fórmulas que ele fazia... Remédios feitos na farmácia ele tolerava, mas injeção em criança, ele achava um horror.

E – Mandava tomar chazinho?

M – Chazinho, que resolvia.

A – Ele ficou muito famoso aqui com essa... com esse tipo dele. Tanto que ele passou pro meu irmão e o meu irmão... se você perguntar na cidade aí pelo meu irmão. Um

dia vamos fazer a experiência, vou mandar você perguntar prum cara aí – mais de... não adolescente – mas se perguntar sobre o... quem foi o...

M - ...Zé Brandão.

A - ...Zé Brandão. Todo mundo fala. Hoje eu encontrei com o Nico, (dirigindo-se a Maria Amélia), o Nico que quer alugar sua casa, então eu “oi Nico, como é que está?”, “Eu vou indo bem, tudo mais, mas, faz uma falta o Zé Brandão”.

M – É, o Zé Brandão deixou saudades.

A – É, os médicos da época tinham um pouco de ciúmes dele, né?!

M – Ah! Os médicos vinham pra cá recém-formados – naquele tempo criança punha feijão, milho no ouvido – traziam pro Zé tirar; os médicos traziam, não sabiam. Eles eram novatos na medicina, e muito sem experiência, o Zé que ensinava; eles iam lá com o Zé; toda coisa mais apertada que aparecesse, eles iam lá.

A – O Zé ficou com mais fama do que ele, pegou mais o... Tinha as fórmulas todas ai.

M – Tinha, né?! Não é que sumiu as fórmulas?

A – É, tem um menino, um empregado que foi lá e sumiu com elas.

E – Uma última coisa, eu fiz a pergunta para o Seu Ailton ontem, a Sra. – pelo pai da Sra. principalmente – foi muito fotografada?

M – Fui.

E – Como a Sra. se sentia sendo tão fotografada assim?

A – Era tanto que não percebia.

M – Não percebia, é verdade. Quando era pequeno não fazia conta, depois de grande a gente não gostava muito não, tinha preguiça. Porque era assim: “espera aí que agora vai tirar fotografia”, então a gente era mocinha, queria se arrumar, tirava com preguiça. O dia das mães, nossa Sra.! Até juntar os seis, não?! Ih, pra juntar os seis no dia das mães...

A – Meu irmão dizia assim: “tomara que hoje não tenha foto”.

M – Aquela lá você já né?! Viu...

E – E o Seu Francisco deixou todos os filhos bem?! Com dinheiro, todos formados, todos criados?

M – Deixou todos criados, todos encaminhados. Meu tio trabalhava no escritório da fábrica São Pedro, fábrica de tecidos São Pedro em Itu. O papai era fiscal de algodão.

A – Depois ele veio pra cá, fiscal florestal. Agora meu pai – ele que esteja num bom lugar – mas ele não era de trabalhar muito não, sabe?!

M – (risos)

A – Depois ele pegou a farmácia.

M – É, o Alziro trabalhava com ele. Os outros já tinham falecido. A filha era casada com um coletor, coletor estadual.

A – (Para Maria Amélia) Você foi lá em Mealhada?

M – Fui sim.

A – Ela foi em Mealhada. Ela contou?

E – Contou. E os parentes de Mealhada se lembravam do Seu Francisco?

M – Ah, se lembravam. Uma sobrinha dele vinha sempre aqui.

E – Ah, o povo vinha visitar ele aqui também?

M – Não, vinha depois que ele faleceu que começou a Joaquina a vir.

A – Teve muita amizade com uma que era filha do Alziro. O que ela teve mais contato com nosso primo, o Zé Carlos, que tinha muito contato com eles lá. E ela era... Essa filha do Alziro, muito bacana mas nunca foi muito ligada com a gente. Então ela ficou mais passando, não chegava aqui. Uma ocasião ela chegou.

E – Porque ficou uma diferença, uma idade truncada!? O Alziro tem o que, tem a idade do Franz?

M – Não, ele é mais velho que eu.

A – O Alziro se ele fosse vivo ele teria hoje uns...

M – Uns oitenta e dois, oitenta e quatro anos.

A – É, uns oitenta e dois, oitenta e quatro.

M – Mais, acho que uns oitenta e quatro. Ele era mais velho que o Nicolau. Uns oitenta e dois, oitenta e quatro.

A – Mas uma coisa interessante, que você precisa fazer pesquisa – ele está animado com isso também – é das fotos do marido dela. Ele era, acho que mais fanático do que o meu avô.

M – Ele tirava foto do Cruzeiro durante o dia, deixava a máquina arrumada, depois ele batia a noite.

E – Do mesmo lugar?

M – Do mesmo lugar.

A – Ele deve ter muita coisa boa para se ver. Ele era o mais fanático.

M – Ele tem muito, deram um fim em tudo.

E – E ele conheceu as fotografias do Seu Francisco?

M – Conheceu, ele conheceu o meu avô!

E – Ah, ele chegou a conhecer o Seu Francisco...

M – Conheceu, eu já tinha filha com dois anos quando ele faleceu.

A – E ele estava sempre...

M – Ele veio para o meu casamento, ele foi padrinho do casamento, ele veio pro meu casamento.

A – Então, estava sempre renovando as máquinas fotográficas. Ele sempre gostou de máquina. Também que é descendente de italiano, e veio pra cá no início do século. Nicolau Leo, e ele era Nicolau Leo Neto.

E – Ah, da família Leo?

M – É, família Leo.

FIM.

Imagens referentes às entrevistas de Ailton e Maria Eugênia Brandão:



Figura 65 - Filhos de Francisco Brandão com a avó materna, sem data - AB 157.



Figura 66 - Ailton, José, Otaviano, Lourdes, Maria Eugênia Brandão, sem data - FB 451.



Figura 67 - Caetano Brandão, esposa e filhos, sem data - FB 486.



Figura 68 - Francisco Brandão e netos Maria Eugênia, José Brandão, José Carlos, sem data - FB 504.



Figura 69 - Maria Eugênia com filha ao colo, Ailton, Lourdes, Francisco Brandão com Francis entre as pernas, sem data - FB 532.



Figura 70 - Francisco Brandão rodeado pela Família Caetano Brandão e Cândido de Almeida Franco, sem data - FB 663.



Figura 71 - Francisco Brandão com filhos sem data - FB 697.



Figura 72 - Francisco Brandão e netos, sem data - FB 703.



Figura 73 - Natal da família Caetano Brandão, 25/12/1937 - FB 885.

Imagens referentes à entrevista de Julieta Amaral:



Figura 74 - Francisco Brandão, amigos e filhos em frente à farmácia, sem data - AB 005.



Figura 75 - Francisco Brandão e amigos em frente à farmácia, sem data - AB 008.



Figura 76 - Legenda não atribuída, sem data - AB 024.



Figura 77 - Legenda não atribuída, sem data - AB 027.



Figura 78 - Chegada do circo, sem data - AB 220.



Figura 79 - Marujada, sem data - AB 222.



Figura 80 - Legenda não atribuída, sem data - AB 251.



Figura 81 - Rua Coronel Tomás Cunha, sem data - FB 103.